Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 55.º/N.º 18991 4$00

SEGUNDA-FEIRA 1 MARÇO 1976

A horta das traseiras

Não é só a nostalgia do campo que leva estes habitantes da Damaia a ocupar os fins-de-semana com o amanho da sua «horta das traseiras»: postos perante o aumento galopante do custo de vida, eles tentam arrancar da terra que sobra uma mancheia de legumes. Mesmo em Lisboa há quem pegue na enxada ao sábado e só a largue vinte e quatro horas depois.

20 PÁGINAS

REUNIDOS EM POMBAL

Agricultores ameaçam partir o País ao meio

A ligação ferroviária Lisboa-Porto está neste momento fortemente ameaçada: uma eventual paralisação pode ser decidida no Plenário de Agricultores de Pombal, iniciado cerca das 13 horas. A ameaça de boicote surge após ter expirado, anteontem, o prazo dado ao Governo para que fosse entregue aos agricultores a semente de batata de que necessitam. Os promotores do plenário, muitos deles identificados com a CAP, aproveitaram o dia de Feira em Pombal, que reúne na vila centenas de agricultores.

Por altura do fecho desta edição do «D.L.» não havia ainda decisões assentes, sabendo-se, contudo, que as instalações da Comissão Liquidatária do ex-Grémio da Lavoura de Pombal eram exiguas para os muitos agricultores que já ali se encontravam e continuavam a chegar.

Alguns dos agricultores entretanto contactados pelo «D.L.» defenderam a concessão de novo prazo ao Governo e, na expiração do novo «ultimatum», o corte imediato das ligações Lisboa-Porto, primeiro as ferroviárias e depois as outras, incluindo a Estrada Nacional.

Como se sabe, o ministro Magalhães Mota passou o assunto para a Secretaria de Estado do Comércio Alimentar, a qual, por sua vez, convidou a Comissão Liquidatária para um «diálogo directo», no próximo dia 4, na Feira Industrial de Lisboa. A comissão não aceitou e convidou, por seu turno, a Secretaria de Estado para assitir ao plenário de hoje.

Recorda-se que vários dos elementos ligados à CAP são das zonas de Rio Maior Leiria e Pombal. As suas posições relativamente à Reforma Agrária são bem conhecidas.

Aliás, o plenário que hoje decorre em Pombal vem na sequência de outros, levados a cabo em vários pontos do país, o último dos quais, como noticiámos, teve lugar em Mirandela.

ESPANHA

Sétimo dia de greve dos camionistas

MADRID, 1 — (ANOP e R.) — Parece estar hoje a diminuir a vaga de greves em Espanha, o que acontece pela primeira vez, desde Janeiro, com os operários da construção civil e os camionistas de Barcelona prontos para regressar ao trabalho.

Contudo, não se vislumbrava qualquer solução para a greve dos camionistas noutras áreas do país, greves com têm ameaçado grandes cidades com o corte do fornecimento de víveres, medicamentos e outros produtos.

O Governo, na sua primeira medida contra a greve dos camionistas, recorreu ontem ao Exército para levar cloro para Badajoz, a cidade raiana a sudoeste, a fim de purificar a água potável.

A paralisação, agora no sétimo dia, é em apoio de reivindicações de redução das portagens nas estradas e de carburante mais barato.

Contudo, dirigentes sindicais afirmaram que os camionistas de Barcelona estavam aparentemente prontos para voltar hoje ao trabalho.

Da mesma maneira, cerça de 80.000 operários da construção civil de Barcelona deveriam regressar hoje ao trabalho, segundo se esperava, após conseguirem aumento de salários e menos horas de laboração.

Entretanto, o ministro espanhol do Interior, Manuel Fraga Iribarne, declarou que, no seu caminho para a liberalização, o Governo espanhol está a actuar entre duas forças: a extrema-direita e a extrema-esquerda.

Em entrevista concedida a uma cadeia norte-americana de televisão, Iribarne disse acreditar firmemente nas possibilidades de reforma do actual sistema sistema político espanhol e convidou os políticos cépticos a observarem os resultados dentro de alguns meses.

O ministro espanhol acrescentou que está a ser preparada pelo ministro da Justiça uma lei para reforma do código penal, a qual reduzirá brevemente o número de presos políticos que existem em Espanha.

"Peso" não afasta Guiné-Bissau da zona do escudo

A decisão tomada pela Guiné-Bissau de emitir moeda própria medida que ontem mesmo entrou em vigor, não tirará a ex-colónia da zona do escudo e não deve contribuir para romper as relações com Lisboa. Estas intenções foram afirmadas pelo presidente Luís Cabral ao frisar que as medidas tomadas não tinham por objectivo hostilizar o Governo português, mas desbloquear uma situação que se vinha arrastando e impedindo a inauguração de uma nova era de franca cooperação entre os dois países.

Em Lisboa, as autoridades governamentais ainda não tornaram pública qualquer posição, a qual, todavia, será expressa, ainda hoje, numa nota oficiosa do Ministério da Cooperação. De qualquer modo, a medida anunciada pela Guiné-Bissau não constituiu surpresa para Portugal, dado que os receios de que qualquer coisa de semelhante viesse a suceder haviam já sido expressos pelo secretário de Estado, Gomes Mota, aquando do seu regresso de Bissau, após se malograrem a 5.ª fase das negociações de cooperação e económico-financeiras entre os dois países.

Entre os pontos de divergência que têm existido entre Lisboa e a sua ex-colónia, conta-se a questão dos créditos do Banco Nacional Ultramarino datando da era colonial, situação que entravava a transferência do poder emissor do B. N. U. para o Banco Nacional da Guiné. Outros pontos de divergência passam pelo pagamento da divida pública da ex-colónia pelos empréstimos

Continua na pág. 20

METALURGICOS E RETALHISTAS: recomeçou a contratação colectiva

(Pág. 9)

Costureiras das Oficnas Gerais de Fardamento do Exército vieram ao «Diário de Lisboa» expor os seus problemas. Querem uma coisa muito simples: que o Governo lhes faça justiça.

(Pág 9)

Nacional

Política de A a Z

SESSENTA DIAS OS ADIAMENTO

O desafio de Francisco Sá Carneiro a Francisco Costa Gomes ficou adiado por sessenta dias. A campanha do P.P.D., e principalmente do seu secretário-geral contra o Presidente da República, vem de longe, mas adquiriu novo ímpeto e uma completa definição no discurso proferido por Sá Carneiro, no comício realizado em Amadora. Depois de se ter referido aos mortos e aos «retornados» de Angola, depois de ter recordado as «2 milhões de emigrantes portugueses, espalhados pelo Mundo», em nome de um milhão e quinhentos mil eleitores, o secretário-geral do P.P.D. condenou o reconhecimento da República Popular de Angola, depois de ter recordado os «2 milhões de emidedinho espetado e voz aguda, Francisco Sá Carneiro sentenciou: «Com o mesmo direito com que disse ao Povo, sr. Presidente, que na Revolução portuguesa não havia lugar para a social-democracia, nós dizemos-lhe que continuamos a discordar de si. Com o mesmo direito com que disse que o futuro de Portugal passava por uma união do P.C.P. com o P.S., nós dizemos-lhe que as nossas posições, do P.P.D., mais uma vez, não são as suas. Com o mesmo direito com que o sr. Presidente disse há pouco que era o P. S. e o P.C.P. que defendiam o socialismo e a democracia, nós dizemos-lhe que queremos eleições para a Presidência da República, até ao dia 25 de Abril.»

Não era uma sentença de morte, era um mandato de despejo. Ao seu tom imperativo, e impertinente, furtou-se o Conselho da Revolução com a singular atitude de um simples adiamento. O general Francisco da Costa Gomes não será substituído na Presidência da República «até ao dia 25 de Abril» como Sá Carneiro exigiu, nem será substituído por um «presidente interino» como Freitas do Amaral sugeriu. As «eleições legislativas» e as «eleições presidenciais» não serão realizadas simultaneamente. E o general Costa Gomes terá, após o acto eleitoral que designará os deputados à 1.ª Assembleia Legislativa, sessenta dias para arrumar os seus papéis e preparar-se para abandonar o Palácio de Belém.

UMA SOMBRA NO COMÍCIO

Disse Francisco Sá Carneiro: «... esta hora, que seria normalmente de alegria, esta nossa reunião, não a podemos hoje viver plenamente, pensando que neste dia, foi reconhecido pelo Presidente da República, com o apoio do P.C.P. e do P.S., o regime colonialista de Angola, hoje mesmo ocupada pelo Exército regular cubano, com os seus generais, suas tropas disciplinadas, não revolucionárias, seus tanques, seus canhões, com os barcos soviéticos a intervirem na batalha de Moçâmedes, a patrulharem as costas de Angola. Com os seus conselheiros soviéticos a orientarem as tropas cubanas, já com os médicos, engenheiros e os técnicos cubanos a ocuparem o lugar deixado pelos portugueses escorraçados daquelas terras em que haviam vivido durante gerações, como angolanos verdadeiros que eram, por uma falsa descolonização, hoje consumada.»

Esta é a maior fraqueza de Francisco Sá Carneiro. A cada passo o orador populista denuncia, na própria pele, nas próprias palavras, o deputado de Marcelo Caetano. O mesmo anticomunismo primário, o mesmo anti-sovietismo grosseiro, a mesma vocação imperial condescendente, no formal jurisdicismo com os ventos que sopram no Mundo, e uma incontrolada indignação perante os militares que liquidaram a mitologia da «Ordem fascista». Não, não esquecemos que Sá Carneiro desistiu de... colaborar com Marcelo Caetano. Mas, não podemos deixar de ler, na versão oficial do seu discurso, as palavras que condenam «uma falsa descolonização». Quererá Sá Carneiro explicar-se? Quererá explicar a presença do P.P.D. nos sucessivos Governos culposos por essa «falsa descolonização»?

A FALSA DESCOLONIZAÇÃO

Homem de «direita» pela educação, pela formação intelectual, pela prática política em que se tem empenhado, excedendo-se, e excedendo as diatribes dos elementos mais reaccionários do seus próprio partido, no discurso que proferiu em Amadora, o secretário-geral do P.P.D. afirmou: «Está consumado, não o processo de descolonização, mas sim o processo de colonização de Angola e dentro em breve de África pelas forças social-imperialistas.»

A situação a que se chegou em Angola — segundo Francisco Sá Carneiro — deve-se à presença de Rosa Coutinho, à intervenção soviético-cubana, ao apoio do P. S. C. P. sempre recentemente também do Partido Socialista; culminando com a decisão do Presidente da República...».

De olhos postos nas urnas, o coração em sintonia com a reacção, Francisco Sá Carneiro ataca o general Costa Gomes (e nele, o Conselho da Revolução e o M.F.A.), ataca o P.C.P., ataca o P. S. Do mesmo passo, confessa, a quem queira servir-lhe de confidente, que de Portugal tem uma visão particular. Sá Carneiro prepara-se para governar com a «direita». O seu esquema táctico corrigido ao [illegible] corrente, insere-se na mesma estratégia: [illegible] para a «classe política» do «pós-[illegible]» mesmo modo que o «marcelismo» foi [illegible] com Salazar», o «carneirismo» será [illegible] sem Marcelo», o «marcelismo» em [illegible].

RENOVAÇÃO DA LINGUAGEM POLÍTICA

[illegible] Carneiro das suas viagens por países estran[illegible] e das suas negociações com a A.O.C., das suas leituras novas e das velhas convivências, adquiriu um preciso, rigoroso, rico e renovado vocabulário político. Está actualizado, em palavras, e coragem de afirmar. Ora, apreciem: «É bom, pois, que se veja quem atrasa as eleições. Mais uma vez vemos o acordo dos sociais-marxistas com os sociais-fascistas.»

Que caminho percorrido numa árdua formação, política, desde a entrada para São Bento pela mão benévola, de José Guilherme de Melo e Castro!

DECIDIDO PELO GOVERNO

Duração máxima de um ano para os acordos colectivos

Recomeça na próxima sexta-feira o debate do Conselho de Ministros acerca do projecto de decreto-lei sobre política salarial apresentado pelo Ministério do Trabalho. Entretanto, na sessão extraordinária de sábado foi aprovado o diploma emanado do mesmo ministério sobre contratação colectiva, o qual prevê nomeadamente a vigência de um ano, como limite máximo, dos acordos colectivos de trabalho.

É o seguinte o comunicado oficial da reunião de sábado do Conselho no que toca a decisões:

1.º Um projecto de decreto-lei emanado do Ministério do Trabalho regulamenta as relações colectivas do trabalho que se estabeleçam entre trabalhadores e entidades patronais, através das respectivas associações ou entre associações sindicais e entidades patronais. É aplicável também às empresas públicas com regras especiais para as do sector da comunicação social.

A regulamentação é feita por convenção colectiva, por decisão arbitral e por via administrativa, esta de uso excepcional, como tal admitindo-se apenas por falta de interlocutor para a negociação, ou por inexistência de iniciativa das associações competentes, e não pode ser afastada pelos Contratos individuais do trabalho, salvo para estabelecer condições mais favoráveis para os trabalhadores.

Podem celebrar convenções colectivas de trabalho os sindicatos, as entidades patronais, ou as associações patronais, as Uniões Federações e Confederações de Sindicatos ou de Associações Patronais.

A celebração revestirá forma escrita, vinculando-se as partes pelas assinaturas dos seus legítimos representantes. Deve a convenção referir obrigatoriamente a designação das entidades celebrantes, a área e o âmbito de aplicação, pelo prazo de vigência, o processo de denúncia, e a data da celebração. Não é lícito as entidades patronais desvincularem-se do cumprimento da convenção vigente até ao termo do respectivo prazo de vigência, ficando, em caso de cessão total ou parcial de uma Empresa, a entidade patronal cessionária obrigada em substituição da cedente. Em negociações referentes à matéria da retribuição de trabalho atribuir-se-à prioridade ao ajuste do acréscimo global de encargos salariais.

Os instrumentos da Regulamentação Colectiva, que serão publicados no boletim do Ministério do Trabalho nos 15 dias seguintes ao seu depósito no Ministério do Trabalho, terão a vigência de um Ano como limite mínimo, mantendo-se em vigor até à sua substituição por novos instrumentos de regulamentação. Prevêem-se sanções para o não cumprimento do disposto no decreto-lei.

2. Iniciou-se o debate do projecto de decreto-lei sobre política salarial apresentado pelo Ministério do Trabalho, havendo mesmo sido interrompido dado o adiantado da hora, designando-se a próxima sessão, a realizar no dia 5 de Março para o seu prosseguimento.»

Vítor Alves em Belgrado

Seguiu para Belgrado esta manhã o ministro da Educação e Investigação Científica, major Vítor Alves, com o objectivo de observar os modos de resolução do problema do ensino na Jugoslávia. Vítor Alves viajou acompanhado por técnicos do seu Ministério.

A visita realiza-se a convite do Governo daquele país e insere-se no acordo cultural assinado por ocasião da visita do presidente Costa Gomes à Jugoslávia, no ano passado.

O major Vítor Alves informou que nessa altura ficou estabelecida a intensificação das ligações entre os dois países, através dos seus governantes, no sentido de uma maior cooperação. Disse mais, o ministro da Educação e da Investigação Científica: «No campo da educação, procuramos o caminho que concerne à educação infantil, portanto, nos laivos da pré-escolaridade, educação de adultos, e a integração da escola na comunidade. Cremos ser bem a Jugoslávia um dos países onde se pode beber experiências que depois, com os nossos condicionamentos, aqui aplicaremos.»

Além de técnicos do M. E. I. C., esteve presente ao embarque, o embaixador jugoslavo.

Trocas com Bucareste favoráveis a Lisboa

Segundo revelações do conselheiro económico da Embaixada da Roménia em Lisboa, atingiu cerca de 14 milhões de dólares o total dos produtos que no ano findo Portugal exportou para aquele país no âmbito da cooperação luso-romena, não tendo ultrapassado os 7 milhões da mesma moeda o conjunto das nossas importações vindas de Bucareste. As trocas comerciais entre os dois países representam assim para Portugal um saldo de 7 milhões de dólares na sua balança comercial.

Todos estes números foram referidos à Anop por Vasile Voicuva, que adianta como solução para equilibrar aqueles volumes de trocas, e os seus reflexos nas balanças comerciais dos dois países, a necessidade (e intenção) da Roménia aumentar as importações de Portugal, ao mesmo tempo que vai procurar organizar melhor o nosso trabalho para aumentar também as exportações da Roménia».

No balanço apresentado, o conselheiro económico da Embaixada romena manifesta o propósito do seu país de «colaborar, cooperar e apoiar Portugal» no secor pecuário através da «tecnologia, material biológica e financiamento que os portuguese virem poder ser do seu interesse». Este ano — acrescentou Voicuva — A Siderurgia Nacional vai fornecer à Roménia cerca de 15 mil toneladas de folha de flandres. Entretanto concluiram-se negociações para a construção de um grande pórtico de 500 toneladas destinado aos estaleiros navais romenos de Mengalia, cujo valor ronda os 7 milhões de dólares.

GARANTE ANTÓNIO BARRETO

Óptimas relações com países socialistas

«Consolidar as nossas relações com os países socialistas na base dos princípios fundamentais da independência, da não ingerência e de óptimas relações, independentemente do facto de termos regimes políticos diferentes», foram, segundo as palavras do Secretário de Estado do Comércio Externo, dr. António Barreto, os objectivos fundamentais da visita que realizou à República Democrática Alemã e à Hungria.

JORGE CAMPINOS NA ALEMANHA FEDERAL

O ministro do Comércio Externo, Jorge Campinos, encontra-se na Alemanha Federal onde participa na Bolsa Internacional de Turismo. Esta manhã Jorge Campinos dará uma conferência de Imprensa, visitando depois o pavilhão português na BIT e assistindo, à noite, a um jantar oferecido ao burgo mestre de Berlim.

SAUVAGNARGUES VOLTOU A PARIS

«Não estou surpreendido, mas muito contente, de ver que os nossos pontos de vista se aproximam, e chegámos mesmo à conclusão de que os nossos contactos deveriam ser mais regulares» — declarou ontem no Aeroporto de Lisboa o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Jean Sauvagnargues, à partida para o seu país, após uma visita oficial a Portugal.

Sauvagnargue afirmou ainda aos jornalistas que a sua visita veio confirmar o interesse amigável da França por Portugal, pelo seu desenvolvimento e e pela sua via democrática.

Referindo-se à anunciada visita do presidente Giscard d'Estaing a Portugal, confirmou que ele virá ao nosso país em data que ainda não podia precisar, mas que «virá certamente logo que seja possível».

No aeroporto compareceram à despedida do chanceler francês o ministro Meto Antunes, o secretário de Estado da Emigração, dr. Sérvulo Correia, o embaixador de França e pessoal superior do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Embaixada de França.

Uma guarda de honra da G.N.R., com bandeira e banda, prestou a guarda de honra e desfilou em continência perante Sauvagnargues.

PUB

Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho

TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL

A Direcção do SNTD não aceita a posição do Ministério do Trabalho, devendo os Trabalhadores manter os direitos já adquiridos

Lisboa, 28-2-76

A Direcção

post scriptum

EMPRÉSTIMOS EXTERNOS

Em certos meios oficiais, parece haver uma grande euforia relacionada com empréstimos externos.

No meio da nossa ignorância destes altos problemas, afigura-se-nos que a generosidade tão enaltecida dos nossos «amigos» da Alemanha e da Suíça não é mais do que um pôr no «prego» em grande.

Se querem dinheirinho, depositem o ouro correspondente. Ora, isto é o que eu faço quando estou aflito de «massas»; ponho o relógio ou o anel no penhorista e este «generosamente» dá-me os escudos pedidos.

Se não estou enganado, o sr. Genscher, ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha Federal, não nos trouxe o maná salvador, e ainda se permitiu dar-nos uns conselhos paternalistas.

João Borda — Lisboa

QUESTÕES DE PREVIDÊNCIA

(...)Repare-se que há reformados que descontaram para a Previdência num decurso de 20, 25 e 30 anos, recebendo reformas que pouco vão além dos 2300$00, isto até 31 de Dezembro de 1975.

Se há pessoas que sem descontos para a Previdência auferem subsídios mais elevados do que os reformados, onde se encontra o critério de um Governo que se diz criar um Portugal socialista?

Se com o aumento das tarifas dos caminhos-de-ferro, a C. P. antes do 25 de Abril de 1974 (Governo fascista) concedia aos reformados um desconto de 50 por cento do valor do seu custo, como se explica que na construção de um socialismo essa concessão lhes foi retirada, passando a conceder os 50 por cento a partir de um percurso para além de 50 quilómetros?

Claro está que sendo a C. P. uma das companhias nacionalizadas que joga com o dinheiro da Previdência que é o suor dos reformados, nega-lhes o privilégio que foi concedido por um Governo com regime de opressão.

(...) Sabendo o Governo que a Previdência é o auxílio de todos os que trabalham para se valerem dos seus recursos e esta está à beira da falência como já foi relatado na Imprensa que imponha um decreto-lei ordenado mínimo e máximo, de forma que todos tenham poder de compra, e o que for para além desse ordenado reverta para fundos de Previdência, e que todas as empresas que têm títulos que sejam obrigadas a pagá-los sob pena de confiscação de bens, orientando o Governo a Previdência com lei e rigor, para que todos os industriais sejam obrigados a contribuírem com os descontos respeitantes a patrões e operários ou empregados.

Agora que já não há cravos vermelhos e que estes foram convertidos em balas conforme se tem verificado se o VI Governo pensa construir um Portugal socialista de verdade, que pugne pelo seu povo, porque sem ele não pode governar, tenha em conta que o 25 de Abril de 1974 não volta, mas tenha a absoluta certeza, que enquanto houver portugueses com salários insuficientes ou de miséria, que não cheguem para competir com a alta do custo de vida actual, a Revolução continua, porque os mercados e estabelecimentos abastecedores não se encontram ao alcance de todas as bolsas, apenas favorecem a alta e média classe, ficando a braços com os sacrifícios os que menos ganham; tais como operários, reformados, inválidos e viúvas com ou sem pensão etc., etc. (...)

Sérgio Duarte Ribeiro — Amadora

SERÁ ESTE O CAMINHO?

(...) Será que nós caminhamos para o socialismo?

Nós trabalhadores não podemos acreditar, face aos ataques à bomba a sindicatos, sedes de partidos progressistas e outras organizações dos trabalhadores, prisão de dirigentes sindicais, residências desvastadas e até democratas mortos. Interferências do Ministério do Trabalho na vida sindical como o encerramento do Sindicato da Indústria Farmacêutica. Congelamento da contratação colectiva (abrange cerca de 80 000 trabalhadores), congelamento de salários com agravamento do custo de vida, indemnizações aos capitalistas e accionistas, saneamentos no aparelho do Estado e das Forças Armadas, libertação do Silva Cunha e «fuga do Tenreiro, prisões para os revolucionários que fizeram o 25 de Abril. **ÚLTIMA:** Otelo Saraiva de Carvalho. Entrega dos órgãos de Informação pagos pelos trabalhadores aos partidos políticos. Será este o caminho pluralista, para o socialismo à portuguesa?...

Um grupo de trabalhadores da E. I. P. — Cacém

NOÇÕES DE BALÍSTICA, PRECISAM-SE

...Uma pergunta, se me permitem; como antigo furriel miliciano regressado do Ultramar há dez meses (ainda não me esqueci das noções de balística que aprendi) podem explicar-me como é que fazendo fogo instintivo se dispara para o ar?

Houve, há tempos, uns certos desentendimentos entre a P. S. P. e alguns populares, que provocaram a morte de uma pessoa e ferimentos em mais meia dúzia (citação oficial). **Se não estou em erro,** mais uma vez as autoridades afirmaram que só houve disparos para o ar. Com mil diabos!!! Será que alguém me pode explicar como é que um homem com uma arma de fogo, estando ao mesmo nível (de altura) do inimigo, que neste caso é a população, dispara para o ar e consegue matar e ferir cidadãos? Serão ricochetes das balas? É que na tropa ensinaram-me, ou então ouvi mal, que se fizermos fogo para o ar e se o projéctil faz ricochete (segundo um ângulo de projecção possível de determinar). aquele **segue para cima e nunca para baixo!!!**

Já agora, aproveito a oportunidade para fazer um anúncio: Noções de balística. Preciso». (...)

R. A. C. S. G. Alcácer do Sal

AS INDEMNIZAÇÕES E A REFORMA AGRÁRIA

BLASCO HUGO FERNANDES

A Reforma Agrária envolve, como se sabe, um conjunto de medidas aplicadas em diferentes níveis entre os quais o que diz respeito à estrutura do regime fundiário. O objectivo fundamental da actuação nesta estrutura é precisamente o de eliminar os obstáculos que ela levanta ao desenvolvimento social e económico não só na agricultura como também, de uma maneira geral, em todo o País. Faz, pois, parte integrante daquela intervenção a necessária transformação da estrutura da propriedade fundiária e dos principais meios de produção agrícola (ou que contribuem para esta) de forma a reforçar na realidade a posição socioeconómica dos trabalhadores do campo, libertando-os definitivamente das diversas vias de exploração a que têm estado sujeitos. Quer se trate, portanto, da alteração dos direitos de propriedade dos grandes factores de produção, quer da subsequente reorganização, imediata ou não consoante o próprio desenvolvimento das forças produtivas em cada uma das regiões, de novas unidades de produção como carácter colectivo, a Reforma Agrária deve ser entendida como a ruptura com um passado gerador da exploração das classes trabalhadoras do campo pelos grandes proprietários e capitalistas.

Nestas circunstâncias é indispensável anular realmente o poder económico e sociopolítico destas últimas classes. Todavia, porque as grandes contradições sociais e económicas que ocorrem na agricultura se ligam igualmente às suas relações com os restantes sectores de actividade económica, a liquidação do poderio económico, social e político dos latifundiários e do grande capital agrário deve desenrolar-se de tal modo que um e outro não o venham a reconstituir noutros sectores, recuperando (ou reforçando), embora sob formas provavelmente diferentes, as possibilidades de ex-

Continua na pág. 4

O FIM DA ERA KEYNESIANA

1. DESEMPREGO, SALÁRIOS, PREÇOS

JACQUES RUEFF

Em 1936 Keynes propôs uma política que libertaria o Mundo do flagelo do desemprego permanente.

Não me façam a injúria de pensar que falo de tal empreendimento sem lhe dar grande atenção. Era um objectivo desejável, remediar um mal que levara a desolação e a ruína a tantos lares, principalmente em Inglaterra, onde entre 1923 e 1930 o número de trabalhadores sem emprego se situava entre um milhão e quinze mil, e dois milhões e seis centos mil. Mas um remédio só é útil quando, não tem consequências indirectas tão graves como o próprio mal que tenta tratar, consequências essas que podem privar aqueles cujos sofrimentos deseja atenuar de todo e qualquer resultado benéfico.

Para julgar o remédio keynesiano após quatro decénios de aplicação, é indispensável uma análise. E o que vamos tentar fazer.

Antes de Keynes, considerava-se o desemprego generalizado um acidente temporário ligado ao ritmo da actualidade económica. Verificara-se que o desemprego apresentava variações cíclicas, marcadas pelas alternâncias da descida e da subida do nível geral dos preços. Observa-se que a baixa do nível geral dos preços, característica dos períodos de depressão, não afectava imediatamente o nível dos salários. De facto ela aumentava o «salário real», quociente do índice de salários, pelo índice do nível geral de preços.

Sabe-se que em todos os mercados a subida do preço de um produto, em relação ao conjunto dos preços, diminui a procura e aumenta a oferta desse produto.

O desequilíbrio entre os movimentos respectivos do preço do trabalho e do nível geral dos preços dava origem a um tipo de desemprego, que, habitualmente se reabsorvia progressivamente através do ajustamento dos salários ao nível mais baixo dos preços de venda.

Claro que esse processo de curta duração não era exclusivo de uma alta progressiva e contínua dos salários, em função dos aumentos de produtividade.

Logo que surgiu o desemprego inglês, diferente pela sua rapidez, duração e amplidão, do desemprego que tinha sido consequência de outras crises periódicas, preocupei-me em pôr à prova factos de explicação clássica sempre ensinada e nunca posta em dúvida.

publiquei na **Revue politique et parlementaire** um estudo intitulado: «As variações do desemprego na Inglaterra».

Esse estudo revelava, no período 1919-1925, uma correlação quase total entre as variações da relação salários-preços — melhor dizendo, do salário real — e do desemprego, e confirmava com espantosa precisão a teoria clássica.

Que me seja permitido dizer, de passagem, e para a história das ideias, que o meu texto foi publicado quase um ano antes daquele em que, segundo Milton Friedman, Irving Fisher teria revelado em Junho 1926 na **«International Labour Review, «uma relação estatística entre o desemprego e as variações de preços.»**

Era importante saber se a correlação que eu referi era um acidente temporário ou a imagem de um fenómeno durável. Por isso, retomei em 1931 a mesma investigação. Ela mostrou uma correlação tão estreita como a precedente.

O meu artigo provocou vivas polémicas. O ilustre economista Sir Josiah Stamp — que depois seria Lord Stamp, antes de morrer em Londres, durante a guerra, no decurso de um bombardeamento aéreo — publicou longos excertos desse artigo no **Times** de 11 e 12 de Junho de 1931. No mesmo jornal, o editorial de 12 de Junho tinha um comentário sob o título **«Work Wages and the Dole»** (trabalho, salários e indemnização de desemprego.) Estes artigos faziam luz sobre o problema.

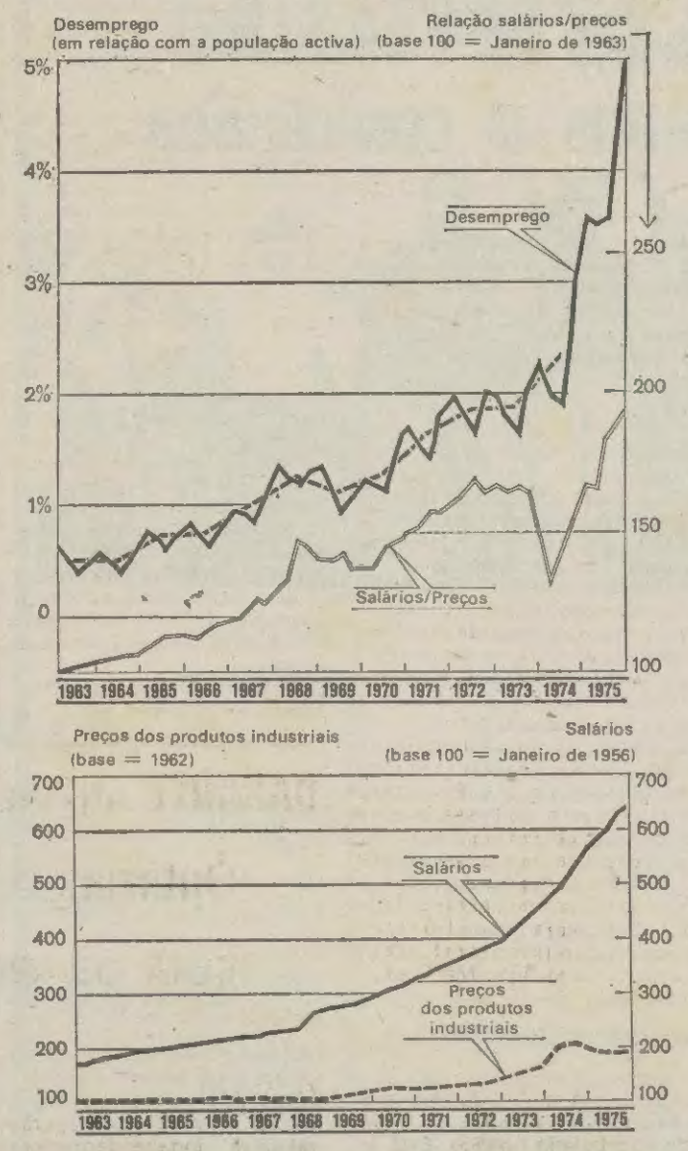
É um facto muito paradoxal e aparentemente contrário a todas as leis económicas, o facto de os salários terem podido manter-se rigorosamente invariáveis, quando a oferta de mão-de-obra ultrapassava tão larga e permanentemente a oferta de trabalho. Mas o paradoxo era aparente. Com efeito, havia em Inglaterra desde 1911 um sistema de seguro de desemprego, que dava aos trabalhadores desempregados uma indemnização, conhecida pelo nome de «dole».

A consequência de tal regime era estabelecer um certo nível mínimo de salário, a partir do qual o operário era incitado a pedir o «dole» de preferência a trabalhar por um salário que só lhe valeria um fraco excedente sobre a soma que recebia como desempregado.

Parece que no início de 1923 os salários, que em Inglaterra seguiam a baixa dos preços desviaram-se desse nível de equilíbrio. Detiveram-se bruscamente na queda e desde es-

Continua na pág. 4

O DESEMPREGO CRESCEU COM O FORTE AUMENTO DO SALÁRIO REAL EM FRANÇA DE 1963 A 1975



A CAUSA ESSENCIAL DO DESEMPREGO

A 10 de Dezembro de 1925

Nacional

Desemprego, salários, preços

Continuação da pág. 3

sa altura deixaram praticamente de variar.

De resto, o nível dos salários é praticamente o que, de facto, resulta dos contratos colectivos de trabalho. Mas é evidente que a estrita obediência a contratos que consentem que continue a haver um número importante de desempregados, não teria podido manter-se sem subvenção aos operários privados de emprego.

Vinquemos o facto de não ser necessário, para que a análise seja exacta, que o salário baixe até ao nível de «dole». Ele será geralmente imobilizado a um nível superior. Só o montante da diferença é que obstará, a partir de certo nível, à aceitação de uma eventual diminuição de salário.

Segundo os cálculos de Sir Josiah, o coeficiente de correlação entre as duas curvas (salário real e desemprego) não é inferior a 95 por cento durante o período de 1919 a 1925, «mais elevado, diz ele, do que qualquer correlação jamais encontrada no domínio económico». Durante o período posterior a 1927, calculado pelo Industrial Institute, é de 89 por cento.

Sir Josiah ainda nota que a tese — embora muito discutida — conseguiu convencer um pequeno grupo de economistas eminentes, como Pigou, Beveridge, Loveday e Siegfried que não são liberais impenitentes nem homens de direita.

Somos levados a perguntar se é possível observar uma mesma correlação noutros países. A investigação foi tentada por M. J. Denvc e publicada no **Bulletin de la statistique rénérale de la France** de Abril-Junho de 1930, mas falhou parcialmente pela quase inexistência fora de Inglaterra, nesse tempo, de um verdadeiro índice de salários e a raridade dos índices de desemprego. Em todo o caso, Denuc conclui do modo seguinte: «As estatísticas que dizem respeito ao poder de compra, mostraram uma concordância bastante geral entre as variações desse poder de compra e as do desemprego. Como essa concordância foi verificada, não só num mesmo país em circunstâncias diferentes mas ainda em países cuja estrutura económica é muito variada, pode pensar-se, ao que parecel numa ligação bastante estreita entre os salários reais e o desemprego. A mudança de sentido desses movimentos produz-se a maior parte das vezes nos salários reais antes de intervir no desemprego».

Estas verificações mostram que a imobilização do nível mais baixo dos salários, **um período de grande baixa do nível geral dos preços**, dessa origem a um excesso de ofertas de trabalho e insuficiência de procuras em condições análogas àquelas que o preço mínimo sempre criou em período de preços, decrescentes.

As bichas à porta das agências de emprego em períodos em que a baixa dos salários é bloqueada, equivalem **mutatis mutandis** à acumulação de «stocks» invendáveis que foram observados quando o preço de certos produtos agrícolas — como o trigo nos anos 1935-36 — era autoritàriamente mantido a um nível imitável, em período de baixa do nível geral de preços.

CONFIRMADA A EXPERIÊNCIA DO PASSADO

No entanto, a minha observação aplicava-se a um período antigo, em que a Inglaterra se encontrava em condições muito especiais, marcadas por uma progressiva baixa de preços. Era importante saber se o mesmo fenómeno poderia ser observado no período actual, caracterizado por uma subida constante do nível geral dos preços. Em 1974 comecei a investigação, com Geoges Lane, cuja assistência muito agradeço.

O diagrama mostra no período 1963-73, uma correlação semelhante à que se observara, em Inglaterra, no período 1919-30. A semelhança adquire significado porque se aplica a um período de preços crescentes. Mostra pois a generalidade do fenómeno.

Deve indicar-se, no entanto, que o período de Setembro de 1973 a Setembro de 1974 apresenta, em relação do resto de diagrama uma anomalia análoga à que foi observada em Inglaterra durante a greve geral de 1926. A perturbação pode estar ligada às condições particulares em que a brusca subida do preço do petróleo afectou o índice do preço dos produtos industrias, assim como as repercussões exercidas no índice do desemprego pela abertura de direitos a indemnizações duradouras a certas categorias de desempregados.

A existência e as variações do desemprego são pois a expressão de um fenómeno geral observado em todos os tempos e em todos os mercados.

Não vou perder tempo a discutir a pretensa **Relação de Philipp's** que estuda o mercado do trabalho sem consideração pelos preços a que o trabalho é vendido. Como era de prever ela revelou-se falsa e sem alcance. Acabou por ser abandonada.

Mais uma vez se verifica que toda e qualquer imobilização de um preço, quer esteja baixo (trigo), quer esteja alto (os alugueres das casas) cria — se não houver planificação autoritária das estruturas económicas — uma crise de quantidade. Só poderia encontrar-se equilíbrio através da adaptação desse preço ao nível geral dos preços, o que quer dizer, no caso particular do desemprego inglês, baixa do nível dos salários ou subida do nível geral dos preços.

Mas o salário é um preço muito especial até porque determina as condições de existência dos trabalhadores e das famílias destes. Este carácter dá-lhe muito legitimamente uma excepcional importância social humana ainda mais geral do que aquela que certos preços agrícolas apresentam. Esta importância permite prever as reacções da sensibilidade de opiões públicas às conclusões de qualquer estudo que implique a redução do nível nominal dos salários, mesmo se no mesmo período, o nivel geral dos preços tiver baixado mais.

© Le Monde

As indemnizações e a Reforma Agrária

Continuação da pág. 3

ploração do campesinato e do operariado agrícola e das suas unidades colectivas de produção.

Expropriações e indemnizações

O que foi exposto anteriormente tem muito a ver com o problema das indemnizações a latifundiários e a grandes capitalistas agrícolas pelas áreas e factores de produção que lhe foram ou que irão ser expropriados no âmbito da legislação sobre a Reforma Agrária e das próprias iniciativas revolucionárias, correctas e disciplinadas dos trabalhadores rurais e das suas organizações sindicais. De facto, indemnizar os grandes proprietários dos principais meios de produção, conseguidos em geral pela acumulação capitalista baseada na exploração dos trabalhadores e sendo no fundo produto do trabalho destes, não só constitui uma injustiça social como pode representar uma medida de consequências económicas negativas para o desenvolvimento. Apesar disso, no complexo decurso da construção da nossa democracia, face à correlação de forças que a têm acompanhado, ficou consignado na primeira lei da Reforma Agrária o princípio da indemnização pelas expropriações, segundo regras a estabelecer posteriormente. Não foi possível passar à prática uma decisão que correspondesse aos justos objectivos atrás expostos.

Indemnizações em títulos do Estado

O mais que se conquistou foi que as indemnizações a latifundiários e a grandes agrários não fossem em dinheiro. De facto, nos princípios fundamentais definidos por ocasião da última remodelação ministerial fixou-se que aquelas indemnizações seriam **exclusivamente em títulos do Estado**, embora distinguindo-se o pagamento consoante se tratasse de terras expropriadas ou de investimentos efectuados.

Existem, no entanto, razões para pensar que se procura pôr em causa essa decisão, tentando atirar para cima dos trabalhadores e das suas unidades colectivas o encargo do pagamento das citadas indemnizações. Na realidade, a forma como se tem processado a nossq Reforma Agrária leva a que os colectivos de produção vivam, como se sabe, numa demasiada dependência relativamente aos Centros Regionais de Reforma Agrária. Isso não seria mau, à parte os grandes inconvenientes que resultam de atitudes paternalistas, se houvesse da parte dos quadros que os constituem um verdadeiro empenhamento pela Reforma Agrária e uma efectiva indentificação com os interesses reais dos trabalhadores e dos colectivos por eles formados. Ora, isso nem sempre se passa, havendo pois, o perigo real de decisões arbitrárias a favor de latifundiários e grandes capitalistas e, consequentemente, contra as classes laboriosas ligadas ao processo da Revolução Agrária. Tudo isto tem muito a ver com a questão das indemnizações.

Na verdade, devido àquela excessiva centralização da vida das unidades colectivas em relação aos Centros de Reforma Agrária, estes realizam, entre outras operações, toda a contabilidade daquelas, sem que os trabalhadores agrícolas a controlem. O perigo está à vista residindo precisamente no facto de aqueles Centros poderem pagar aos trabalhadores apenas os seus salários desviando o excedente, os lucros das unidades colectivas para pagamento aos grandes agrários dos factores de produção expropriados.

Além disso, atendendo a que entre a expropriação ou a constituição do colectivo e o cálculo para efeitos de indemnização decorreu um certo tempo, durante o qual os trabalhadores aumentaram os factores de produção e incorporaram força de trabalho, pode-se verificar uma tendência de avaliação actualmente do capital a indmnizar e não o que existia no início do processo, isto é, aquele deixado pelos grandes agrários nas áreas expropriadas. Esta atitude favorece estes últimos indevidamente às custa do trabalho, sacrifício e investimentos realizados pelos próprios trabalhadores.

Tanto o primeiro procedimento que representa uma fuga à indemnização em títulos do Estado, como o segundo, que se traduz numa sobrevalorização dos investimentos a indemnizar aos grandes agrários, deverão ser pronta e eficazmente contrariados não só pela constituição de Centros Regionais de Reforma Agrária com quadros de confiança dos trabalhadores e das suas organizações sindicais como também pela concessão de meios adequados e suficientes às unidades colectivas de produção para que elas integrem quadros técnicos que lhes mereçam crédito. Caso contrário, um dos objectivos centrais da Reforma Agrária que é o da eliminação do poder económico e sociopolítico da classe dos latifundiários e grandes capitalistas, ficará seriamente comprometido.

PUB

FEDERAÇÃO NACIONAL
DOS SINDICATOS METALURGICOS

PARALISAÇÃO
DE 26 DE FEVEREIRO
RESULTADOS JÁ CONHECIDOS

DISTRITO	ADESÕES
ÉVORA E BEJA	MAIS DE 90 %
AVEIRO	MAIS DE 90 %
BRAGA	CERCA DE 70 %
COIMBRA	MAIS DE 90 %
FARO	MAIS DE 90 %
FUNCHAL	CERCA DE 80 %
GUARDA	CERCA DE 70 %
LEIRIA	CERCA DE 90 %
LISBOA	MAIS DE 95 %
PORTO	CERCA DE 75 %
SANTARÉM	MAIS DE 90 %
SETÚBAL	MAIS DE 90 %
VIANA DO CASTELO	CERCA DE 85 %
VILA REAL (Trás-os-Montes)	CERCA DE 80 %
VISEU	CERCA DE 90 %

A LUTA CONTINUA
UNIDOS VENCEREMOS!

MANUEL LERENO

AGRADECIMENTO E MISSA DO 30.º DIA

Sua família agradece muito reconhecidamente a todos aqueles que, de qualquer modo, lhes manifestaram o seu pesar pelo seu falecimento e informa que será rezada missa pelo seu eterno descanso, quarta-feira, dia 3, pelas 10 horas, na Igreja de S. José dos Carpinteiros, desde já agradecendo a quantos se dignarem assistir a este piedoso acto.

Nova revista de economia e questões sociais

«Economia — Questões Económicas e Sociais» é o título de uma revista que encetará brevemente a sua publicação. A documentação para o respectivo registo de título terá sido já entregue no Ministério da Comunicação Social.

A revista sairá mensalmente e no projecto estão empenhados nomes como Carlos Carvalhas, Eugénio Rosa, Sérgio Ribeiro, Mário Murteira e outros.

Nacional

ROMANCE ACABA À NAVALHADA

Foi morto à navalhada, em luta desigual que travou contra cabo-verdianos, na madrugada de ontem entre as ruas Fontainhas e a Elias Garcia, à Venda Nova, um jovem de 20 anos Luís Filipe Baeta, tipógrafo e residente na Avenida D. Rodrigo da Cunha, em Alvalade.

Apareceu naquele local e àquela hora (3 e 30) não se sabe como, presumindo-se que por motivo de ligações amorosas com uma cabo-verdiana. Esse facto pode estar na origem daquele «ajuste de contas» que culminou com o seu assassínio, contra o qual os médicos do Banco do Hospital de Santa Maria, para onde foi transferido se bateram infrutiferamente durante algumas horas.

A vizinhança, aos gritos do jovem, alertou as autoridades, que compareceram no local encontrando Luís Baeta a esvaiar-se em sangue. Ante a desproporção de forças, os soldados da G.N.R. pediram reforços, dirigindo-se para ali, quase de imediato, forças dos «Comandos» da Amadora, que fizeram uso de «G-3», alvejando, com um tiro, um dos cabo-verdianos.

O ferido, António Mendes Varela, de 21 anos, foi enviado, sob prisão, para o mesmo estabelecimento hospitalar num carro dos B.V.A. Em consequência da desordem foi também detido Gregório Lopes, de 27 anos, a viver numa das muitas barracas ali instaladas e igualmente natural de Cabo Verde. O homem que se julga ter anavalhado mortalmente o Filipe Baeta, de nome Pedro Varela, de 18 anos, é procurado pela P. J.

ASSALTO RENDE BARRAS DE OURO

Armados de navalhas de ponta-e-mola e de uma pistola, três indivíduos assaltaram, ao princípio da tarde de sábado, uma ourivesaria da Rua do Poço dos Negros, retirando-se, espectacularmente, com vinte e seis contos em dinheiro, cerca de três quilos de ouro em barra, diversas moedas nacionais e estrangeiras e uma caixa de sucata também de ouro, «recheio» que o proprietário do estabelecimento avaliou em perto de 1300 contos.

Na opinião do ourives roubado, que viu afastarem-se os assaltantes num automóvel cuja matrícula não conseguiu fixar, os três indivíduos «tinham todo o aspecto de ser cabo-verdianos», o que declarou, aliás, a uma patrulha que minutos depois apareceu no local. Afirmou ainda, o proprietário do estabelecimento José da Silva Valente, que na altura em que os assaltantes penetraram na ourivesaria conversava com o seu empregado, Nelson Manuel Gomes dos Santos, e que o cofre onde depositara todo o dinheiro apurado nas vendas da manhã estava aberto.

O ataque demorou cerca de um quarto de hora e os gatunos, consumado o roubo, abandonaram, um a um, o estabelecimento sem despertar supeitas às pessoas que circulavam pacatamente naquela artéria, tendo o último a deixar a ourivesaria ameaçado o proprietário e o empregado de disparar «a matar» de qualquer deles gritasse naquele momento.

O arsenal apreendido no carro dos assaltantes

A.F.M.R.P. divulga "Carta Aberta à População do Norte"

Terminando com uma palavra de ordem de apelo à unidade nacional — «Norte e Sul: uma só luta, um só País» a Associação dos Familiares dos Militares Revolucionários Presos dirigiu uma carta aberta à população do Norte exaltando o apoio recebido e em que «manifesta o seu profundo reconhecimento ao Povo do Norte pelas inequívocas demonstrações de solidariedade para com os detidos na sequência dos acontecimentos do 25 de Novembro de 1975».

«Quer pondo à total disposição dos familiares casa e haveres — prossegue a carta averta dos familiares dos militares revolucionários — quer acompanhando os militares e civis presos, encorajando-os com a sua presença militante, o Povo nortenho honrou, uma vez mais, a tradição que o retrata como democrático, amigo e hospitaleiro.

«Numa altura em que se impõe, como tarefa prioritária, a edificação de uma organização comum de que resulte, a partir dos esforços de todos os sinceramente empenhados na Revolução, a construção de uma sociedade mais justa, os familiares dos militares e civis presos confiam em que se mantenha e fortifique o espírito unitário de luta que se respirou no Norte, enquanto Custóias foi um símbolo. Os trabalhadores do Norte saberão defender essa unidade, a sua unidade. A vitória é certa».

Entre outras, a carta termina com uma palavra de ordem nova de apelo à unidade nacional: «Norte e Sul: uma só luta, um só País!».

14 SEMANAS DE PRISÃO E LUTA

..Após 14 semanas de prisão dos militares revolucionários e outro tanto tempo de luta da Associação dos Familiares, esta acaba de editar uma folha informativa procurando dar resposta e satisfazer inúmeros pedidos de esclarecimento sobre a situação dos militares presos. Salienta que após a 14.ª semana de prisão «torna-se necessário avivar na memória de cada um» o tempo de presídio que pesa sobre os seus familiares», mantidos prisioneiros, em represália por tudo o que fizeram na defesa do processo revolucionário que decorreu desde 25 de Abril de 1974. Que cada um «medite no que representa este tempo de prisão, agravado pela injustiça de que ela se reveste».

É feita também uma larga referência à situação dos militares milicianos frisando que «não se compreende como são atirados para o desemprego milhares de militares, enquanto se recrutam ex-militares, com ordenados nada condizentes com as medidas de austeridade».

A situação de licença registada «não liberta totalmente os militares» pois além de não lhes serem pagos os vencimentos ficam sem a possibilidade de serem admitidos em empresas oficiais e os antigos patrões sem a obrigação de os readmitirem.

INSÓLITO

..Factos insólitos são referidos pelos familiares dos militares e civis revolucionários presos. Como tal pode ser considerada a transferência do Forte de Caxias para o Hospital da Marinha do ex-primeiro-tenente Benjamim de Abreu, preso em Braga quando participava numa reunião do E. L. P./M. D. L. P., em Outubro do ano passado. A Associação «estranha o seu internamento no Hospital da Marinha, já que se trata de um homem expulso das Forças Armadas por ter fugido em 11 de Março. Por outro lado existe junto do Forte de Caxias o Hospital de S. João de Deus. Recorda-se ainda, que foi do Hospital da Marinha, donde há algum tempo, num golpe de comandos do E.L.P., foram «libertados» alguns perigosos contra-revolucionários, entre os quais o filho de Barbieri Cardoso».

Outro facto insólito ocorreu com a transferência dos «pides» da Penitenciária de Lisboa para Caxias.

«Os populares que assistiram à transferência daqueles para Caxias — aponta a Associação dos Familiares — estranharam ver soldados servindo de carregadores de bagagens dos «pides». É realmente insólito...

«Tanto mais insólito, se compararmos com o rigor e o aparato militar e policial que acompanharam as transferências dos militares revolucionários. Nessas alturas não havia quem ajudasse, mas sim quem algemasse, quem apontasse os canos das espingardas.»

ONZE BANCOS DEPOIS...

Quadrilha "Abambres" desfeita à bala

PORTO, 1 — A G.N.R. interrompeu subitamente, no último sábado, o almoço de três elementos da famosa quadrilha «Abambres», numa pensão em Arco de Baúlhe, Cabeceiras de Basto. Trata-se de uma quadrilha implicada em assaltos a onze bancos. O chefe do bando viria a ser abatido com três tiros e os outros dois foram transportados para a cadeia. Um destes é a jovem Ana Ferreira Marques, agora conhecida por «a menina que assaltava bancos».

Por altura da detenção, os bandidos reagiram violentamente, mas a pronta intervenção dos agentes e a entrada de militares na pensão, resolveu o problema.

No entanto, ao chegar a Cabeceiras de Basto, e à saída do veículo para o posto da G.N.R. um dos presos apoderando-se de uma pistola que deve ter sido passada pela companheira, apontou-a a um dos guardas, tentando a fuga. Então, outro agente, que estava de plantão ao posto, alvejou o salteador com três tiros, deixando-o prostrado. Foi ainda conduzido ao hospital da vila, mas chegou ali já sem vida. Era o chefe da quadrilha: Manuel João Ismael, de 29 anos, casado, industrial, natural de Abambres, concelho de Mirandela.

Já no posto, os outros dois foram identificados. Tratava-se de Ana Ferreira Marques, de 28 anos, solteira, doméstica, natural de Vilela, concelho de Paredes e do seu irmão António da Silva Marques, de 24 anos, casado, entalhador, natural da mesma freguesia.

Os três indivíduos seguiam num «Datsun» azul onde foram encontradas 800 mil pesetas, 12 mil escudos em dinheiro e ainda um arsenal constituído por uma carabina 22 com cano serrado e mira telescópica, quatro pistolas 7.65 devidamente municiadas e uma cabeleira postiça que a Ana Marques costumava usar nos assaltos.

O desmantelamento desta quadrilha principiou em Novembro do ano passado, com a captura de um dos seus elementos, quando o grupo preparava o «golpe» a uma agência bancária de Oliveira do Bairro.

Desde então, a P. J. começou a aperceber-se da actividade do grupo que se compunha de cinco elementos. Mais tarde, a P. J. viria a prender outro membro, seguindo-se um terceiro. Estes aguardam julgamento no estabelecimento prisional de Custóias.

De 8 de Março de 74, até Novembro de 75, foram praticados onze assaltos a agências bancárias em S. Mamede, Infesta, Leça da Palmeira, Esposende, Vila da Feira, Oliveira de Azeméis, Vale de Cambra, Barcelos, Cantanhede, Viseu, Vila do Conde e Santarém.

Os rendimentos dos assaltos cifram-se em 4400 contos, que os assaltantes distribuíram entre si, cabendo ao João Ismael a maior parte.

A Ana Marques e o Ismael deslocavam-se frequentemente a Portugal, embora a sua residência-base fosse em Espanha. Os dois irmãos foram já transferidos para a subdirectoria do Porto da P. J.

Ana Marques, a «menina» que assaltava bancos

Colheita de sangue

A partir de hoje até 27 de Março a unidade móvel do I.N.S., estacionará na Cidade Universitária, próximo do edifício da Reitoria, funcionando como posto fixo todos os dias das 10 às 13 horas e das 17 às 20 horas com uma equipa médica e de enfermagem para colheita de sangue

O horário de atendimento é das 10 às 12,45 horas e das 17 às 19,45 horas, situando-se as idades limite para a dádiva do sangue entre os 18 e os 65 anos, sendo cada pessoa examinada clinicamente antes de fazer a sua doação.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

SER OU NÃO SER FERIADO A 3.ª FEIRA DE CARNAVAL

COM. N.º 39

CAMARADAS :

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, alerta os trabalhadores dos sectores dos Têxteis, dos Lanifícios e o Vestuário, das Tinturarias e das Lavandarias para as manobras que o Governo está a fazer, com nítido intuito de **DIVIDIR PARA REINAR.**

Assim após a luta desencadeada por melhores condições de trabalho os trabalhadores conseguiram que nos seus contratos (Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Tinturarias/Lavandarias e outros) houvesse um conjunto de feriados, para o qual lutavam há vários anos. Entre esses feriados está a **TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL.** É com grande espanto nosso que o Governo, sem consultar os trabalhadores que são os principais interessados, mas dando ouvidos à **CIP** faz sair um decreto (713/A de 19 de Dezembro de 1975) que revoga — Art.º 3.º

«Consideram-se nulas e de nenhum efeito as cláusulas dos instrumentos de regulamentação colectiva vigentes ou futuros que estabelecem feriados diferentes dos indicados neste diploma.»

No entanto a nossa surpresa é ainda maior quando **OS SENHORES MINISTROS** em Conselho de Ministros de 24 2 76 deliberaram :

«Que na terça-feira de Carnaval haja tolerância de ponto nos serviços públicos.»

COM QUE INTENÇÃO ?

DIVIDIR PARA REINAR.

Nós já não aceitávamos o Decreto por o considerarmos anticonstitucional, porém, agora é que ele perdeu qualquer valor.

Lá diz o povo : «Ou há moralidade ou comem todos...».

CAMARADAS NÃO NOS DEIXEMOS LUDIBRIAR POR TAIS MANOBRAS.

TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL, FERIADO PARA TODOS OU PARA NINGUÉM.

Pela DIRECÇÃO
(Ilegível)

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa informa todos os associados de que apoia incondicionalmente a sua luta no sentido de não abdicarem do feriado de 3.ª feira de Carnaval, esteja ou não consagrado no C. C. T. desde que direito adquirido.

Nacional

Financiamentos para Sines e Porto

O interesse alemão em participar nos projectos petroquímicos de Sines e Porto foi reafirmado durante um encontro havido entre os secretários de Estado dos Investimentos Públicos e de Energia e Minas de Portugal com os seus colegas dos sectores da Cooperação Económica, Economia, Negócios Estrangeiros e Finanças, em Bona.

Na reunião, foi discutido o apoio da Alemanha Federal na construção de unidades de base em Sines e Porto, que se traduzirá em auxílio financeiro.

A missão portuguesa, integrando o eng.º António Sousa Gomes, dos Investimentos Públicos, e eng.º Fernando Marques Videira, da Energia e Minas, tinha estado antes em Paris. Da capital alemã, segue para Bruxelas e Londres, para outros contactos oficiais relativos à coordenação de financiamentos para o projecto petroquímico.

Aumenta o número de cooperativas

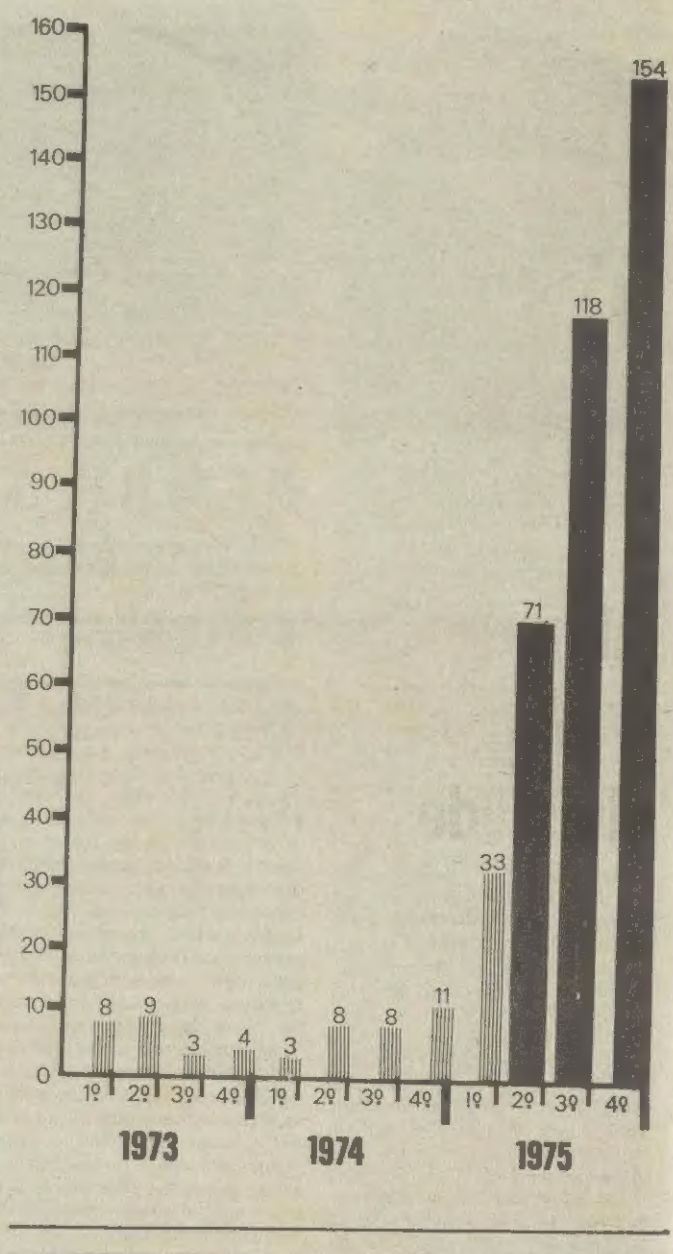
A constituição de sociedades cooperativas teve um incremento extraordinário a partir de Abril de 1974, sobretudo durante o ano de 1975. Enquanto em 1973 e 1974, a média de formação de cooperativas foi de seis e oito sociedades por trimestre, respectivamente em cada um dos anos referidos, em 1975 essa média atingiu 90.

O capital social médio de cada sociedade tem vindo a decrescer segundo os dados do INE. No primeiro trimestre de 1973 e de 1974 o capital médio das sociedades era respectivamente de 1436,2 e 75 contos. No segundo trimestre de 1975 o capital médio das sociedades cooperativas constituidas era apenas de 11,7 contos por cooperativa. Esta baixa deve-se às facilidades dadas depois do 25 de Abril, para a formação de cooperativas, sendo de referir o elevado número de sócios que podem incluir (o mínimo dez e o máximo não tem limite) e o pouco dinheiro que é necessário para as constituir (mínimo 1000$00).

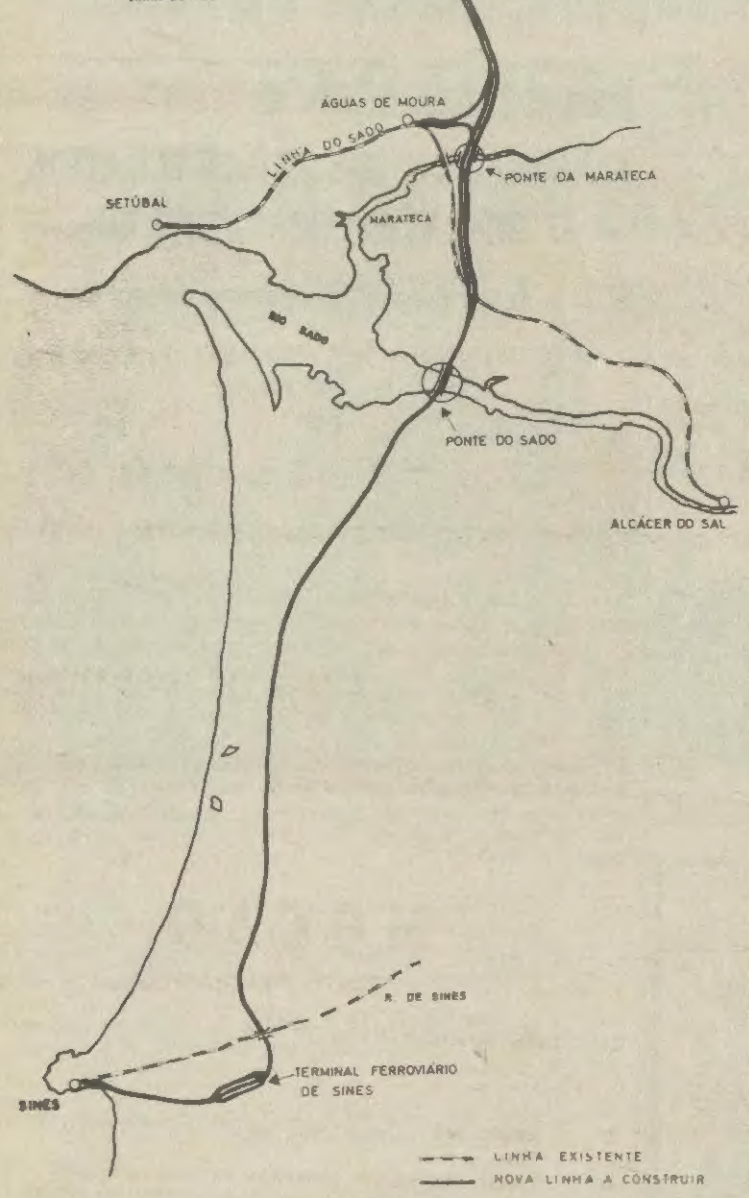
Não foi analisado ainda o significado deste incremento do número de cooperativas e, sobretudo, se estas representam uma mudança efectiva nas relações de produção em benefício dos trabalhadores. Algumas delas foram constituidas pelos trabalhadores que ficaram sem emprego, após falência ou despedimento das empresas em que trabalhavam, ou que viram os patrões abandonar as suas responsabilidades. Muitas outras porém foram constituidas por grupos de tores dos serviços e com profissões liberais.

Entre 1973 e 1974, e tendo em conta apenas os dados referentes aos três primeiros trimestres de cada ano, foram constituidas seis cooperativas no ramo que engloba as actividades da «Agricultura, Silvicultura, Caça e Pesca», um no das «Indústrias Extractivas», 108 das «Indústrias Transformadoras», 35 no das «Construção e Obras Públicas», 108 no «Comércio, Bancos, Seguros e Operações sobre Imóveis», oito no ramo dos «Transportes, Armazenagem e Comunicações» e 32 nos Serviços. Verifica-se uma maior concentração de cooperativas no «Comércio, Bancos, Seguros e Operações sobre Imóveis» e nas «Indústrias Transformadoras», tendo o ramo da «Construção e Obras Públicas» e dos Serviços sofrido um incremento relativo importante no último ano.

O número total de cooperativas constituidas subiu de 30, no ano de 1974, para 360 em 1975.



Empreendimento Ferroviário de Sines / Concurso Público



Concurso Público para a arrematação da empreitada de construção das seguintes obras de arte do Empreendimento Ferroviário de Sines

1 — Ponte sobre o rio Sado
2 — Ponte sobre a ribeira da Marateca

integradas no lanço Poceirão-Sado, nas modalidades cujas bases de licitação, caução provisória e prazos de construção se indicam:

MODALIDADE A

Totalidade das obras (2 pontes)

— Base de licitação	258 000 000$00
— Caução provisória	6 450 000$00
— Prazo	11 meses
— Com a conclusão da ponte da Marateca ao fim de	9 meses

MODALIDADE B

Construção da PONTE SOBRE O RIO SADO

— Base de licitação	160 000 000$00
— Caução provisória	4 000 000$00
— Prazo	11 meses

MODALIDADE C

Construção da PONTE SOBRE A RIBEIRA DA MARATECA

— Base de licitação	98 000 000$00
— Caução provisória	2 450 000$00
— Prazo	9 meses

No caso de o concorrente apresentar proposta para a modalidade A e para outra das modalidades B e/ou C, será dispensado da caução provisória correspondente às modalidades B e C.

A construção das duas obras de arte **(ponte sobre o rio Sado e ponte sobre a ribeira da Marateca)** só poderá ser adjudicada ao mesmo empreiteiro se este tiver apresentado a sua proposta segundo a modalidade A.

Alvaras exigidos: Empreiteiros nacionais de obras públicas, III categoria, 2.ª subcategoria e da classe 4 B para as modalidades A e B e da classe 4 A para a modalidade C.

Local, data e hora limite para entrega das propostas e documentação referida no programa do concurso:

Serviços de Secretariado da Comissão Administrativa da C. P. Calçada do Duque n.º 20, em Lisboa, no dia 12 de Abril de 1976, às 17 horas.

Local e data de abertura das propostas:

Sede da Companhia — Calçada do Duque n.º 20, em Lisboa, no dia 13 de Abril de 1976, às 15 horas.

Local e horário para exame do processo:

Direcção de Equipamento da C. P. — Equipa de Projecto de Sines — Avenida da República n.º 66-1.º-Dt.º — Lisboa, em todos os dias úteis (de 2.ª a 6.ª feira) e nas horas de expediente (das 9 horas e 30 minutos às 13 horas e das 14 horas e 30 minutos às 17 horas e 30 minutos) onde os concorrentes poderão, a suas expensas, obter cópias do processo de concurso.

O Presidente da Comissão Administrativa da C. P.

a) Eng. Amílcar Marques

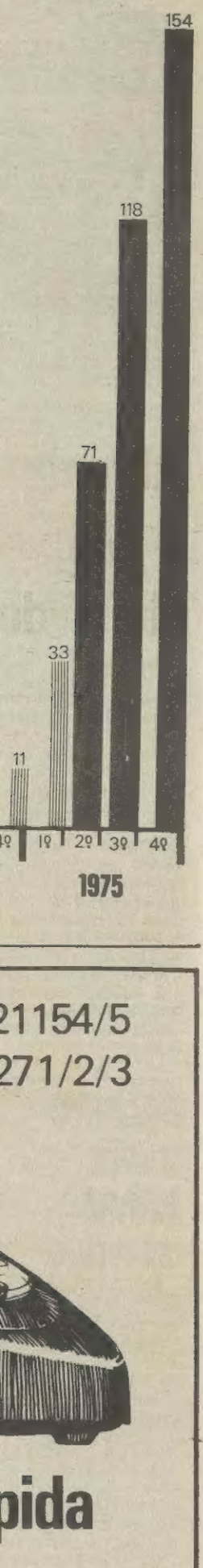
Caminhos de Ferro Portugueses

resposta rápida a qualquer problema

na execução de

CARTAZES
PUBLICAÇÕES
JORNAIS E REVISTAS

SOMOS:
RENASCENÇA GRÁFICA
Rua Luz Soriano, 44 Tel. 320271/2/3 e 321154/5



21154/5
271/2/3

pida

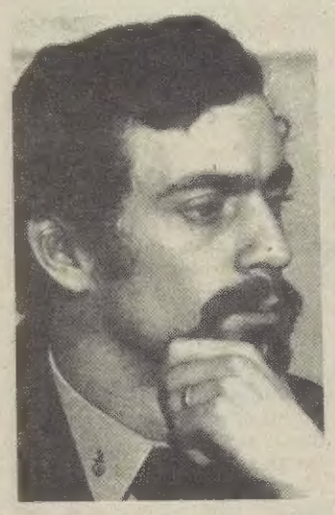
oblema

VISTAS

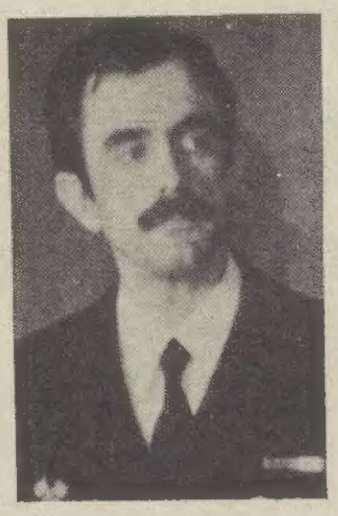
GRÁFICA

71/2/3 e 321154/5

Nacional



Miguel Judas



Almada Contreiras

Almada Contreiras e Miguel Judas libertados ontem

Mais quatro militares, detidos em consequência dos acontecimentos do 25 de Novembro, abandonaram o Forte de Caxias: capitão-tentente Almada Contreiras, 1.º tenente Miguel Judas, Alferes Lima Correia e cabo Andrez.

«O ritmo das libertações está a sossegar as famílias dos detidos» — afirmou-nos, esta manhã, um elemento da Associação dos Familiares dos Militares Revolucionários Presos.

De acordo com a A.F.R.P., «é provável que dentro de duas ou três semanas não haja já qualquer militar detido».

E o dito elemento da Associação acentuou ainda:

«O que nos foi prometido está a ser cumprido.»

Com estas quatro libertações, encontram-se presentemente detidos, em Caxias e Santarém, dezanove militares.

POSIÇÃO DA U.R.A.P.

Entretanto, a União de Resistentes Antifascistas Portugueses (U.R.A.P.) afirma que «perante o avanço do perigo fascista» não vê «que os poderes constituídos tomem as medias necessárias para o conjurar. Pelo contrário: há antifascistas que foram lançados para as prisões e há fascistas e «pides» que foram postos em liberdade».

Adianta ainda a U.R.A.P. que «há antifascistas que foram objecto de saneamento à esquerda e há fascistas notórios ou colaboradores do regime fascista que são conservados em postos importante da função pública e reintroduzidos nas estruturas económicas e financeiras; há processos a fascistas que se arrastam sem julgamento e há celeridade na perseguição de democratas; há buscas de armas que não atingem os meios activistas de direita e verificam-se ostensivas acções intimidativas, como a operação helitransportada a herdades colectivas do Alentejo inseridas no processo da Reforma Agrária (...)»

Depois de recordar o que se passou em Custóias e em Caxias, deduz a U.R.A.P. que «esta situação (a menos de dois anos da data da revolução libertadora) é grave e compromete o processo político português. Constitui, não nos iludamos, um crescente perigo para as instituições democráticas, para as liberdades do povo, para os direitos dos trabalhadores e para a política de justiça social que informa o projecto de 25 de Abril».

«É necessário — acentua a U.R.A.P. — que o Conselho da Revolução, as forças antifascistas no Governo e os partidos políticos democráticos disso tenham plena consciencia.»

Esta posição da U.R.A.P. é apoiada por Levy Baptista, Alcina Bastos, João Faria Borda, Rui Cabeçadas, Luísa Dias Amaro Carvalhão Duarte, Cecília Simões Areosa Feio, Ramon de la Féria, Rui Luís Gomes, Maria Lamas, Paulo Quintela, Joaquim Caldeira Rodrigues, José Maria do Rosário, Mário Ruivo, Fernando Piteira Santos e Duarte Vidal.

PARA O BISPO DO PORTO

"Democracia significa diálogo"

PORTO, 1 — A «Antitortura» é o tema proposto pela Comissão de Continuidade Europeia para o próximo Dia Mundial da Paz, afirmou o bispo do Porto, D. António Ferreira, Gomes, ao falar durante o encontro que a Comissão Diocesana de Justiça e Paz promoveu no Porto.

Na sua intervenção, D. António Ferreira Gomes, salientou o desejo de esclarecimento sobre a realidade portuguesa que lhe foi manifestado nos países europeus (Inglaterra, França, Bélgica, Holanda e Suiça) que recentemente visitou. Reportando-se aos problemas da Igreja relativamente ao 25 de Abril aquele membro da Igreja declarou: «A forma actual da caridade não pode dispensar a caridade política. Todas as formas de caridade são indispensáveis, obrigatórias. Esta forma de caridade que é a caridade política, é, talvez, qualquer coisa cuja consciência nasceu exactamente com as noções da comunidade dos povos, da comunidade internacional, do géneto humano. A primeira das sociedades humanas, é, realmente, o género humano.». Prosseguindo a sua alocução, o bispo do Porto declarou: «Manter a solidariedade humana, respeitar os direitos dos povos para a sua plena realização, tudo isto, compreende-se, deveria ser ressentido no Portugal político do «orgulhosamente sós, e, portanto, dentro de uma esquisofrenia que foi realmente um problema de larga deseducação do povo português. Foi talvez esta a causa principal de não ter havido e não haver ainda uma Comissão de Justiça e Paz Nacional».

Acerca de afirmações sobre a Igreja portuguesa e o 25 de Abril, que lhe foram atribuidas, com grande destaque, em órgão de Comunicação Social (...)«A Igreja aprovou o 25 de Abril — quem não está com o 25 de Abril não está com a Igreja(...), as quais segundo D. António informou, deram «grande escândalo», deu o seguinte esclarecimento: «Aquilo que eu disse em Ermesinde, nas Jornadas Pastorais, está gravado e diz assim: Vejam o «Nom Nouveau» por exemplo e lá encontram precisamente a voz da reacção portuguesa. A reacção portuguesa (falava em França), não pode trazer a voz pelo menos assinada, mas exprime-se em «Nom Nouveau» e diz que o mal é o 25 de Abril (...).Quer dizer, realmente lá em França dão voz à reacção portuguesa, que entre nós não a tem. Dão essa voz e convém realmente saber que estão contra a Igreja portuguesa, seja em França, seja cá, estão contra a Igreja portuguesa.»

D. António Ferreira Gomes exprimiu depois a sua opinião sobre a democracia («Direita e esquerda são conceitos democráticos (...). Democracia significa a legitimidade, o diálogo, as tenções para a construção de uma sociedade» (...) e referiu a «necessidade de acudir às familias dos presos, fossem «pides» fosse de que fosse». «Não é intervir na política», acrescentou, «é exactamente marcar a posição da Igreja perante situações que são manifestamente de injustiça. No fundo, que estão dentro deste programa de justiça e paz».

SEGUNDO SÁ CARNEIRO

Muitos nomes a considerar para a Presidência

Ramalho Eanes, Pires Veloso e Silva Cardoso — eis três nomes em que o P.P.D. pensa como hipóteses para candidatura às eleições para a Presidência da República. Disse-o Sá Carneiro no sábado e no aeroporto à sua partida para uma viagem aos Estados Unidos da América.

O secretário-geral do P.P.D. considerou as mais recentes afirmações do general Ramalho Eanes: «Parece-me que a posição do general Ramalho Eanes é inteiramente justificada, — disse —, porque pôs a questão muito bem. Estamos todos conscientes, mesmo os não militares, de que a substituição do general Ramalho Eanes na chefia do Estado-Maior do Exército traria grandes problemas. No entanto — acrescentou — ele não exclui em absoluto a hipótese da Presidência da República e assim é que me parece bem.»

Considerando a possibilidade de Ramalho Eanes não vir a aceitar a candidatura, Sá Carneiro admitiu mais dois nomes, «um dos quais tem sido pouco mencionado, mas que me parece muito considerado. Trata-se — disse — do brigadeiro Pires Veloso». Outro, ainda, o do general Silva Cardoso. Sá Carneiro: «Há muitos nomes a considerar e suponho que se poderá evitar dificuldades, tanto quanto à chefia do Estado-Maior do Exército como quanto à Presidência da República.»

O secretário-geral do P.P.D. falou ainda sobre recentes afirmações de Lopes Cardoso, ministro da Agricultura.

No decurso da sua visita aos Estados Unidos, Sá Carneiro deverá participar em diversos comícios junto de emigrantes portugueses e avistar-se com Kissinger, Edward Kennedy e outros dirigentes norte-americanos.

PUB

Câmara Municipal do Concelho de Setúbal

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

AVISO

As declarações relativas ao

IMPOSTO DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

dos contribuintes com:

a) instalações neste concelho e sede noutro;

b) sede neste concelho e instalações fora dele;

ainda poderão apresentar as declarações a que se refere o § 2.º do Artigo 712.º do Código Administrativo.

até 8 de Março

Setúbal, 23/2/76.

AVISO

Comunica-se que, na próxima terça-feira, dia 2 de Março, estarão encerradas ao público todas as Instituições de Crédito

BANCO DE PORTUGAL

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

Avisamos os nossos consumidores de que os serviços de clientes e os escritórios desta empresa encerram hoje às 16.30 horas só reabrindo na próxima quarta-feira, dia 3, às 9 horas.

BAR BLUFF

Serviço e ambiente seleccionados

BOITE

DE SÁBADO A TERÇA-FEIRA, FAÇA DO SEU CARNAVAL... UMA VERDADEIRA FESTA!

Rua Marechal Saldanha, 6 (St. Catarina) — LISBOA-2

Telefone 365859

LIVREIROS

O TEMA ESTÁ LANÇADO. O PAÍS DISCUTE-O. MAIS IMPORTANTE QUE A LEGALIZAÇÃO OU NÃO PUNIÇÃO DO ABORTO, É A CRIAÇÃO DE CENTROS DE CONSULTA SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL, CONTRACEPÇÃO, ABORTO E ESTELILIDADE.

ACONCELHE AOS SEUS LEITORES a obra que acabamos de lançar:

«TEORIA E PRÁTICA DO PLANEMENTO FAMILIAR»

— Dr. M. A. Weill Hallé e Dr. G. Maruani —

Pedidos à:

FAMILIA 2000

R. 5 de Outubro, 484 — PORTO — T. 695949/64599

PUB

MOÇÃO

Grupo de Trabalhadores da EFACEC (Arroteia) reunidos durante o período de paralisação decretada pela FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS METALURGICOS.

Decidem:

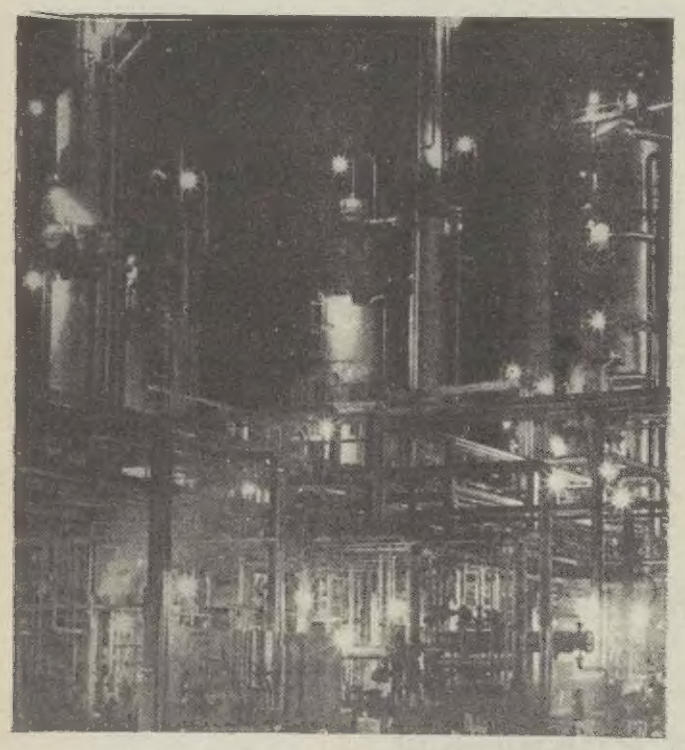
1.º — Estar solidários com todos os explorados deste País.
2.º — Exigir que sejam passadas as credenciais às Comissões de Trabalhadores que estão em Autogestão
3.º — Repudiar as manobras que se estão a verificar para que os patrões regressem às empresas.
4.º — Que seja institucionalizado o Controlo Operário, para que realmente os trabalhadores participem nos destinos deste País.

NÃO AO AVANÇO DA DIREITA!
NÃO À RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!
A LUTA CONTINUA!

Esta Moção foi aprovada por maioria com duas (abstenções)

Arroteia, 26 de Fevereiro de 1976

Nacional



O sector público dos petróleos reproduz deficiências que vêm do tempo do fascismo. Os trabalhadores apontam uma solução: publicação dos estatutos da empresa (Petrogal), consagrando a fusão dos quatro sectores nacionalizados e instituindo uma administração única

A PETROGAL EM FOCO (1)

Fusão e gestão única para superar deficiências

. As deficiências que se têm registado no abastecimento de gás engarrafado à população são uma das consequências dos problemas que afectam a Empresa Pública de Petróleos (Petrogal), e que só podem ser solucionados pela fusão dos quatro sectores da empresa (Sacor, Cidla, Petrossul e Sonap), com a instituiçao de uma gestão única «em que seja tudo correcta e devidamente planeado» — esclarece a comissão central de trabalhadores da Petrogal, em relatório destinado a esclarecer o público sobre a situação na empresa.

«Como podem os trabalhadores da Petrogal tornar real a nacionalização da empresa a que pertencem, se toda a legislação que ainda regulamenta a actividade do sector de petróleos é a mesma que existia antes do 25 de Abril, elaborada dentro de um contexto de influências e compadrios, de forma a que o lucro fosse cada vez maior e em que o Povo, quando muito, era lembrado como meio de receita?», interroga a comissão de trabalhadores da Petrogal.

Aludindo a obstáculos de natureza burocrática, operacional e política que impedem que a empresa seja colocada «ao serviço exclusivamente de quem trabalha», os trabalhadores da Empresa Pública de Petróleos perguntam como podem, «através do controlo da empresa, defender a colectividade, se são obrigados a aceitar as velhas regras de relações comerciais do sistema competitivo e de exploração, uma vez que se não as aceitarem estão precisamente a fazer o *jogo* que só beneficiará os agentes do capital estrangeiro, mais concretamente as multinacionais de petróleos existentes em Portugal, aumentando-lhes ainda mais os seus lucros?»

Apesar de nacionalizados há cerca de um ano, os diversos sectores da empresa continuam a carecer de um estatuto que consagre «uma administração única, competente e capaz de gerir a empresa», «uma definição clara dos objectivos a atingir», «planificação de todas as disponibilidades materiais e humanas existentes na E.P.P.», «programação correcta», reestruturação de Petrogal «de forma a torná-la operacional dentro da perspectiva nova que lhe é exigida».

Revela a comissão de trabalhadores da Petrogal que o Estatuto da Empresa Pública de Petróleos está elaborado desde o IV Governo, assinalando-se algumas tentativas posteriores no sentido de resolver o problema. «Aos trabalhadores não cabe nenhuma responsabilidade pela situação em que se encontra o sector», afirma o relatório que estamos a citar, onde se denunciam os governos como «os únicos responsáveis por até esta data tudo se manter numa situação caótica, como já se encontrava antes do 25 de Abril».

Tudo isto — acrescentam — «porque ainda há, em alguns sectores políticos, a pretensão de defender o capitalismo em detrimento dos reais interesses de quem tem sido sempre explorado neste país».

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro, Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul

Campo dos Mártires da Pátria, 50 - 2.º Dt.º (Sede) Telef. 5 89 34 / 5 - 5 86 30 LISBOA

COMUNICADO

O Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul recebeu da Comissão de Luta dos Agentes Estagiários da Inspecção Geral do Trabalho de Lisboa, Almada e Vila Franca de Xira, um comunicado do seguinte teor:

«Os Agentes Estagiários da Inspecção Geral do Trabalho, em serviço em Lisboa, Almada e Vila Franca de Xira, no seguimento da luta pela integração de todos os estagiários no quadro destes serviços, situação que se arrasta há quase ano e meio, decidiram em reunião efectuada em vinte e quatro do corrente, deslocarem-se no dia vinte e cinco, pelas onze horas, ao Ministério do Trabalho, afim de serem recebidos pelo Senhor Ministro do Trabalho, ou Senhor Secretário de Estado do Trabalho.

Face à recusa da audiência, decidiriam estes, suspender a prestação de serviços externos, até serem recebidos.

Solicitam aos trabalhadores afectados por esta medida, a maior compreensão e solidariedade para a sua luta».

Face à gravidade do problema, este Sindicato manifesta a solidariedade incondicional com esta luta e exige do Ministério do Trabalho a imediata publicação do diploma que regularize a integração de todos os agentes estagiários no I. G. T. e responsabiliza-o, desde já, pelos danos que venham a ser causados aos trabalhadores que representa por esta legítima tomada da posição.

VIVA A UNIDADE

DE TODOS OS TRABALHADORES!

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1976

A DIRECÇÃO

MOÇÃO

Trabalhadores da Indústria Química reunidos em AMADORA, no dia 24 de Fevereiro em PLENÁRIO para discussão dos problemas da contratação colectiva, nomeadamente do anteprojecto de CONTRATO VERTICAL:

CONSIDERANDO que se concretizam novas manobras que procuram fazer continuar a pagar às classes trabalhadoras a crise que é do capitalismo, manobras que prosseguem a política antioperária deste Governo interessado numa recuperação capitalista e em fazer vergar a classe operária e demais explorados aos intentos do patronato e dos monopólios;

CONSCIENTES que a burguesia e o capitalismo para além da miséria económica do povo trabalhador, visa sobretudo o regresso do fascismo, esmagando-nos, impondo de novo ao nosso País o regime dos monopólios e latifúndios, liquidando as conquistas do 25 de ABRIL, instalando de novo o terror e a opressão para todo o povo;

CONSCIENTES que é a unidade das classes trabalhadoras a condição essencial ao regresso social, e não é atentando contra essa unidade, como está apostado o patronato capitalista e os seus representantes no Governo em particular o Ministério das Corporações, defensor das forças do capital, principal impulsionador da política antioperária.

OS TRAALHADORES DA INDÚSTRIA QUÍMICA AFIRMAM A SUA VONTADE DE:

— Lutar conta o aumento do Custo de Vida, contra o congelamento de salários e as novas medidas que o «DROT» do Ministério das Corporações anuncia, não aceitar quer o prorrogamento dos prazos de duração dos actuais contratos, quer limitações aos aumentos salariais, que sob falsa alegação de INDEXAÇÃO, os do Ministério dos Patrões nos pretendem impôr.

— Lutar e exigir todas as liberdades para as classes trabalhadoras, incluindo LIBERDADE SINDICAL e a livre CONTRATAÇÃO COLECTIVA.

A LUTA CONTINUA!
OS CAPITALISTAS QUE PAGUEM A CRISE QUE PROVOCARAM!
PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA!
POR UMA VIDA MELHOR!
TRABALHADORES DA INDÚSTRIA QUÍMICA, UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

APROVADA POR UNANIMIDADE

Refinaria do Norte

Combustível em metade enquanto houver distinções

. «A luta pelas reclassificações é uma luta justa, porque contraria a divisão do trabalho dos trabalhadores da mesma fábrica separando-os uns dos outros» — declaram os trabalhadores da secção de combustíveis da refinaria do Norte (Leça da Palmeira) a propósito da luta que travam há já muito tempo e que determinou, a partir das zero horas de sábado a redução de caudais, até 50 por cento, no que se refere ao combustível ali produzido.

Os trabalhadores afirmaram que não estão em causa as necessidades de fornecimento de combustível ao País, apenas se verificando uma redução dos «stocks». Por outro lado não se trata, afirmaram ainda, de uma luta económica para simples aumento do salário. Está em causa, sim, a existência de categorias profissionais diversas para o desempenho das mesmas tarefas que, na prática, se traduz da divisão dos trabalhadores e na deterioração constante das suas relações de trabalho e da sua convivência dentro da empresa.

Acrescentaram que a própria administração considera como justa esta sua reivindicação mas que, na prática, a mesma não é reconhecida. Por outro lado, a actividade dentro da secção de combustíveis processa-se já há muito como se tais diferenciações não existissem, pelo que entendem que o reconhecimento e a aceitação da sua reivindicação é apenas, em muitos casos, o reconhecimento legal de dados de facto.

Os trabalhadores consideram que esta luta é comum a outras secções dentro da refinaria, desde distribuidores a pessoal administrativo, assim como a todos os trabalhadores deste País vítimas da divisão do trabalho imposta pelo sistema capitalista, que divide e desagrega os trabalhadores através da criação de diferenciações entre eles pela multiplicação das categorias profissionais.

VIAGEM ESPECIAL AO BRASIL

(Rio de Janeiro e Brasília)
12 Março e 6-13 Abril
Um programa com garantia
TRANSNAUTICA
LISOA — PORTO
Reservas e informações nesta ou na sua Agência e no A. C. P.
COLABORAÇÃO DO A. C. DE PORTUGAL

PRECISA-SE
MULHER
QUE SAIBA COZINHAR
Idade 25 a 40 anos, para casa particular.
Bom ordenado.
Resposta:
D. JUAN TORRES CALVI
Av. Reina Mercedes, 33 SEVILHA-ESPANA

CURSOS
● DACTILOGRAFIA
● MECANOGRAFIA
Perfuração/Verificação
Sistemas: IBM e UNIVAC
Estão abertas as inscrições para os cursos de Março.
Informações e Matrículas no
EXTERNATO CONTINENTAL
Telef. 36 42 72
Rua do Arsenal, 100 - 1.º

PARA O SEU LAR
QUADROS A ÓLEO
LINDAS PAISAGENS
FRUTAS E FLORES
BONS PREÇOS
A VENCEDORA
Rua de S. Lázaro, 127-A

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça Simões Dias

Trabalho

COSTUREIRAS DAS OFICINAS GERAIS

Sem emprego nem reforma com a fome a bater à porta

As costureiras externas das Oficinas Gerais de Fardamento continuam à espera da resolução do seu problema. São mais de 800 mulheres que desde Maio de 1974 lutam pelo direito ao trabalho e pelo direito à reforma.

Esta trabalhadora tem direito à Reforma. Durante mais de 60 anos fez fardas para as Oficinas Gerais.

Durante anos e anos trabalharam dia e noite. Faziam as fardas. Quando começaram as guerras coloniais, tinham prazos para a entrega dos fardamentos. E muitas noites foram passadas em claro, agarradas à maquina de costura.

Acabaram-se as guerras e não houve mais trabalho. Voltou-se as costas a estas mulheres. O Ministério da Defesa ignora o assunto. Estas mulheres já correram de um lado para o outro. Querem justiça. Foi-lhes, então prometido um decreto-lei que regulasse a sua situação passando a maioria para a reforma. Esse decreto-lei está perdido nalguma gaveta. Já pediram uma audiência ao Presidente da República e ao Chefe de Estado-Maior do Exército.

«JÁ ALI TRABALHAVA NA 1.ª GUERRA MUNDIAL»

Cerca de 15 dessas costureiras estiveram no nosso jornal. As idades eram superiores a 50 anos. Rostos marcados pelo trabalho. Nalguns ainda se sente a vontade de lutar contra todos aqueles que as escravizaram quando isso lhes convinha e agora as abandonam, quando o seu trabalho já não é necessário. Foram as «criadas» das guerras coloniais e os «patrões» põem-nas na rua sem um agradecimento e sem uma pensão.

Outras, porém, já mostram resignação. Estão fartas de lutar. Trabalharam muito e passaram muitas privações. Estas mulheres são na sua maioria viúvas. Vicenta Pinto Salvado Profino, tem 85 anos. «Fiz fardamentos para a 1.ª Guerra Mundial. Nessa altura, tinha o n.º 117. Agora sou o 32. As outras foram morrendo. Eu já não posso trabalhar mas acho que tenho direito à reforma. Trabalhei para lá mais de 60 anos. Estou muito doente. Tenho 26 de tensão. E não tenho família. Vivo com um hóspede».

Também há o caso de outra trabalhadora a quem o merceeiro já não fia há mais de 15 dias. Outro caso: Patrocínia Cardoso, viúva há mais de 19 anos. O marido era funcionário da Câmara Municipal de Lisboa. Descontou sempre até morrer. Pensão para a viúva, nem pensar nisso. Mas para compensar o zelo dos trabalhadores, os responsáveis da Câmara deram-lhe um diploma e uma medalha. E deram o assunto por arrumado. Só que a viúva continuou a trabalhar dia e noite, nos «camuflados». E também ela agora depois de ter gasto a saúde, se vê sem reforma e sem dinheiro. Também ela fez descontos. É diabética. Mas quem se importa com isso? Se não fosse a Associação dos diabéticos de Portugal» — conforme ela nos contou — «não sei como poderia viver sem assistência».

Muitas, muitas outras mulheres podiam contar a sua história. Mas não vale apena. Aliás, não desejam comover ou criar piedade a ninguém. Exigem os seus direitos. Foram costureiras durante dezenas de anos para as Oficinas Gerais de Fardamento. Isso dá-lhe todo o direito de exigir a reforma. Descontaram sobre os 25$00 que lhe davam por cada par de calças dos camuflados. Já não reclamam da exploração primitiva a que foram sujeitas. Mas não admitem que, mais uma vez, sejam postas de lado.

Contratação volta à baila

Recomeçaram esta manhã, no Ministério do Trabalho, as negociações do contrato colectivo de trabalho nacional vertical dos metalúrgicos. Os patrões, à direita, e os trabalhadores, à esquerda, escutam dos responsáveis do Ministério, as novas directrizes para a regulamentação da contratação colectiva. «Liberalização das negociações», «fim ao intervencionismo do Ministério nos conflitos», a não ser em casos de completa incompatibilidade entre as partes interessadas.

Os trabalhadores metalúrgicos, recorreram já por diversas vezes, à greve para obrigar a entidade patronal a voltar à mesa das negociações. Durante todo este tempo, a entidade patronal manteve-se irredutível, escudando-se no congelamento da contratação, posição essa também defendida pelo M.T.

Entretanto, também recomeçaram hoje as negociações do contrato para os trabalhadores do comércio retalhista. Os operários da construção civil, por outro lado, estão a efectuar plenários de zona e de empresa para uma tomada de posição, que leve à saída do seu contrato. Talvez a greve a partir do próximo dia 6 seja uma das formas de luta a adoptar.

Regulamentação do trabalho tem novas normas

As principais organizações sindicais portuguesas ainda não se pronunciaram formalmente sobre as normas de regulamentação colectiva de trabalho aprovadas no Conselho de Ministros do último sábado.

O Governo mantém entre mãos, o projecto de política salarial, cuja elaboração serviu para justificar a suspensão da contratação colectiva de trabalho, que se prolongou durante três meses.

Amplas movimentações de trabalhadores, nos dois primeiros meses deste ano, contribuíram para evitar o prolongamento do prazo de suspensão das negociações contratuais, que ontem terminou.

Entre outros, o projecto agora aprovado consagra os seguintes pontos:

. — Os instrumentos de regulamentação colectiva terão a vigência de um ano, como limite mínimo, mantendo-se em vigor até à sua substituição;

. — A regulamentação das relações colectivas de trabalho será feita, normalmente, por convenção colectiva (contratos e acordos);

. — A via administrativa (intervenção do Ministério do Trabalho, por exemplo) será de uso excepcional (por falta de interlocutor para a negociação ou por inexistência de iniciativa das associações competentes);

. — A regulamentação colectiva de trabalho não pode ser afastada pelos contratos individuais de trabalho, salvo para estabelecer condições mais favoráveis para os trabalhadores;

— Não é lícito às entidades patronais desvincular-se do cumprimento da convenção vigente até ao termo do respectivo prazo;

— Em negociações referentes à matéria da retribuição do trabalho atribuir-se-á prioridade ao ajuste do acréscimo global de encargos salariais;

. — O diploma é aplicável, também, às empresas públicas, com regras especiais para as do sector da Comunicação Social.

Noutro local desta edição transcrevemos na íntegra o comunicado do Conselho de Ministros em que se dá conta do conteúdo deste diploma.

Aprovado o anteprojecto para as empresas em autogestão

Para discutir o anteprojecto elaborado pelos sindicatos e comissões de trabalhadores para regulamentação das empresas em autogestão, anteprojecto que será presente ao Ministério do Trabalho e ao Conselho da Revolução, representantes de cerca de 60 empresas em autogestão e cooperativas da área do Porto, reuniram-se no passado sábado, no anfiteatro da Faculdade de Engenharia.

O documento foi aprovado na generalidade, tendo os presentes exprimido um voto de confiança ao Secretariado das Empresas em Autogestão para alterações técnicas de pormenor a efectuar no texto, antes de ele ser entregue, como contribuição dos trabalhadores sobre pontos considerados essenciais nas instâncias do poder político.

Este anteprojecto fundamentalmente consagra o direito dos trabalhadores de qualquer empresa privada assumirem a respectiva gestão sempre que os gerentes ou administradores a abandonarem sem causa legítima e ainda quando a respectiva gestão for exercida de modo a pôr em sérios riscos a sobrevivência da empresa ou constitua grave ameaça de redução de postos de trabalho».

Foram aprovadas ainda algumas moções uma das quais exprime o repúdio dos trabalhadores «pela atitude do Ministério do Trabalho ao transferir a responsabilidade do processo de passagem de credenciais para outro Ministérios quando é aquele o autor e responsável da presente situação».

Os trabalhadores presentes aprovaram também por unanimidade a exigência de o Governo mandar efectuar urgentemente, sindicâncias nas empresas onde ainda não foram feitas e onde já foram efectuadas, que o Governo responsabilize as entidades patronais por todos os factos passiveis de sanções civis e criminais.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

PROGRAMA ENSINO PRIMÁRIO

Na sequência de um pedido de parecer sobre os programas em vigor no ensino primário, por parte do MEIC, vem a secção do Ensino Primário convocar uma reunião dos professores interessados em discutir este problema se eventualmente formar grupos de trabalho.

A reunião efectua-se no dia 1 de Março, pelas 21,30 horas na Rua das Gaivotas, 2 (Clube Nacional de Natação).

A COMISSÃO DIRECTIVA

PUB

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Centro, Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul

CAMARADAS:

Vem a Direcção deste Sindicato, alertar os trabalhadores para as manobras divisionistas que o Governo está a fazer.

Sem consultar os trabalhadores, que são os principais interessado, o Governo retirou o feriado de 3.ª-feira de Carnaval pelo Decreto 713/A de 19/12/75, no entanto em Conselho de Ministros de 24 de Fevereiro de 1976 concedeu tolerância de ponto aos serviços públicos.

Que querem dizer estas manobras antioperárias e divisionistas, dando a uns o que tira a outros?

Mais uma vez a classe operária é marginalizada a favor dos trabalhadores de serviços?

CAMARADAS:

TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL OU É FERIADO PARA TODOS OU PARA NINGUÉM!
ABAIXO O DIVISIONISMO!
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 1 de Março de 1976

A Direcção

Nacional

O jogo do cigarro: mesmo com um na boca, pede-se para reserva. O dia inteiro nisto

VIAGEM AO MUNDO DA LOUCURA (CONCLUSÃO)

A MINHA "FUGA" DO JÚLIO DE MATOS

REPORTAGEM DE JOSUÉ DA SILVA
FOTOS DE RUI PACHECO

Nestes dias que vivi entre o horror e a piedade, como recurso último, uma brecha se abriu neste muro de tragédia para mostrar o que, num ambiente como o do Hospital Júlio de Matos, pode representar um pouco da grandeza da alma humana. Foi na segunda noite. Um dos doentes da enfermaria começou a agitar-se. Atrasado mental, caso em recuperação, mas ainda com lampejos de consciência, sabe-se lá o que o teria levado àquela agitação. A enfermeira de serviço, mulher jovem e desembaraçada, acercou-se da cama e deu muita atenção aos inteligíveis lamentos do doente. Em seguida, começou a dirigir-lhe a palavra doce que a mulher sabe dizer aos espíritos desavindos com o mundo. E embalou-o, como se faz a uma criança. O doente adormeceu, por fim, sorrindo.

«As enfermeiras não deixaram de salientar que as satisfações essenciais da profissão consistem em sentir que os doentes têm necessidade delas e em serem capazes de corresponder a essas necessidades sob todas as formas e em todas as circunstâncias.

De certo modo, o contacto muito estreito com os doentes dá mais oportunidade à enfermeiras do que a qualquer outra pessoa de aliviarem a angústia própria angústia. As enfermeiras podem sempre fazer alguma coisa — observou uma enfermeira de um grupo de peritos. Até a morte, a derrota total da medicina, tem o seu ritual e a sua rotina de enfermagem e oferece, por vezes, oportunidades de primeira ordem à enfermeira. «Do trabalho «As relações humanas no hospital», da médica norte-americana Elisabeth Barnes, já publicado em Portugal).

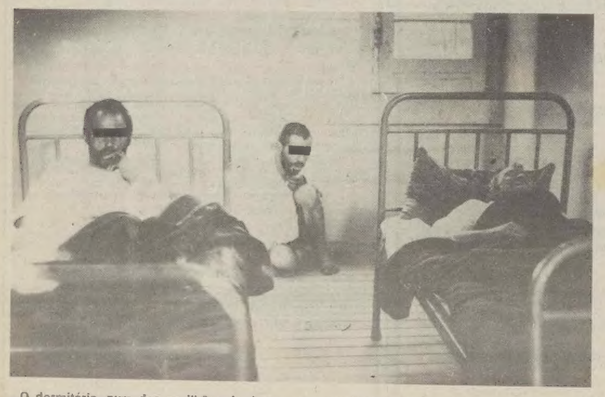
Aqui está porque reflectimos com Elizabeth Barnes como o trabalho de enfermagem, quando profissionalmente integro e humanizado, se torna parte importante da terapêutica a utilizar.

O LADO TERNO DA LOUCURA

Não queremos dizer, com o quadro que descrevemos, que todos os enfermeiros do Júlio de Matos procedem desta forma. Conhecem-se histórias bem tristes da não aplicação da sadeontologia da enfermagem, muros adentro dos manicómios. Mas eu iria contra a verdade se afirmasse outra coisa: é que durante o tempo que passei no Júlio de Matos, sempre à coca de qualquer acontecimento condenável, nem uma só acasião me apercebi de modos bruscos, maus tratos ou indiferença por parte do pessoal da enfermagem e auxiliar. Não tiro, nem ponho: talvez existam «casos» dentro do Júlio de Matos. Não me foi dado encontrá-los. Por outro lado, se quisermos compreender o sistema de funcionamento (ou de não funcionamento) dos manicómios portugueses, chegaremos facilmente à conclusão de que não são os enfermeiros quem pode resolver o problema. Claro que a sua contribuição em termos de humanidade e bom comportamento profissional, é duma importância quase extrema. Exactamente porque o sistema não funciona, praticamente só resta o que os enfermeiros e os médicos podem trazer ao doente nos aspectos sensoriais e de disciplina terapêutica.

Infelizmente, no que respeita aos médicos, são poucos os que vão ali dispostos «a aturar o doente». Rotinados, na sua maioria (felizmente há muitas e magníficas excepções) fazem do Júlio de Matos um mero ponto de passagem burocrática. Ora os sistemas só se modificam, quando for possível modificar as mentalidades que servem os sistemas. O «louco» é um doente que exige cuidados muito especiais e uma atenção particular por parte do médico. Pensar que um louco porque é louco nada sente, nada transmite é errado. Vejamos esta história repetida vezes sem conta no Júlio de Matos.

Certa médica tornou-se tão acessível aos doentes do Júlio de Matos que alguns deles resolvem demonstrar-lhe das mais variadas formas o seu apreço — que chega a atingir o nível da adoração. O que se explica perfeitamente bem, uma vez que se sabe que todo o doente mental é um **dependente**. Ora acontece que, de quando em quando e de inesperado, ao chegar ao seu lugar de trabalho (custa-me chamar-lhe **gabinete**, vistas as condições) a referida médica encontra sobre a sua mesa um ramo de flores. Flores «em segunda mão», mais murchas que vivas, mas sinal evidente do amor que os doentes nutrem por ela. Como não têm dinheiro para pagar um bom ramo de flores, os doentes do Júlio de Matos descobrem-nas por onde calha. Sobretudo junto das estátuas da cidade. Que o diga Santo António, pertinho do manicómio, que não raras vezes tem visto uns olhos inquietos a rondar-lhe a peanha e, de súbito, uma mão insegura que lhe surripia os ramos que os devotos lá colocam. Certo, certo, que o dito ramo vai parar à sua mesa de trabalho. Mas nem o gesto é único, nem a referida médica o único alvo destas provas de carinho.



O dormitório, num dos pavilhões de doentes graves. A violência e a desventura da situação pode ver-se nos pormenores

COMO NOS VÊEM OS OLHOS DA LOUCURA

«O tolo está alegre e triste; alegre, por fora, como um altar; triste, por dentro, como um sepulcro de mil anos.» (De «O pobre tolo», de Teixeira de Pascoais.)

Deixei no Júlio de Matos um louco-poeta. Magro como uma vide, dois dentes dependuridos na boca descarnada, um rosto glabro polvilhado por uma barba já neve, desengonçado no andar, olhos enormes sempre a espreitar o céu. Uma vez disse-me que se chamava Germano. Outra, que era Rui. Outra ainda que fora rico, que o tratavam por **só dótór** e que foi uma bruxa quem lhe deu cabo da vida. Então dava pelo nome de Miguel. De quando em quando recita a sua quadra. Colhemos esta de sopetão:

«Quem fez o mundo foi Deus
E fê-lo com tanta arte
Que p'ra contrariar os ateus
Até está em toda a parte.)

Passei horas a ouvir as suas histórias fantásticas. «Um dia, um lobo que era o Diabo apareceu-me ali àquela esquina.» Fica com os olhos, grandes como lagos, perdidos no céu e não diz nada. Se o incitamos para prosseguir a história, conta-nos outra muito diferente: «A vassoura transformou-se numa princesa...» Há qualquer coisa de belo sonho nesse louco. No resto não se distingue dos demais. Anda descalço e roto. Arrasta-se pelos cantos, fugindo de todos.

Nos cafés próximos da Av. do Brasil é vulgar verem-se, em grupo ou sós, muitos doentes do Júlio de Matos. Inofensivos. Pedem cigarros a torto e a direito, mesmo depois de terem os bolsos cheios de tabaco. Vim a descobrir que o cigarro é, para muitos deles, uma espécie de jogo. A prova está aqui:

— Dá-me um cigarro.

Aproximara-se de mim surrateiramente. Estendi-lhe o último cigarro de um maço recém-distribuído. Mirou, remirou o maço, retirou o cigarro, pô-lo na boca:

— É o último.

— É respondo:

— Então toma...

Leva a mão ao bolso, retira vários cigarros, escolhe um e dá-mo. Sabe-se que no pavilhão 33, um negro foi morto por um companheiro, com este móbil à vista: o negro conseguia arranjar por dia mais cigarros que o seu atacante.

A imagem crua da solidão e da miséria. Vamos continuar a deixar que os nossos doentes mentais sejam tratados desta maneira?

Mas voltando aos que se juntam nos cafés dos arredores da Av. do Brasil. Entrei num grupo deles, certa manhã. Começámos a falar. Não é raro, como já o demonstrei anteriormente, encontrarem-se interlocutores válidos entre os enfermos do Júlio de Matos. Era o caso deste grupo. Em determinados momentos pode-se falar como se estivéssemos com gente normal. Muitos deles sabem falar de tudo um pouco. De repente, um dos doentes do grupo atira-me com esta:

Dizem que nós somos malucos, não é? E eles?...

E aponta o mundo que girava em torno do café.

— Olha: faz uma experiência. Põe-te por alguns minutos fora do seu universo e observa-os. Se os olhares com os olhos da loucura, saberás porque é que a gente se ri tanta vez na rua.

Durante quinze minutos estivemos em silêncio, em silêncio, a observar a rua. Era uma hora de ponta — hora de almoço. Tive que lhes dar razão. O quadro, agora que eu o avaliava com uma perspectiva «de fora», não nos oferece, a nós, pessoas normais, nenhuma vantagem. Pelo contrário: é o «acelera» vulgar contorcendo-se com o seu bólide por entre as filas mecânicas, um esgar na face paranóica; é a reacção ao «acelera»: gente que se agita, nervosa, que ameaça, que berra com os rostos congestionados fora das portinholas dos veículos; é o sexagenário coxo que tenta, em vão, claro, apanhar o autocarro já em andamento, e que em seguida se desfaz em pragas; é o homem que sem sabermos a razão grita da janela para a rua, embora não se lhe ouça a voz no meio do pandemónio que é o cruzamento frente ao Júlio de Matos: são os três indivíduos que saltam dos seus carros devido a uma manobra errada e se envolvem ao sopapo; são os gestos gratuitos, as bocas escancaradas como goelas de lobo, apenas para dizer **sim** ou **não**, são as correrias, os encontrões, as violências da cidade. Lembrei-me daquela anedota de loucos: «Um doente do Júlio de Matos, aproxima-se, desde o interior, do gradeamento que cerca o hospital. Vê um transeunte e chama-o:

— Psst! Psst! Faz favor.

O transeunte aproxima-se e escuta:

— Oiça! Diga-mecá: quantos é que estão **aí dentro?** — e aponta para o outro lado das grades, para a rua, para o mundo dos normais.

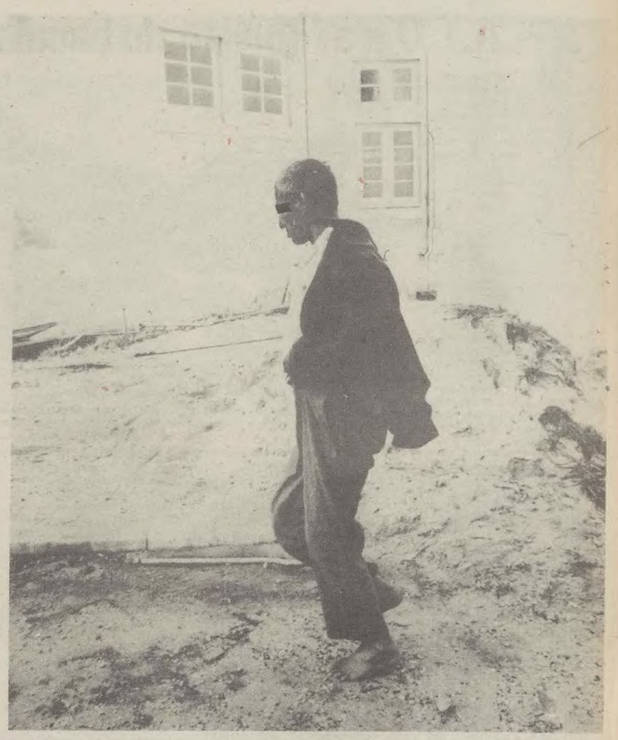
A MINHA «FUGA»

A última noite em que eu dormi no Júlio de Matos, foi já um sacrifício de monta. De resto, como aprendera a não engolir a droga da medicamentação, as noites começavam a ser a parte mais difícil do meu trabalho. Já referi que, na enfermaria onde me encontrava, havia dois lavatórios, num dos quais a torneira se mantinha permanentemente aberta. Aquele ruído da água a correr, se nenhum alarme provocava nos meus companheiros, para mim era um tormento. Decidi que sairia no dia seguinte, custasse o que custasse.

De facto, mal me levantei, no sábado, tentei sub-repticiamente saber quais as possibilidades de alta imediata e sem grandes explicações. Não tinha qualquer hipotese. Pelo menos seria obrigado a manter o internamento mais uns dias. O que se me afigurava insuportável. Se ficasse mais uns dias corria o risco de entrar definitivamente no mundo da loucura. Só tinha uma alternativa: fazer a mala e «cavar» sem dizer água vai.

Há conveniências que, de repente, se transformam em tremendas inconveniências. O facto de as enfermeiras e os enfermeiros da «Clínica de Homens» se terem oferecido para me guardar a pequena mala com as minhas coisas, pareceu-me um favor digno de nota. Mas agora isto levantava-me certas dificuldades. Era obrigado a penetrar no local de trabalho da enfermagem, como um gatuno, e tentar retirar de lá a «bagagem» sem que ninguém desse por ela. Para maior desgraça, às dez horas apareceu-me o Rui Pacheco, o meu camarada fotógrafo do «D. L.». O Rui Pacheco, exuberante como sempre, vai de apontar a máquina em todas as direcções. O que alarmou muita gente no Júlio de Matos. Tanta, que o Pacheco acabou por ser chamado à Comissão instaladora e **proibido** de fazer fotografias. O pior é que eu, ao acompanhar o Rui, puseram-se olhos o fogo dos olhares das pessoas que não entendem nada de jornalismo e preferem que a informação seja muda, cega e surda. Levei uma hora até conseguir sacar do gabinete da enfermagem, pela surrelfa, aquilo que me pertencia. A primeira etapa fora vencida, embora houvesse sempre a hipótese (ou pelo menos eu não podia deixar de pensar nisso) de vir alguém a correr sobre mim para me perguntar onde é que eu pensava ir.

A segunda etapa (e última) era a passagem na portaria. Se bem que o Júlio de Matos seja uma casa de entrada e saída francas (demasiado francas para que não mereçam reparo, se atentarmos a que se trata de um manicómio), os porteiros não estão ali para nada. De resto, já deviam conhecer-me como «doente», devido às minhas constantes entradas e saídas acompanhado com outros doentes. Era natural que, ao verem-me de mala aviada, me viessem inquirir da alta. Foi com alguma angústia que me aproximei do portão. Na realidade, eu já não aguentava mais tempo ali dentro e não sei o que aconteceria se tentassem reter-me. Mas não se passou nada. Apesar da exuberância do Pacheco, que a despeito da proibição da Instaladora, continuou (agora do lado de fora do portão) a bater chapas apeito, apesar do porteiro ter arregalado os olhos para a cena montada pelo Pacheco para me fotografar à saída do manicómio, nada aconteceu. Por incrível que pareça, mesmo que eu fosse um doido perigoso a escapar-me daquele local, ninguém se interpelaria. Quer isto dizer que a Instaladora se tem preocupações reais acerca da inviolabilidade do «seu» território, quando se trata de fechar as portas à informação. De maneira que a minha «fuga» do Júlio de Matos não teve a emoção que se esperava. O muro não se fechou à minha passagem e eu abandonei, sempre com o «revolucionário» Ismael a meu lado, o mundo da loucura. De onde trouxe recordações que me marcaram profundamente. E se os apelos se ouvissem neste nosso mundo de gente normal, era capaz de deixar aqui um: façamos dos manicómios, não um inferno, mas um verdadeiro local de cura. Acabemos com os Júlios de Matos tal qual são, se queremos pertencer a uma sociedade digna. Porque enquando existirem «cancros» como estes, enquanto os locais de cura forem antros, em lugar de hospitais, onde a dignidade e a justiça sociais?



Estes homens esperam o «nada». Por culpa de quem?

PSICANÁLISE: SÓ PARA RICOS

A Comissão Instaladora que depois do 25 de Abril se encontra na «gerência» do Júlio de Matos não funciona, pese embora a boa-vontade de alguns dos elementos que a compõem. Podem-se invocar milhentas razões sobre a nulidade da sua acção, mas a única grande verdade (sendo uma verdade que afecta milhares de doentes, pois estamos a pensar também nos doentes externos) é que não funciona. Sabe-se, inclusivamente, que houve uma tentativa de reestruração do Júlio de Matos (pós-25 de Abril, naturalmente) que não resultou. As resistências foram evidentes e tão reais que boicotaram todos os esforços nesse sentido. É que o que se está a passar neste momento com a classe médica (cuja grande maioria se define pela manutenção de um elitismo que renega qualquer proposta de socialização) não é um sintoma recente. Os que agora se voltam ou re-voltam, contra a socialização da medicina, sempre estiveram contra ela. Só que houve um tempo em que as contradições se esbatiam na sombra. Hoje surgem em enorme clamor, na defesa de interesses que não são, certamente, os interesses daqueles que mais necessitam de ter o médico à cabeceira. No caso da psiquiatria sabe-se, por exemplo, que é preciso possuir-se um determinado nível ecorfómico para se poder ser psicanalisado. Os que não têm dinheiro para pagar consultas da ordem dos mil a mil e quinhentos escudos (pouco menos em alguns casos, mas sempre perto disso), não merecem os benefícios da psicanálise. Embora, por outro lado se possam reconhecer as dificuldades estruturais da psicanálise no nosso país, pergunta-se se esta barreira ao acesso dos economicamente mais débeis a um ramo tão necessário da assistência médica, não é qualquer coisa que tem de ser bem meditada por quem de direito. Não ignoramos que a fórmula do juramento hipocrático foi, desde há muito, banida por um bom número de consciências e que a mesma representa somente um mero exercício escolástico, logo esquecido pela ânsia de conquista de posição social, quer dizer, pela oportunidade de gozar uma, especialmente privilegiada, situação económica. O sistema permite-o. Mas não seria de mais que uma determinação superior criasse a obrigatoriedade destes médicos darem, à parte os seus proventos de consultório particular, (chorudos), uma contribuição parcial à assistência pública.

Aproveitamos para prestar homenagem aos poucos médicos que já praticam a modalidade, com proveito (voluntário) das suas vidas particulares. Mas, como dissemos, são poucos. Era a classe em si e globalmente quem teria de criar uma consciência comunitária que lhe permitisse contribuir para um Portugal mais saudável ou mais indolor.

Estrangeiro

A N.A.T.O e a "guerra do bacalhau"

A ruptura entre Londres e Reiquiavique consumada a 19 de Fevereiro, só surpreendeu os que até agora tinham recusado tomar muito a sério essa «guerra do bacalhau» que há vinte anos e por causa de algumas toneladas de peixe, opunha dois membros da N. A. T. O. É certo que a Islândia utilizara tanto essa ameaça, principalmente em 1973 e em Janeiro último, que era possível imaginar que nunca a cumpriria

A «profunda pena» que hoje se exprime em Bruxelas, e o «espanto» um pouco desdenhoso manifestado pela imprensa britânica, não devem iludir ninguém. Há várias semanas que estavam reunidos todos os elementos para que a crise atingisse esta gravidade. O próprio Joseph Luns, mediador desta vez infeliz entre a Islândia e a Grã-Bretanha, disse muitas vezes, nos últimos tempos, como a situação «se tornara séria».

As divergências sobre algumas toneladas de bacalhau levaram a uma «guerra fria» que se arrastou durante vinte anos entre a Inglaterra e a Islândia, e agora subiu a discussão na NATO

Duas categorias de argumentos explicam esse endurecimento final da posição islandesa. Os mais conhecidos são de ordem económica. a islândia, pequeno país de duzentos mil habitantes, ainda extrai da pesca 90 por cento dos seus recursos.

Ao estender unilateralmente em 1957, 1972 e 1975 as suas zonas de pesca até 200 milhas Reiquiavique considerava-se justificada por um sentimento de «urgência nacional» em face de concorrentes — principalmente britânicos — que, segundo os islandeses têm outros meios de fazer a reconversão dos seus pescadores. Os relatórios de peritos, redigidos em 1975, que recomendavam que fosse limitada a 250 000 toneladas, a lotação global dos bacalhaus pescados, no caso de se querer evitar a extinção da espécie, tinham levado a Islândia a aplicar a regra das 200 milhas, sem mesmo esperar pelos resultados da conferência de Nova Iorque, que fará decerto dessa regra uma norma internacional.

Mas esses argumentos, por mais sérios que sejam, não foram os únicos a contar. Após as últimas negociações feitas por Luns, só 10 000 toneladas separavam as posições islandesas e britânicas e era de esperar finalmente um acordo. De facto, considerações políticas e até sentimentais, tiveram um papel determinante. Ao mandar fragatas da Navy para proteger os barcos de pesca de Sua Magestade dos assaltos dos velhos guardas-costas islandeses, Londres mostrava, aos olhos de Reiquiavique uma inadmissível «arrogância imperial».

O Governo centro-direita de Gerd Halgrimson — menos inclinado a romper com a Grã-Bretanha do que os seus adversários de esquerda — teve de tomar em linha de conta esse exaspero popular que podia ameaçar a coligação no Poder. A greve geral que há uma semana paralisa o país, e a difícil situação económica, tudo isso ia tornando, é certo, cada mais ameaçadora a pressão de uma oposição que, ao denunciar os subterfúgios do Governo no caso do bacalhau, colhia todos os frutos dessa febre nacionalista.

O problema está em saber se a Islândia ficará por aí, ou se, pelo contrário, no caso de não ser satisfeita, ainda endurecerá mais a sua atitude. Em Reiquiavique a oposição há muito que reclama com efeito, a ruptura com a NATO e a saída imediata da base americana de Keflavik, base essa que, com a de Thule na Groenlândia, e as instalações estratégicas na Noruega, assegura a vigilância de radar dos esteitos nórdicos: Perante tal risco pode pensar-se que serão cada vez mais fortes as pressões ocidentais para levarem a Grã-Bretanha «à razão».

©«Le Monde»

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DIRECÇÃO DE EQUIPAMENTO

Concurso público para concepção, construção da oficina de grenalhagem e pintura, do Entroncamento

(Prorrogação de prazo do concurso)

Informa-se que o concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe foi prorrogado. Assim, a abertura das propostas terá lugar no dia 23 de Março de 1976, pelas 15 horas, na Direcção de Equipamento da C. P. (Equipa de Projectos de Construção Civil) — Avenida da República, 66-3.º — Lisboa.

Durante o prazo do concurso e nos dias úteis e horas de expediente poderão os interessados examinar o programa do concurso, o caderno de encargos e peças do processo, na direcção acima indicada ou na secção de obras do Entroncamento. A caução provisória, no valor de 100 000$00 será entregue na Direcção Financeira da Empresa — Calçada do Duque, 20 — Lisboa.

As propostas e a documentação a apresentar pelos concorrentes deverão ser entregues até às 17 horas do dia anterior ao dia marcado para a sua abertura, na Secretaria da Direcção de Equipamento da C. P. — Avenida da República, 66-7. — Lisboa

Ao presente concurso só são admitidos empreiteiros de obras públicas titulares de alvará da primeira categoria.

O átomo ao serviço da paz

MOSCOVO, 1 (Serviço especial de *Vladimir Lomeiko*)

A humanidade está cansada de viver sobre um barril de pólvora. Ao referir-se nestes termos, no Congresso ao problema do desarmamento, Leonid Brejnev expressou a opinião geral dos soviéticos. De facto, o desarmamento é um tema de que falamos frequentemente com os nossos familiares, os nossos amigos, os nossos colegas de trabalho. Brejnev expressou, pois, a opinião dos soviéticos. Mas não só dos soviéticos. Temos a certeza que a maioria dos homens, milhões e milhões de pessoas em todos os países do mundo, pensam como nós: sim, a humanidade está cansada de viver sobre um barril de pólvora...

Confessemos que todos nós sentimos (quase fisicamente) a saturação armamentista do mundo que nos rodeia. Se na Primeira Guerra Mundial, a norma era uma espingarda por duas pessoas, agora a quantidade de dinamite acumulada é tal que se ela explodisse, nenhum de nós sobreviveria, mesmo que tivesse várias vidas para viver...

O perigo é tal que a reacção de qualquer pessoa de bom-senso bem intencionada é acreditar que os homens realistas lhe hão-de pôr cobro. Mas verdade é que a corrida aos armamentos prossegue. Criam-se novos tipos de armas, mais aperfeiçoadas e, de momento, não se pode prever quanto tempo mais irá prosseguir tamanha insensatez.

A maioria de nós sente arrepiar-lhe a pele quando pensa nos perigos a que se encontra submetida a humanidade. Mas há homens que sabem mais exactamente onde se encontra a beira do abismo, em que a humanidade se pode precipitar se não for contida a corrida aos armamentos. São os cientistas. Vivendo tal como nós, sobre o barril de pólvora, eles apercebem-se porém, mais rápida e intensamente que ninguém, dos mínimos sinais do perigo...

Entrevistámos um desses homens — Guri Martchuk, destacado matemático soviético, académico, vice-presidente da Academia das Ciências da U.R.S.S. e presidente da sua secção siberiana, delegado ao Congresso do P.C.U.S. Referindo-se ao programa de desenvolvimento da luta pela paz, a independência e a liberdade dos povos, proposto por Leonid Brejnev, Guri Martchuk disse nomeadamente: — «Foi enorme a impressão que me causou esta parte do relatório apresentado por Leonid Brejnev. Os cientistas soviéticos. tal como todo o nosso povo, desejam firmemente que a paz seja mantida e consolidada. Na secção siberiana da Academia das Ciências recebemos muitos cientistas estrangeiros. Só no ano passado, na cidade científica de Novossibirsk, realizaram-se 12 conferências internacionais e foram recebidos mais de dois mil cientistas estrangeiros. Posso dizer sem receio de me enganar, que todos os cientistas, tanto soviéticos como estrangeiros, querem a coexistência pacífica, querem a paz. Por isso, compartilhamos por completo a proposta de Leonid Brejnev acerca da paz e da contenção da corrida aos armamentos. Ela consubstancia aquele que é o maior desejo do nosso povo: que haja paz na Terra».

Os cientistas soviéticos presentes no Congresso debatem amplamente os problemas da guerra e da paz.

Juntamente com todo o país, eles viveram a mais cruel das guerras. A agressão hitleriana interrompeu a actividade pacífica dos cientistas e obrigou-os a transferir os seus esforços para a criação de armas destinadas à defesa da sua pátria socialista. Em 1943 soube-se que a Alemanha fascista, bem como os EUA e a Inglaterra estavam a realizar estudos secretos com vista a criar a arma nuclear. Os cientistas soviéticos aceitaram o desafio, e, nas dificílimas condições de ruína provocada pela guerra, cumpriram em apenas cinco anos a tarefa de defender o país da ameaça nuclear.

Necessitamos da nossa bomba atómica apenas como meio de defesa. Guardamo-la em nossa casa como um extintor. para o caso de deflagração da guerra. Mas ela não pende como a espada de Dâmocles dobre outros países. Podemos encarar corajosamente os olhos da humanidade, pois nunca nenhum dirigente soviético ameaçou qualquer povo que fosse com a bomba atómica. Tal como não a confiou a pessoas insensatas.

Há já muito teríamos reduzido o «stock» de armas e deixado de participar na corrida aos armamentos, se isso dependesse apenas de nós. Os cientistas compreendem melhor que muitos outros que a espiral da escalada aos armamentos pode rodopiar a ponto de fugir a qualquer controlo. Mas não estamos sós no mundo das alucinações atómicas. A amarga experiência da última guerra em que morreu um de cada nove soviéticos força-nos a assegurar a defesa, enquanto não seja assegurado o desanuviamento militar.

No XXV Congresso, os cientistas soviéticos declararam dirigir os seus esforços principais no sentido do desenvolvimento da energia atómica pacífica. No nono quinquénio (1971-1975) entraram em funcionamento mais dois turbogeradores da central atómica de Voronej, bem como as centrais atómicas de Kola e Leninegrado (na central atomica de Leninegrado funcionam turbogeradores de 1 milhão de quilovátios cada um). Foram construídas com assistência soviética centrais atómicas na RDA e Bulgária. Na U.R.S.S. foram construídos os novos potentes quebra-gelos atómicos «Arktika» e «Sibir». No novo quinquenio (1976-1980) planeia-se a entrada em funcionamento de uma central atómica com a capacidade de 12 a 15 milhões de quilovátios.

Discursando no Congresso, A. Aleksandrov, presidente da Academia das Ciências da U.R.S.S., disse:

— Os cientistas continuam a trabalhar com êxito, visando utilizar a energética termonuclear, não sob a forma de bombas, mas sob forma regulada para o abastecimento energético da indústria.

O átomo ao serviço da paz. Não é apenas o nosso lema. É o nosso programa no domínio da política interna e externa. Os cientistas soviéticos, delegados ao congresso, propõem aos seus colegas estrangeiros conjugar esforços na luta pela paz para conter o avolumar deste barril de pólvora em que ainda vivemos e do cimo do qual a humanidade corre o risco de ver o fim do mundo.

paz

no Congresso debatem
nente os problemas da
e da paz.
mente com todo o país,
veram a mais cruel das
. A agressão hitleriana
mpeu a actividade
dos cientistas e obri-
a transferir os seus es-
para a criação de armas
das à defesa da sua
ocialista. Em 1943 sou-
ue a Alemanha fascista,
mo os EUA e a Inglater-
vam a realizar estudos
s com vista a criar a
uclear. Os cientistas so-
aceitaram o desafio, e,
ficílimas condições de
rovocada pela guerra,
ram em apenas cinco
tarefa de defender o
ameaça nuclear.
ssitamos da nossa bom-
nica apenas como meio
esa. Guardamo-la em
asa como um extintor.
caso de deflagração da
Mas ela não pende co-
spada de Dâmocles do-
os países. Podemos en-
rajosamente os olhos da
dade, pois nunca ne-
dirigente soviético
u qualquer povo que fos-
a bomba atómica. Tal
ão a confiou a pessoas
tas.
muito teríamos reduzi
tock» de armas e deixa-
participar na corrida aos
entos, se isso dependes-
nas de nós. Os cientis-
npreendem melhor que
outros que a espiral da
la aos armamentos po-
opiar a ponto de fugir
quer controlo. Mas não
s sos no mundo das alu-
s atómicas. A amarga
ncia da última guerra
e morreu um de cada
oviéticos força-nos a as-
a defesa, enquanto
a assegurado o desanu-
to militar.
XXV Congresso, os cien-
soviéticos declararam di-
s seus esforços princi-
o sentido do desenvolvi-
da energia atómica
a. No nono quinquénio
1975) entraram em fun-
mento mais dois turboge-
s da central atómica de
ej, bem como as centrais
cas de Kola e Leninegrado
ntral atómica de Leninc-
funcionam turbogerado-
1 milhão de quilovátios
um). Foram construídas
ssistência soviética cen-
tómicas na RDA e Bul-
Na U.R.S.S. foram cons-
s os novos potentes que-
los atómicos «Arktika» e
. No novo quinquénio
1980) planeia-se a en-
em funcionamento de
entral atómica com a ca-
de de 12 a 15 milhões
ovátios.
ursando no Congresso,
ksandrov, presidente da
mia das Ciências da
S., disse:
Os cientistas continuam
lhar com êxito, visando
a energética termonu-
não sob a forma de bom-
nas sob forma regulada
abastecimento energéti-
ndústria.
omo ao serviço da paz,
apenas o nosso lema.
nosso programa no
o da política interna e
a. Os cientistas soviéti-
elegados ao congresso,
em aos seus colegas es-
ros conjugar esforços
a pela paz para conter o a-
ar deste barril de pólvora
e ainda vivemos e do ci-
qual a humanidade cor-
co de ver o fim do mun-

Estrangeiro

Semana decisiva

Atmosfera de pessimismo na capital rodesiana

LONDRES, 1 — (ANOP) — O cerco político e diplomático à Rodésia inicia uma semana decisiva, enquanto prossegue a contagem decrescente para o começo de uma atmosfera de guerrilha em grande escala.

Uma atmosfera de pessimismo rodeia as conversações que recomeçam hoje em Salisbury ante o primeiro-ministro Ian Smith e o «leader» dos nacionalistas Joshua Nkomo, numa desesperada tentativa de evitar o conflito armado.

A recusa do regime de ceder o Poder à maioria negra no prazo máximo de dois anos é o principal obstáculo das negociações, visto os nacionalistas considerarem este ponto-chave de qualquer futuro entendimento.

Nem a experiência de Angola, nem a presença de uns 15.000 guerrilheiros na fronteira de Moçambique, dispostos à guerra total, parecem ter abrandado a posição de Smith, que se diria disposto a seguir uma política de ganhar tempo, embora se debilitem as suas alianças no continente africano.

Rodeado de Governos hostis, o regime minoritário não conta nem sequer com o apoio do Governo da Africa do Sul, país que em tempo colaborou com as forças de segurança rodesianas na luta antiguerrilha, mas que entende agora que a melhor forma de assegurar a sua própria estabilidade interna é evitar um conflito ao norte das suas fronteiras.

A iniciativa diplomática britânica, que na semana passada teve um enviado especial em Salisbury para «rondar» a situação do problema, não supõe qualquer dança essencial no cenário na opinião dos observadores.

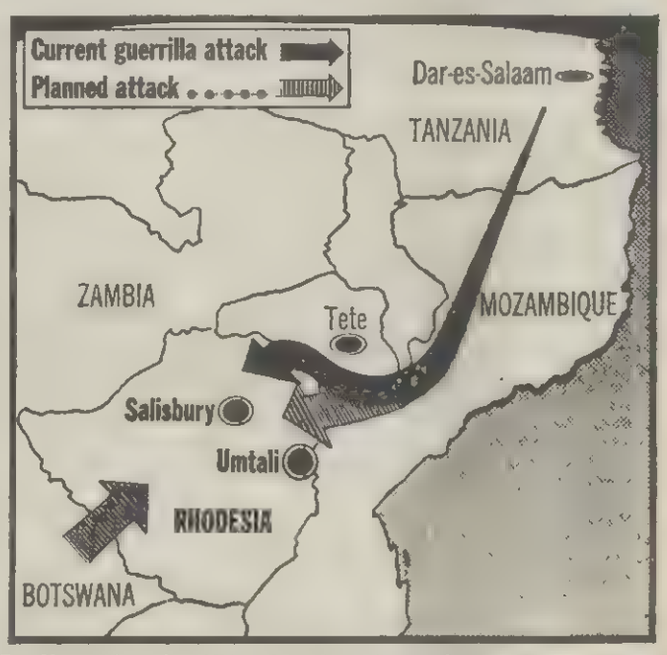
A participação da Grã-Bretanha numa futura conferência constitucional — uma das possibilidades apontadas pelos dirigentes africanos moderados — estaria condicionada à aceitação da parte de Smith do princípio de «administração maioritária», que Londres propugna desde que a sua antiga colónia se declarou unilateralmente independente em Novembro de 1965.

Mas este princípio foi rejeitado uma e outra vez pelo regime que pretende prolongar o domínio dos 75.000 brancos do país, sobre os quase seis milhões de negros, pelo menos durante várias décadas.

Ao cerco diplomático e à ameaça das guerrilhas soma-se uma crise económica, que poderá conduzir a um colapso total depois da suspensão na semana passada do tráfego ferroviário entre a Rodésia e o porto moçambicano de Maputo (ex-Lourenço Marques).

Asuspensão do serviço na principal via comercial externa do país, foi decidida pelas autoridades de Salisbury depois da detenção, num posto fronteiriço moçambicano de 16 trabalhadores ferroviários, em aparente represália contra a invasão do seu território por parte de forças de segurança rodesianas, que perseguiam comandos guerrilheiros.

Cerca de 60 por cento do comércio da Rodésia é canalizado pela via do porto de Maputo, que o Governo da Frelimo mantém em funcionamento, apesar das sanções económicas decididas pela ONU contra a Rodésia em consequência da sua independência.



Em Novembro de 1974, o jornal londrino «Sunday Times» previa já a abertura de novas frentes de guerrilha contra o regime minoritário branco da Rodésia. Presentemente, 15 mil guerrilheiros na fronteira de Moçambique estariam preparados para a guerra total

CRESCENTE ACTIVIDADE DA GUERRILHA

SALISBURIA, 1 — (R.) — As conversações constitucionais entre dirigentes rodesianos brancos e negros recomeçam hoje em Salisbúria no meio de uma crescente actividade de guerrilha negra na região da fronteira nordeste da Rodésia com Moçambique.

O quartel-general das forças de segurança declarou que 17 guerrilheiros e quatro elementos das forças de segurança tinham sido mortos num recontro na área. Foi o segundo combate importante travado recentemente numa area que é classificada aqui como a zona de guerrilha nordeste.

Vinte e quatro guerrilheiros negros — partidários da ala exilada do Conselho Nacional Africano (ANC) chefiada pelo bispo Abel Muzorewa — teriam sido mortos num recontro a semana passada naquela área.

O bispo Muzorewa tem denunciado as actuais conversações entre o primeiro-ministro Ian Smith e Joshua Nkomo, dirigente da facção interna do ANC, classificando aquelas como uma entrega da maioria negra da Rodesia.

Especulava-se em Salisbúria que era iminente um importante comunicado sobre as conversações, bloqueadas devido à exigência de Nkomo para um regime imediato de maioria negra.

Um enviado especial britânico lorde Greenhill, efectuou a semana passada conversações com ambas as partes, e já regressou a Londres para fazer um relatório ao ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, James Calagham.

A campanha "antidireitista" alastra em Pequim

PEQUIM, 1 — (F.R. e R.) — A intensa campanha na China contra os «partidários do capitalismo» alastrou hoje, pela primeira vez, as ruas de Pequim, onde apareceram escritas nas paredes palavras atacando-os.

Essas palavras não mencionavam, porém, o vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-Ping que foi classificado como «o maior partidário do capitalismo na China» nos jornais de parede colados na Universidade de Pequim.

Palavras escritas nas paredes de ruas em grandes caracteres apareceram, por exemplo, num terminal de autocarros, perto da Avenida da Paz Eterna, a principal da cidade. Diziam: «Contra-atacai o vento desviacionista da direita, visando inverter a política seguida».

Noutra parede lia-se: «Um programa sinistro para restaurar o capitalismo».

Até agora, a campanha «antidireitista» em Pequim tem sido cuidadosamente controlada, e sinologistas conjecturavam que as palavras escritas que apareceram nas ruas poderão não ter a aprovação do Partido.

No entanto, um alto funcionário chinês observou que Teng, de 71 anos, não teria mais qualquer possibilidade de voltar a exercer a sua influência e de ter novamente o antigo prestígio, segundo revelaram fontes bem informadas.

«Em tempos o sr. Teng teve uma oportunidade. Não as terá mais», declarou esse funcionário a uma delegação estrangeira visitante.

Teng era considerado como sendo o sucessor do primeiro-ministro antes do falecimento de Chu En-Lai, em Janeiro.

Ontem, milhares de pessoas assistiram a um comício no Estádio dos Trabalhadores, em Pequim. Observadores disseram que o comício estava provavelmente relacionado com a actual campanha, que domine hoje, outra vez, a Imprensa oficial.

Havia provas de uma estreita ligação entre radicais de Xangai e universidades de Pequim.

O jornal nacional «Kuangming» publica um extenso relatório de estudantes de Pequim que visitaram uma fábrica e a Universidade dos Trabalhadores de Xangai para observarem como faziam a campanha.

Xangai, tradicionalmente centro do radicalismo chinês, foi onde se concentrou a actividade nos primeiros dias da Revolução Cultural, nos anos 60.

Entretanto, no dia seguinte à partida da China do antigo presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, Pequim condenou os «bárbaros ataques aéreos americanos» de que a cidade cambojana de Siem Reap foi alvo no dia 25 de Fevereiro.

A Imprensa oficial chinesa, e em particular o órgão do Partido Comunista, o «Diário do Povo», divulga integralmente o comunicado publicado a este respeito pelo Governo cambojano.

O «Diário do Povo» recorda igualmente que representantes da Força Aérea cambojana reunidos em Phnom Penh a 28 de Fevereiro exprimiram a sua «determinação em esmagar qualquer conjura agressiva tramada pelo imperialismo e pelos seus lacaios».

Caleidoscópio

■ RIO DE JANEIRO, 2 — (ANOP) — Nas últimas vinte e quatro horas de folia do Carnaval carioca (até à meia-noite de domingo) 29 pessoas perderam a vida, em consequência de acidentes, agressões e excesso de alcool — informa o Instituto Médico Lega, do Rio.

Os hospitais do Rio de Janeiro atenderam, pelos mesmos motivos, um total de 2934 pessoas.

O Carnaval carioca, que oficialmente se iniciou no sábado, terá hoje a vigilância de cinco mil homens da polícia militar e polícia civil.

■ NOVA IORQUE, 1 — (R.) — Dois jornais de Nova Iorque vão aumentar o preço das suas edições de domingo.

O «New York Times» informou que a sua edição dominical subiria de 70 para 75 cêntimos (de aproximadamente 16,8 para 21 escudos), a partir de 7 de Março, quando vendida dentro de umraio de 80 quilómetros da cidade. O jornal custa ainda um dólar (cerca de 28 escudos) fora dessa zona.

O periódico de Long Island «N:EWSDAY» comunicou que aumentaria o preço da sua edição de domingo de 30 para 35 cêntimos (de cerca de 8,40 para 9,8 escudos).

■ CARACAS, 1 — (ANOP) — Activistas políticos venezuelanos da extrema-esquerda, que se identificam como «grupos de comandos revolucionários» sequestraram o director-geral da empresa norte-americana Owens, William Nichous.

■ MOSCOVO, 1 — (R.) — A União Soviética apresentou um forte protesto oficial junto dos Estados Unidos relativamente a vários tiros que, segundo afirma, foram disparados no edifício ocupados por membros da sua missão nas Nações Unidas.

CAIRO, 1 — (R.) — O presidente Anwar Sadat regressou ao Cairo, após uma viagem a seis Estados árabes do petróleo, trazendo promessas de auxílio imediato e a longo prazo ao Egipto, que tem a sua economia abalada pela guerra.

■ LONDRES, 1 — (R.) — Cientistas norte-americanos alcançaram um importante marco miliário no isolamento da causa da esclerose múltipla anúncia o autorizado jornal médico britânico «Lancet».

Esta lenta doença do sistema nervoso, que proova dificuldade na utilização dos membros, da visão e por fim de todas as funções nervosas, parece ser provocada por um vírus.

■ SAIGÃO, 1 — (R.) — As forças de segurança do Vietname do Sul desmantelaram um bando de rebeldes armados que operavam a partir de um aldeamento na província de An Giang, próximo da fronteira cambojana, segundo o jornal oficial «Giai nh, declarou a semana passada que os reaccionários estavam ainda em actividade e poderiam tentar sabotar as eleições em todo o Vietname em 25 de Abril

■ BOGOTÁ, 1 — (R.) — A Polícia matou ontem a tiro um pirata do ar, armado com uma navalha de um revólver, que se apossou de um avião colombiano durante um voo interno.

■ STAVANGER (Noruega), 1 (R.) — Perderam a vida, pelo menos, três homens e quatro outros foram dados como desaparecidos após uma plataforma norueguesa de propecção petrolífera encalhar às primeiras horas de hoje, ao largo de Bergen, no oeste da Noruega, a ser abandonada pela tripulação.

Morreu o criador do famoso jipe

TOLEDO (OHIO), 1 — (FP) — Ward Canaday, o homem que criou o jipe, morreu com 90 anos, sexta-feira, na sua casa de Toledo.

O «sr. Jeep», como ficou conhecido, dirigia a Willys-Overland Motors quando, durante a Segunda Guerra Mundial, a firma foi inteiramente convertida na produção de material militar.

Foi das suas oficinas que saíram os primeiros «jeep» (abreviatura de «G.P.», iniciais de «General Purpose», todos os usos aportuguesados em «jipe», que os GIs popularizaram em todos os campos de batalha.

Tendo entrado para a Willys antes da Primeira Guerra Mundial trabalhou 37 anos nesta empresa. Foi ele quem teve a ideia de criar a primeira sociedade de empréstimos a prestações aos particulares para financiar a compra das viaturas Willys.

Diplomado por Harvard, era presidente honorário da Escola Americana de Estudos Clássicos de Atenas e contribuiu para o desaterro do pórtico de Atala.

Criara também um fundo japonês para o desenvolvimento pacífico a fim de ajudar financeiramente os japoneses a prosseguirem os seus estudos nos Estados Unidos.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

MOÇÃO

Os trabalhadores da **Empresa de Camionagem Esteves**, reunidos em Plenário das instalações de Santa Iria de Azóia a fim de analisar a política salarial e a Contratação Colectiva, decidiram aprovar a seguinte moção:

1.º Repudiar as manobras do Ministério do Trabalho, que servindo-se da sua «ponta de lança» o D.R.O.T. (Departamento de Relações com Orgnizações de Trabalho), ao pretender descongelar a Contratação Colectiva, opta por uma nova política salarial verdadeiramente antioperária, a Indexação Salarial, que visa explorar os trabalhadores de uma forma mais subtil.

2.º Como trabalhadores lutaremos pela livre contratação colectica, único meio de defender honestamente as nossas justas reivindicações.

SANTA IRIA DE AZÓIA, 25 de Fevereiro

A DIRECÇÃO

MARIA VITÓRIA

Todos os dias 2 sessões às 20.30 e 22.45

(Não aconselhável a menores de 18 anos)

A PLURALIREVISTA DO POVO PARA O POVO

FORÇA, FORÇA CAMARADA ZÉ!

SALVADOR ★ FLORBELA ★ HENRIQUE SANTANA

VITOR MENDES
CARLOS GONÇALVES

à frente de um grande elenco e de um corpo de baile internacional

Atracção nacional:
CIDÁLIA MOREIRA

Domingo e 3.ª feira de CARNAVAL, «matinées» às 16 h. e 2 sessões, às 20.30 e 22.45

2.ª feira, espectáculos às 20.30 e 22.45, descansando a Companhia na 4.ª feira de Cinzas

Bilhetes à venda sem aumento de preço

TEATRO INFANTIL no CARNAVAL — Sábado e 2.ª feira, 2 «matinées», às 15 e 17 h. com «O PRÍNCIPE DAS ORELHAS DE BURRO».

Bilhetes a 10$00, 15$00 e 20$00 (só!)

teatro do bairro alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A (ao Rato)
Tel 661515

Bilhetes à venda

[Ah Kiu]

3.ª a sábado, às 21.15 h
domingo, só às 18.30 h
Não aconselhável a menores de 13 anos

Teatro Maria Matos

A RTP apresenta

«SCHWEYK NA II GUERRA MUNDIAL»
de Bertolt Brecht
com
RAUL SOLNADO
no protagonista

Hoje 2.-feira, às 21.30
Amanhã — Matinée às 16 horas e à noite às 21.30 horas
ÚLTIMA SEMANA
Bilheteira Tel.: 897017
A.B.E.P. Tel.: 328823
Não aconselhável a menores de 13 anos

Espectáculos

CRÍTICA DE TEATRO

Aristófanes Ad-Hoc

«TARAN-TAN-TAN NÃO ENCHE BARRIGA», texto (inspirado em Aristófanes) e encenação de Francisco Nicholson. Música: Joaquim Luís Gomes. Correia Martins e Braga Santos. Coreografia: Fernando Lima. Cenários e figurinos: Madalena Fernandes. Intérpretes: Ermelinda Duarte, Francisco Nicholson, António Montez, Henrique Viana, Magda Cardoso, Maria Tavares, Maria José, Fernando Oliveira, Lia Sena, Fátima Veloso, Natália de Sousa, Virgílio Castelo, Daniel Filipe, Teresa Filipe, Ana Margarida e Carlos Bom-Bom. Bailarinos: Clarisse Machado, Isabel de Sousa, João Miranda, Kay McLoughlin, Marcelo Filipe, Maria Bermudes, Rosemary Cottrell e Vina Godinho. Director Musical: Correia Martins. Teatro Adóque (Cooperativa de Trabalhadores de Teatro). L.º Martim Moniz. 23/2/1976.

1

Dedicado, com a devida ironia, a Raul Solnado)

Preparávamo-nos para pegar neste trabalho agradável de talhar o nosso fato para o espectáculo do Adóque quando caímos em cima de meia página raulsolnadesca do «Diário de Notícias». Dessa meia página, vale a pena apanhar uns pedaços da proesa do intérprete de Schweyk. Aí vai: **O teatro de divertimento — comercial, como lhe chamam, depreciativamente, porque não lhe podem chamar industrial ou agrícola — tem de ocupar o seu lugar em qualquer sociedade, visto que tudo tem a sua hora: tempo para trabalhar, tempo para pensar e tempo para a diversão.**

Aqui está um exemplo de esperteza saloia. Um actor que representa Brecht devia saber o que este dizia do teatro como divertimento (o que era, de resto, um dos seus axiomas) —

O actor vai mais longe: **O teatro de divertimento nunca deverá, no entanto, ser um atentado contra a inteligência, contra os mínimos conceitos morais e contra o bom gosto.**

Outro exemplo de esperteza saloia — é mais do que evidente que aqueles que atacam o teatro dito comercial (e nós com eles) o fazem exactamente por ele ser um atentado contra a inteligência e contra o bom gosto (não sabemos bem o que é isso de mínimos conceitos morais). Podemos citar alguns espectáculos tão divertidos quanto inteligentes e de bom gosto até feitos em Portugal: «Como o sr. Mokimpóte se libertou dos seus tormentos»; algum teatro de revista (em especial do Adóque), «As Cuecas ou a Vida Heróica da Burguesia», de Sternherm, «O Sr. Puntilla e o seu criado Matti», «O Soldado Schweyk», isto só para dar alguns exemplos. E este «Taran-tan-tan» de que vamos falar. Quanto às referências de Solnado à crítica, ainda bem que ficámos a conhecê-las. O actor tira a máscara e o esgar que fica não é bonito de se ver. Parafraseando o Mário Castrim — como um homem pode ser pequeno por fora e por dentro.

2

(Dedicado à malta do Adóque, obviamente sem ironia nenhuma)

Aí está, vocês fazem um espectáculo e, sem querer, pegam com ele nas ventas da entrevista do Solnado. Um espectáculo divertido e um espectáculo que **induca** — não é coisa que se tope a cada passo. O que aconteceu, então? Aconteceu que o vosso espectáculo faz rir e faz rir a valer e através desse riso transmite uma série de reflexões críticas que alertam mesmo os que não andam a dormir e abrem os olhos aqueles que não vêem, ou fingem não ver, um palmo à frente do nariz. Esta receita de humor nicholsonsiano bem temperado com sal de Gil Vicente e pimenta da antiga, da grega (agora já não há daquilo!), é um prato forte — fará mal aos estômagos delicados — e suculento.

Nicholson pegou no texto de Aristófanes, que escreveu com uma antecedência de mais de dois mil anos um manifesto em forma de teatro de um Movimento de Libertação da Mulher, deu com ele uma volta pelo Rossio, Largo do Carmo, Bairro Alto, S. Bento e Belém — e o resultado é um espectáculo no qual rindo se castigam certas vilanias. Se o espectáculo peca por excesso — não o levemos a mal. Com o esquema utilizado seria difícil ser inteiramente justo exprimindo as nuances de uma situação tão difusa como a de Lisboa, perdão, como a de Atenas da época.

Pois, é verdade, numa manhã primaveril os atenienses acordaram com esta maravilha: os seus militares tinham derrubado o ditador. Tarefa pelos vistos, fácil — toda a gente ficou contente. O pior foi o resto (parece que já ouvi isto, pensará o leitor). Deu-se o caso de alguns militares atenienses não se entenderem; de alguns começarem a disputar o poleiro; de «os homens sem sono» sacrificarem as mulheres que ficavam em casa a chuchar no dedo enquanto os maridos iam para as assembleias, para os comícios, para os plenários, para as reuniões, para as discussões. Deu-se o caso de os militares (atenienses) discutirem maiorias e minorias em vez de discutirem a revolução; de vestirem cada vez melhor (bem visto, o guarda-roupa) enquanto o mexilhão (os escravos, porque naquele tempo havia escravos, leitor) é que se lixava. Os preços subiam, as prostitutas vendiam, os chulos comiam, e as mulheres dos generais (atenienses) sofriam. Veio, claro, a revolta. Lisistrata comandou: vamos fazer a greve do amor. Todas concordaram, e até as que se alugavam aderiram e foram até elas que impuseram uma certa disciplina. E as mulheres venceram — os maridos (os senhores pluralistas da nação) resolveram tomar juízo e passar a estar unidos e a fazerem amor.

Toda a gente tem consciência de que as mulheres de Atenas não chegaram a fazer a revolução. Olha a novidade: dois mil anos depois, os homens de Lisboa também não a souberam fazer!

Poderá dizer-se que Nicholson não explorou tanto quanto podia o tema fabuloso que tinha entre mãos — é o caso da ambiguidade em que o espectáculo não deixa de se arriscar (embora a nosso ver ganha a aposta); é o caso de nem sempre o absurdo das situações ser devidamente aproveitado, a nível da encenação, como acontece com a cena do cabeleireiro e massagista, ou com a cena do mercado, ou com a cena do bordel, ou com a cena da Acrópole, excelentes. O cenário é bastante pobre (por dificuldades económicas?) e não ajudou a que a imaginação levantasse asas; o texto apoia-se excessivamente nas extrapulações (1) sexuais, deixando na sombra aspectos falhados da revolução que teria interesse valorizar (por exemplo, o avanço da reacção); o final, necessariamente pessimista, podia ter sido resolvido de forma mais satisfatória — a esperança que nele aparece em palavras coladas a cuspo seriam mais convincentes se, com elas, surgissem os «escravos» como imagem da revolução a fazer. Com estas carências ou com estes erros de perspectiva, é este o mais estimulante espectáculo neste momento em cena e uma das curiosas e prometedoras experiências do teatro português de massas após o 25 de Abril. A qualidade da coreografia, o conjunto dos intérpretes de que queremos distinguir Maria Tavares com um poder de comunicação que é um caso sério); o que há de saudavelmente pornográfico (a caricatura da pornografia é antipornografia), a música, fazem esquecer as falhas dos aspectos vocais (grande parte das canções em **off** não se percebe). Embora inspirado em tema grego, é este um espectáculo bem português e prova da nossa capacidade inventiva e da possibilidade do teatro fazer rir e pensar ao mesmo tempo. E sem partidarismos, como diria o outro (que se lixe!) Parabéns, para vocês.

(1) Não é engano, é trocadilho.

CARLOS PORTO

Grande noite do fado

Muitos artistas populares vão estar presentes na «Grande Noite do Fado», promovida pela Casa da Imprensa que agora recomeça o seu ciclo de iniciativas.

Intérpretes em conhecidos do grande público vão estar presentes na vasta sala do Coliseu dos Recreios na noite do próximo sábado, dia 6.

Criadores de melodias que andam ainda na boca de toda a gente irão participar nesta realização da Casa da Imprensa, nomeadamente: Gina Maria, Max e o Trio Odemira entre outros que, oportunamente, serão revelados.

Entretanto, os bilhetes estão já à venda no Coliseu dos Recreios.

"O burlesco americano"

Subordinado ao tema «O burlesco americano», e integrado na quadra carnavalesca, a Direcção-Geral da Acção cultural, promove, no Palácio Foz, a exibição dos seguintes filmes mudos na quarta-feira, às 15, 18.15 e 21 horas:

«A criança perdida», de Wallace McCtcheon (1904), «Charlot usuário», de Charlie Chaplin (1916), «Harold, neto animado», de Fred Newmeyer (1922), «O xerife Ciclone», de J. del Lord (1924).

Uma canção para a Europa

Enquanto decorre a contagem dos votos para a escolha de «Uma canção para a Europa», Carlos do Carmo voltou a gravar um espectáculo no qual interpreta as oito canções seleccionadas, que serão apresentadas ao público por ordem inversa da sua classificação.

Como se sabe, uma das originalidades do concurso, este ano, é a vontade directa do público, que escolherá uma das canções para representar a RTP no festival internacional. As canções são «Onde é que tu moras?», «Estrela da tarde», «Os lobos e ninguém», «No teu poema», «Novo fado alegre», «Maria-Criada, Maria Senhora», «Cantiga de Maio» e «Uma flor de verde pinho». Intérprete único: Carlos do Carmo.

GRUPO DE TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA

APRESENTA

de 3.ª a Sábado, às 21.30 h.
Domingo, Matinée, às 18 h

«OS ENCANTOS DE MEDEIA»

de
António José da Silva
(Judeu)

Enc. Norberto Barroca
Espec. para todos

MARC. TEL. 60 72 99
R. S. Francisco Borja, 22
(as Janelas Verdes)

(Esta semana, o Descanso é 4.ª feira)

OFICINA DE AUTOMÓVEIS

SERVIÇOS RÁPIDOS

MANUTENÇÃO E REPARAÇÕES
DE AUTOMÓVEIS DE MARCAS POPULARES

MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L.
AV. 24 DE JULHO, 52
LISBOA
TEL. 66 77 94 / 8

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

O MELHOR É RIR; MAS ÀS VEZES DÁ VONTADE DE CHORAR...

Eleonora acabou. Eleonora, não a Jennie, vocês sabem, ora não haverem de saber; aquela-la americana muito ambiciosa e muito: Como é que hei-de dizer...muito despreocupada de costumes, a Jennie que não ficou na História por causa das suas histórias mas unicamente por ter sido mãe de um homem chamado Churchill, otal que, se fosse mulher, poderíamos dizer que trouxe a guerra-fria no ventre. E mesmo assim podemos dizer porque os políticos reaccionários, homens ou mulheres têm ventre para tudo e mais alguma coisa.

Eleonora e não Jennie, reparem. Sublinho isto porque com a inflação dos folhetins começamos a ter a bússola doida. O Jacques Thibanet já se confunde com o André pintor, a irmã da Eleonora confunde-se com a irmã do Daniel, as intrigas baralham-se e por isso eu digo que Eleonora acabou, a Elenora e não a Jennie, a italiana cheia de virtudes e não a americana que...ninguém tem nada com isso.

Sem ser o que possa dizer-se uma produção excepcional, daquelas de grande estadão, *Eleonora* testemunhou claramente, através dos quase 60 artistas principais e técnicos que na obra participaram, a capacidade realizadora da RAI. Quanto mais não fosse, bastaria a presença de Julieta Masina para lhe garantir enorme popularidade.

Nao raramente a história de Eleonora tremeu na corda bamba da historiazinha ligeira. Entendida ao nivel dessa mesma simplicidade, importa saber até que ponto ela não será um processo uma forma de ir ao encontro dos gostos de um grande público viciado nas fotonovelas, nas telenovelas, na literatura do cordel e da corda.

A verdade é que talvez muita gente, no engodo da história de amor sem limites de Eleonora, tivesse compreendido, ou intuído, coisas mais complicadas como a luta de classes (as relações do industrial Fontana com os seus trabalhadores) as contradições no seio do capitalismo (as relações de Carlo com os seus familiares e colegas industriais) a moral dos negócios (assente no lucro e em nada mais) a alienação da burguesia (sempre se coloca tudo em relação aos seus interesses privados e nunca aos interesses de uma comunidade), etc., etc. Para mentalidade burguesa, a arte, a familia, a felicidade, a amizade, o amor, etc., tudo se entende em função dos negócios, da moral e do interesse de classe.

Tudo isto se viu e se meditou ao longo da «Eleonora». Sem redução a uma noção partidária, sem um «slogan»: tudo ali com factos na mão, com provas e nãocom especulações.

A morte de André coloca tudo nos seus lugares: os burgueses ficam com a morte e com as liras que valem os quadros do pintor: Eleonora e os seus amigos ficam com o amor — que desconhece a morte e com a admiração, a fruição da beleza.

Vitória, vitória, acabou-se a história.

LOPES CARDOSO POR EXEMPLO

Eu gostaria agora de lhes dizer como se passou o domingo de Carnaval na Televisão, porque, como disse um locutor, *o melhor é rir*. Foi pobre esse Carnaval, tirando a antologia cinematográfica de humor, passada à tarde e que merecia a maior audiência do serão.

O melhor é rir — mas às vezes a Televisão Portuguesa o que dá vontade é de chorar.

Chamamosmais uma vez a atenção para a descarada manipulação partidária que se está a fazera través da Televisão — e isto num período praticamente eleitoral. Sendo certo que esse período teve praticamente o seu início em 25 de Novembro e que desde então a Televisão, particularmente através do *Telejornal* e dos *momentos politicos* (momentos é favor... Aquilo é sempre às bateladas das meias horas) se enquadrou no sistema às mil maravilhas.

Salta à primeira vista que é impossível separar, num ministro, a sua imagem de governante da sua imagem partidária. A audiência tem as maiores razões para supor que a presença do Governante mais não serve do que de propaganda ao homem de partido. Assim, acontece, ao nivel da Televisão, a dualidade.

Lopes Cardoso, por exemplo — mas há mais, muitos mais. Na Televisão ora como ministro, ora como partidário. Isto não se faz. Isto tem um nome muito feio.

A MANOBRA

Peço aos meus leitores que, muito e calmamente, me acompanhem no desenvolvimento de uma manobra.

O *Telejornal* dá notícia e reportagem de uma reunião da C.I.P. Anuncia a seguir reportagem de um plenário dos trabalhadores da CUF no decorrer do qual se comunicou a elaboracão de um livro branco sobre as actividades da CIP, do MDE/S, do Grupo Melo; emque se criticou o Governo por isto e por aquilo; se denunciaram graves situação de sabotagem, e manobras do ex-patronato (supondo-se que exista quem pretenda transformá-lo em «futuro ex-patronato...)

Parece que a reportagem devia centrar-se principalmente nestes pontos, o que seria medida útil numa época em que o regresso dos grandes patroes assume aspectos de escândalo.

O *Telejornal*, porém, não o entendeu assim. Passou logo à reforma agrária, com uma entrada do dirigente Sindical Manuel Godinho e com uma referencia de Artur Jesus a um *Teleforum* mencionado por Lopes Cardoso.

Findo o que segue o comentário de ligação do Telejornal: *Sensivelmente à mesma hora, Sá Carneiro partia para uma visita de duas semanas aos Estados Unidos e ao Canadá e acusava Lopes Cardoso de demagogia e falta de serenidade apropósito dosacontecimentos de Rio Maior. Estas críticas e acusações parece não alterarem o programa de trabalho do ministro de agricultura.*

E entra a reportagem de Lopes Cardoso (como ministro...) nas suas deambulações nada eleitoralistas (quideia!) pelo Ribatejo...

A manobra está demasiado à vista. Tudo se organiza de maneira a não prejudicar, fortemente, a imagem partidária da acção governativa; tudo se encaminha no sentido de desembocar em Cardoso, com uma reportagem que nada justifica. Não faz mais nada a Televisão se se põe a seguir todos os passos e passinhos dos ministros... Tudo se organiza igualmente para fazer salientar a acção moderadora, tranquilizadora, o carácter do P.S. como partido do centro, sem os extremismos da esquerda e da direita; ao mesmo tempo que se pretende eliminar ou diminuir, pela imagem refulgente de Lopes rodeado pelas populações do Ribatejo, a força das acusações do trabalhador Manuel Godinho...

Eu gostava de perguntar a alguém se isto é justo. Se isto é moral. Se esta manipulação partidária do Telejornal está correcta. Mas não sei a quem perguntar. Por isso te pergunto a ti leitor.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS TELECOMUNICAÇÕES

Telefones 66 66 52 / 67 25 45

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar no próximo dia 4/3/76 (quinta-feira), às 21.00 horas, na sede do Sindicato, com a seguinte Ordem de Trabalhos :

1. Política salarial.
2. Contratação Colectiva.
3. Projecto «Horário de Trabalho Nacional».
4. Lei dos despedimentos.
5. Informações :
   a) Documento «Rádio Actual».
   b) Outras.

A DIRECÇÃO

— COZINHEIRO —

— URGENTE —

- PARA RESTAURANTES DE COLECTIVIDADES
- CONTACTAR :

AV. INFANTE SANTO N.º 34-8.º — T. 605041

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS

Rua Joaquim António Aguiar, 66, 3.º, Esq. — LISBOA-1

COMUNICADO

1. De acordo com art.º 73.º dos Estatutos do nosso Sindicato, só poderão votar os sócios, maiores de 18 anos que estejam no pleno gozo dos seus direitos sindicais e tenham pago as suas quotas nos dois meses anteriores à realização das eleições.
   Assim sendo, deverá ficar bem claro que não poderão constar dos Cadernos Eleitorais e, portanto, não poderão votar, os trabalhadores que, estando a pagar a sua quotização não fizeram ainda a sua inscrição como sócios do Sindicato.
2. As Disposições Transitórias deixaram de estar em vigor.
3. Tendo em vista a necessidade de uma ampla participação no acto eleitoral, chamamos a atenção para o seguinte :
   a) Se estás a descontar para o S.T.I.C.F. e não te encontras inscrito, fá-lo o mais rapidamente possível (passa pelo Sindicato ou contacta o teu Delegado Sindical).
   b) Se já estás inscrito e não estás possuidor do teu cartão de sócio, trata de o obter (no caso de o teres perdido entrega uma fotografia para te ser passada uma segunda via).
4. Para te inscreveres deverás :
   a) Preencher o Boletim de Inscrição.
   b) Apresentar 3 fotografias.
   c) Pagar 50$00 de jóia.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1976

Pel'O Grupo Pró-Eleitoral
Belarmino Silva

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

Hoje

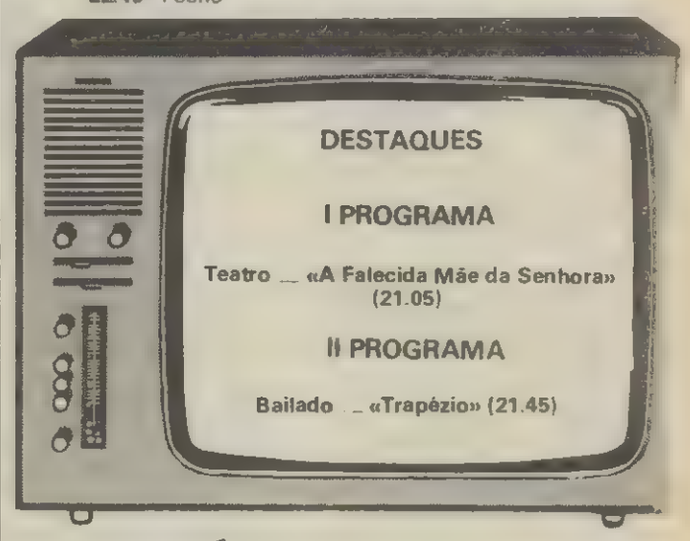
«Omer Pasha»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **Espaço Visual** — programa dedicado aos jóvens.
Dois rapazes, através de um diálogo iniciado em casa e continuado na rua e num barco que atravessa o rio Tejo, lançam-se na aventura de olhar o que existe à sua volta. E partindo do ponto para a linha e para a perspectiva, os dois amigos vão descobrindo e tirando prazer de olhar e compreender melhor tudo o que os rodeia.
19.25 **Teledesporto** — rubrica dedicada às actividades desportivas.
19.55 **Da Saúde e da Vida** — o yoga.
20.10 **Vivendo o Futuro**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Teatro** — «A Falecida Mãe da Senhora» — de Georges Feydeau. Tradução e adaptação de Sérgio Porthman. Chefe de produção: Figueiredo de Barros. Cenógrafo. Eduardo Lemos, Realização de Herlander Peyroteo. Intérpretes: Benjamim Falcão (Luciano); Fernanda Borsati (Ivone); Carmo Mateus (Maria) e Carlos Rosa (José).
22.00 **«Don Juan»** — Prémio «Rosa de Ouro de Montreaux/74» — programa de caricatura ao marialvismo latino e, especialmente ao donjuanismo espanhol. Com Pedro Osinaga, José Martin, Andrea Mejuto e outros. Realização de António Marcero. Produção TVE
22.30 **Telejornal** — 3.ª edição
22.45 **Feho**

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Omer Pasha»**
20.25 **Nepal** — as estradas do comércio do Himalaia.
20 50 **«Jovens Rebeldes»** — série filmada.
21.45 **Bailado** — «Trapézio» — música de Prokofieff Bailarinos e Orquestra do Teatro Bolshoi. Realização da TV Soviética.
22.10 **Telejornal** — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
22.40 Fecho



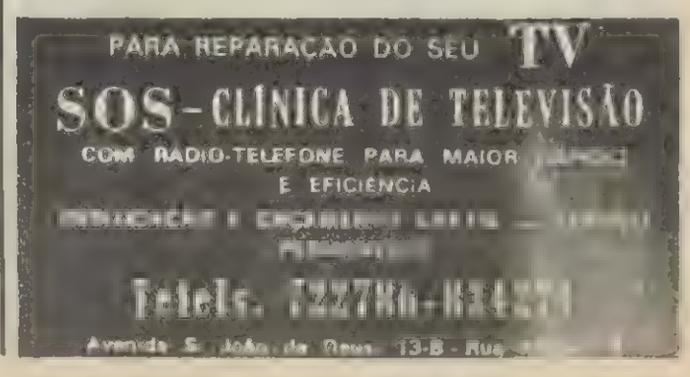
Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **13.15**: Abertura e Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: «D Anos de Férias» — série filmada; **13.55**: Logo à Noite — os programas RTP e o cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa e Porto. **2.º Período** — **19** Abertura e «O Segredo dos Flamengos» — série filmada; **19.25**: Silêncio . Var Rir!; **20.00**: Ver — análise da pintura de Rogério Ribeiro. Um programa prod do e realizado por José Elyseu; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição — notici do País e do estrangeiro; **21.05**: Brasil!!! — um programa realizado pelos cor pondentes da RTP. José Manuel Coelho e Reinaldo Varela sobre o Carn de 1976; **21.35**: Festival de S.Remo — final do Festival da Canção Italia **22.20**: Telejornal — 3.ª edição; **22.55**: Fecho

II PROGRAMA

. . . . **20.00**: Abertura e «Dois Anos de Ferias»; **20.25**: Nome Mulher — direi à habitação; **21.10**: Concerto — pela banda de Música da Guarda Nacion Republicana. No programa: Abertura da «Granfe Páscoa Russa», de Rimsky Korsakov e a Sinfonia n.º 1 de Saint Saens. Direcção do tenente Idilio Fernan des. Realização de Jorge Listopad: **22.15**: Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30; **22.45**: Fecho



Desporto

Sporting: a «Taça» no papo

Hóquei sportinguista: Oeiras não foi problema

Em Coimbra (pavilhão dos Olivais) a turma hoquista do Sporting conquistou a «Taça de Portugal», após bater os briosos rapazes do Oeiras por marca insofismável (7-1), a atestar a ligação e técnica que o treinador Torcato Ferreira inoculou na equipa que está presente na esgrima pela «Taça dos Campeões».

Eis como alinharam (e marcaram golos) os hoquistas das formações finalistas:

Sporting: Ramalhete, Rendeiro (1), Sobrinho (1), Chana (4), Salema (1), Saraiva, Carlos Alberto e Basílio.

Oeiras: José Pereira, Cristóvão Rosado I, Carvalho, Rosado II, Diamantino e Piteira.

Arbitragem de Carlos Silva, Armelim Ferreira e Domingos Ferreira.

A decisiva para a «Taça de Portugal» enquadrou-se naquilo que poderia ser um bonito festival, e em que avultaram exibições de patinagem artística por garotos de palmo e meio, jogos entre escolas de jogadores, tudo entre muito entusiasmo da plateia que encheu completamente o recinto.

Quanto ao embate Sporting-Oeiras diga-se que os moços da Costa do Sol, enquanto tiverem ar nos pulmões, deram réplica: o intervalo chegou com um nulo (1-1) mas, depois, a pressão leonina levou de vencida a aplicação dos pupilos de Domingos Perdigão.

Uma nota pouco agradável: houve invasões e agressões, por energúmenos que, misturados com desportistas, assitiam àquilo que se pretendia fosse (exclusivamente) um festival de hóquei. Foi pena, realmente, mas a verdade é que a indisciplina em recintos desportivos portugueses é uma quase constante a que ninguém consegue pôr cobro. Até que se lamente um desiderato marcado a tarja negra...

É inegável que o hóquei patinado sportinguista deve uma quota bastante notável ao seu comando técnico, entregue ao melhor «expert» da modalidade no nosso país: Torcato Ferreira, autêntico (e indementível) «fazedor de campeões».

Impressionante «palmarés» pode ler-se na ficha de Torcato Ferreira, com um pequeno mundo de conquistas e êxitos que reflectem trabalho, aplicação e vincado profissionalismo. Ora veja-se: um campeonato do Mundo, três campeonatos europeus de seniores, duas vitórias no «Torneio de Montreux», 15 êxitos em várias competições internacionais, dez campeonatos portugueses da 1.ª divisão, três campeonatos metropolitanos, 14 campeonatos lisboetas de primeiras categorias, 12 «Torneios de Abertura» (categoria principal), 15 campeonatos de reserva da Associação de Lisboa, um campeonato europeu de juniores, sete campeonatos nacionais de juniores, sete campeonatos lisboetas de juniores, cinco campeonatos de juvenis de Lisboa, três campeonatos lisboetas de principantes e, agora, a vitória na «Taça de Portugal». Para um jovem avô (uma semana de título...) concordemos que não está mal, apenas lhe faltando a «Taça dos Campeões Europeus» para ter no bolso todos os títulos possíveis dentro do hóquei em patins. E, lembremos, com o Sporting envolvido na luta por esse troféu (a 6 do corrente, em Montreux; a 20, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa) o ramalhete pode ficar completo...

TAÇA DE PORTUGAL: ESSA DESGRAÇADINHA

A partir do instante em que descarada e antidemocrática protecção aos grandes empórios futebolísticos roubou o interesse maior à disputa da «Taça de Portugal», esse torneio fotebolístico resvalou para uma apatia e uma incongruência que transformam em autênticas sensaborias as etapas em que são limadas as arestas, para os clubes de plano *intocável* receberem, já estoirados e sem horizontes, as pequenas dádivas que ficam na peneira idealizada pelos federativos para repelir qualquer ataque vigoroso ao «prestígio» dos seus suportes fundamentais.

Infelizmente, assiste-se, anos a fio, à continuidade de um sistema eliminatório que funciona perfeitamente para a triagem dos «indesejáveis», deixando no poleiro da salvaguarda os luminares do futebol português, capazes de fazerem receitas entre si e, portanto, facilitarem a vida do tesoureiro federativo, sempre ávido de lograr uns bons contos de reis para os passeios de colegas até areópagos onde não passam da cepa torta (que diabo!) onde se come e bebe do fino.

Enjeitada, vilipendiada, filha-não-reconhecida na orgânica desportiva portuguesa, esta «Taça de Portugal» em chuto é (mesmo) um *atraso de vida*. digladiam-se, imperdoavelmente, os «minhocas», em pugnas de pontapé ao sol e à chuva. Depois, se tudo correr pelos bons ajustes dos donos das marionetas, atinge-se uma fase em que os «divinos» da Primeira Divisão condescendem em atender a meia dúzia de pobres de Cristo que foram escapando a sucessivas imolações. É isso que, neste ano da graça de 1976, continua a ocorrer num país em que, na boca de qualquer secretário de Estado como no dizer de futuro anónimo director-geral, a palavra democracia é atirada a esmo para as barbas dos pensantes, espécie de couraça que autoriza todos os dislates, um ror de tropelias, façanhas que bem desejaríamos estivessem sepultas pelo menos de há dois anos a esta parte. Mas, face à impassividade de quem tem a faca e o queijo na mãozinha, lá continua tudo na mesma: porventura porque, nas constantes viagens aqui e acolá, ainda não apareceu um olho salvador a cair sobre a realidade que deve ser o desporto moderno.

Falando, enfim, da anacrónica «Taça de Portugal» em chuto, diremos que, deste ultimo trampolim inventado pelos sapientes da bola, não saiu nenhum bicho a perturbar-lhes o sono: a própria necessidade do Paredes obrigar o Marítimo a novo jogo, cá pelo continente, nem sequer foi nota insólita, sabido de como é sempre agradável atirar com um nadinha de poeira para a cara dos pacóvios, à laia de justificação aparente para uma razão falecida e nauseabunda. Vejamos, todavia, como ficaram registados os desfechos da jornada de ontem: Torres Novas-Alba, 2-1; Gil Vicente-União de Lamas (1-2); Salgueiros-Sesimbra, 2-0; Almada-Sp. de Espinho, 3-2; Oriental-Penafiel, 1-0; Marítimo-Paredes, 0-0; Portimonense-Portalegrense, 3-0; Varzim-Leiria e Marrazes, 2-0; e V.da Gama-Sp. de Lamego, 2-1.

Apurados os clubes triunfadores, juntam-se-lhes os dois isentos de trabalho no Carnaval (Famalicão e Leiria), aproxima-se do molho encontrado o triunfador do duelo Paredes-Marítimo e aí temos quem continua, aos solavancos, na famigerada disputa da taçazinha que só interessa aos que estão debaixo da boa capa. A próxima eliminatória vai ocorrer a 28 do corrente.

Uma das duas notas fundamentais da ronda de ontem processou-se em «Vidal Pinheiro», onde o Salgueiros manteve a invencibilidade na tempo-

Oriental-Penafiel: um complicado duelo ao sol

rada, levando de rompante o opositor, com um golo logrado aos três minutos de jogo (por Vítor) e o dealbar do espectáculo (em obra de Xavier, consentida pela estranha apatia do guarda-redes contrário, o até então elástico Alhinho). Cá para baixo, o jogo-base teve Almada como cenário: Espinho, ainda há pouco na divisão principal, caiu da carroça mas lutou rijamente. Logo ao principio (ensaiavam-se os primeiros chutos) perdeu o concurso de Malagueta, que se lesionou e teve de ser substituido por Canelas. Os golos pareceram cerejas, com alternantes curiosas: Simões (1-0, junto ao poste esquerdo contrário); Gonçalves empata, provocando uma sinopse de «sururu»; Cila aproveita um livre, por carga no limite da área, e faz 2-1 para os visitantes; Simões volta a colocar o nulo no marcador e o 3-2 final sai dos pés de Mosca, o endiabrado almadense que foi a grande vedeta do jogo. Mas outros nomes ganharam jus a aplauso: especialmente Helder Ernesto, Pinto Ribeiro, Simões, Abrantes, Cila e Washington.

Registemos as formações, com uma palavra para a fraca arbitragem (Augusto Bailão, de Lisboa) que se deixou prender em discussões e empurrões que valeriam bem mais que a expulsão de Raul e o cartão amarelo mostrado a Páscoa, quando recolher ao balneário e bem acompanhado.

Almada: Eduardo; Malta (Godinho), Peixoto, Simões e Franklin; Zegre, Boiada e Diamantino (Henrique); Páscoa, Simões e Mosca.

Espinho: Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves e Raul; Helder Ernesto, Cila e Pinto Ribeiro; Eduardo; João Carlos e Malagueta (Canelas, depois Gomes).

Pronto, este foi o domingo futebolístico de nível mais destacado: mesmo assim, um quase zero à esquerda. Ainda se processaram outros jogos, desta feita a contar para o Campeonato da 3.ª Divisão. Por justiça, aqui se citam os desfechos: Gouveia, 3-Febres, 1; Campomaiorense, 1-Alhandra, 2; Luso, 3-Amora, 0 e Seixal, 1-Alcochetense, 0.

Agora, todos os adeptos do futebol, benfiquistas ou imparciais, começam a pensar na esgrima que vai ocorrer, na noite de quarta-feira, no (garantido) superlotado Estádio da Luz. Muitos milhares de contos em equação, muitas «estrelas» no palco, o povinho comprimido como peixe em lata. O trivial em espectáculos decisivos na apaixonante «Taça dos Campeões Europeus» em que clubes portugueses, Benfica à cabeça de todos, já disseram de sua (grande) justiça. Com todo o mérito e correspondente recolha de louros e divisas.

NEVES DE SOUSA

PORTUGAL

Manoel (com o): chegou ontem, para Alvalade. Promete golos aos montões. Veio cheio de medo das «brigas, da revolução». Mas, os prometidos cinquentas por mês lá tentaram o fura redes

CUBILLAS

O **cinco-ministros** fez o solitário golo com que o F.C. Porto, em espectáculo particular, bateu a turma futebolística do Red Star (de França).

ANDEBOL

A ronda n.º 15 do nacional de andebol proporcionou os seguintes desfechos: F. C. Porto-Beira Mar, 19-10; Técnicos-S. Mamede, 17-20; Benfica-P. Manuel, 23-9; Boa Hora-Almada, 20-17; Belenenses-C. Ourique, 24-14 e V. Setúbal-Sporting, 19-19. **Classificação:** 1.º, Belenenses, 42 pontos; 2.º, Sporting, 40; 3.º, Benfica e F. C. Porto 39; 5.º, Vit. Setúbal, 31; 6.º, Boa Hora, 29; 7.º, Almada e S. Mamede, 27; 9.º, Beira Mar, 25; 10.º, Passos Manuel, 21; 11.º, Técnico e C. Ourique, 20.

RÂGUEBI

Lá vai andando o nacional de râguebi. Mais alguns jogos; Barreiro, 4-CDUL, 53; Académica, 3-Belenenses, 3; o CDUP faltou ao encontro com o Benfica e Direito bateu o Técnico (38-19). Benfica, com três pontos de avanço sobre Direito (que conta um jogo a menos) é o «leader» da tabela.

POLÍTICA

José Luis Nunes (P. S.) é candidato à direcção do F. C. Porto pela lista afecta ao seu partido.

SUBSÍDIOS

Pode considerar-se de surpreendente viragem, o horizonte mais próximo no Lisboa Ginásio. A DGD, acorrendo a um dramático apelo do clube, que, sobretudo, à ginástica, tem devotado o interesse maior, resolveu abrir a bolsa, e fazer ofertas: 250 contos para auxílio à falta de liquidez do Lisboa Ginásio e 500 contos para obras de carácter verdadeiramente urgente. Isto, sem contar com o aval para um empréstimo bancário no montante de 450 contos, que, até 31 de Dezembro, nada importará de juros, assegurando-se assim a sobrevivência de uma das colectividades mais prestigiosas e de mais soberbo «palmarés» no nosso Desporto. Lamenta-se, porém, que somente 38 dos milhares de associados do Lisboa Ginásio tivessem escutado a boa nova, pela voz do arq. Araujo Francisco, membro da comissão directiva do LG.

TRANSIÇÃO

Foi suprimido o conselho geral do Vitória de Setúbal: as suas funções passaram transitoriamente, para uma comissão integrada por Silvério Jones, Rogério de Carvalho, Fernando Salgueiro e Rogério Pereira, que até fins do ano corrente usufrui de todos os poderes para tratar de assuntos relacionados com os terrenos que fazem parte do património vitoriano. Estranha-se (isso, sim) que somente 69 dos seis mil associados do Vitória tivessem estado presentes na hora da eleição da nova gerência do seu clube: dr. Aníbal Pescadinha (assembleia geral), Silvério Jones (direcção) e Sérgio Machado (conselho fiscal). Para o pelouro de futebol, um grupo de trabalho: José Forte Faria, José Manuel Pedrosa, Luis Varela e Rogério Piteira, apoiados por Francisco Nascimento.

REFORÇOS

Com a época futebolística, já para além do meio, ainda há colectividades que, em dificuldades pontuais, entendem que é no recrutamento de novos valores que conseguem escapar a situações difíceis. Dois casos: Chico (Cartaxo) foi contratado pelos Elvenses enquanto o Sporting de Pombal foi mais longe, pois dispensou o actual técnico (Nuno) trocando-o por Licas e, de uma assentada, contratou Nito (antigo Huambo e Benfica), Freitas (ex-F. C. Luanda), Medeiros (que estava «preso» ao Sporting) e Carlos Alberto (ex-Tomar). Valerá de alguma coisa este esforço?

SPORTING

Enquanto os «leões» anunciam o aumento para cinco escudos do preço do seu jornal semanal (agora dirigido pelo dr. João Xara Brasil), é dada como certa a presença de uma forte formação atlética do clube de Alvalade no «XII Grande Prémio de Seia», a efectuar no

Continua na pág. 17

Desporto

CARLOS LOPES VENCE "CROSS DAS NAÇÕES"

O êxito maior do atletismo português

. Por aí, já todos o sabem: Carlos Lopes venceu o «Cross das Nações», derrotando 153 outros campeões e muitos que ficaram pelo caminho. Êxito retumbante, porventura o maior do Atletismo cá da casa, que envolve a perseverança de um técnico excelente (Mário Moniz Pereira), o apoio oferecido pelas entidades governamentais para a preparação de um lote de pré-olímpicos (em que se inclue o «trotador» sportinguista) mas, acima de tudo, o triunfo de uma inquebrantável força de vontade: a desse rapaz de 29 anos, nascido em Vildemoinhos (perto de Viseu), que vive apenas do seu vencimento de empregado bancário (sete contos e cem de salário, no Banco do Alentejo) e, com esse dinheiro, sustenta mulher e filho, o Nuno (bebé de onze meses) Carlos Alberto de Sousa Lopes: agora, um favorito para Montreal.

. Praticamente, a corrida não teve história: Carlos Lopes, nitidamente à vontade, sob um sol brilhante e acolhedor, afastou-se sistematicamente dos seus rivais depois de alcançar a dianteira durante uma subida segunda volta.

Saltando de um bloco em que seguiam Ford, Lismont e Simmons, Lopes arrancou como uma gazela. Os outros parceiros da corrida devem ter pensado que o português iria *estoirar* daí a pouco: foi um engano, pois o sportinguista, gradualmente, foi aumentando o seu avanço, a pontos de conseguir um dos mais retumbantes êxitos até hoje assinados no «Cross das Nações».

Ao lado do vice-presidente sportinguista (dr. Nunes dos Santos) Carlos Lopes chega à Portela de Sacavém

— *Nas descidas e nos planos, eles eram melhores. Então, experimentei distanciar-me nas subidas. Resultou...*

Na Portela de Sacavém, Carlos Lopes é um homem feliz, mas comedido. Sorri com a mesma humildade de sempre. O triunfo não o cegou, não o atirou para os píncaros da Lua, «*Agora* (diz ele) *quero continuar a trabalhar Montreal, isso sim: essa é que é a minha meta. Se todos me ajudarem, verei o que posso lá fazer...*»

O português entrou para o grupo de potenciais medalhistas nos 10 000 metros olímpicos, em Julho próximo, com a sua surpreendente vitória nestes campeonatos internacionais de corta-mato, disputados em Chepstown (País de Gales).

Embora tivesse ganho um par de corridas, no princípio deste Inverno, poucos observadores, em Chepstown, esperavam que ele constituísse uma ameaça para as «estrelas» consagradas do corta-mato, na prova de 12 quilómetros disputada no sábado.

Mas, o elegante atleta do Sporting não só lançou por terra as esperanças dos seus rivais como o fez de modo brilhante, terminando a prova com um avanço de 16 segundos sobre o concorrente mais próximo, depois de uma prova disputadíssima que, em certa altura, o apresentou com um avanço de meio minuto. Foi tão fácil que parecia impossível que um corredor do calibre de Carlos Lopes se tivesse apresentado em Chepstown como um desconhecido.

Com excepção do próprio Lopes, que desapareceu imediatamente após a cerimónia da vitória, evitando as entrevistas, a pessoa menos surpreendida era o seu treinador, Moniz Pereira, que orienta Carlos Lopes há nove anos. Declarou que o principal objectivo, este ano, eram os 10 000 metros olímpicos, em Julho. **A corrida de corta-mato tem, normalmente, pouca influência sobre as actuações em pista, mas tão nítida foi a superioridade de Carlos Lopes que ele será, certamente, um homem marcado, quando chegar a Montreal.**

Mas, enquanto deu um inesperado impulso às perspectivas do atletismo português, muitos dos favoritos antes da prova regressaram aos seus países com uma péssima classificação. O espanhol Mariano Haro, favorito destes últimos quatro anos, apenas conseguiu um 11.º lugar, enquanto o belga Gaston Roelants, que esperava alcançar uma quinta vitória, terminou em 13.º lugar. Porém, a maior desilusão foi o colega de equipa de Roelants, Eric de Beck, campeão internacional de 1974, que regressou a casa com um 49.º lugar.

Vitória sem sombra de oposição

Classificação final: 1.º, Carlos Lopes, 34 m. 47.8 segundos; 2.º, A. Simmons (Inglaterra) 35.04.; 3.º, B. Ford (Inglaterra) 35.07; 4.º, K. Lismont (Bélgica), 35.8;
5.º, D. Uhlemann (Alemanha Ocidental), 35.17; 6.º, E. Sellik ?União Soviética) 35.17; 7.º, G. Tuttle (Estados Unidos), 35.19; 8.º, F. Fava (Itália) 35.21; 9.º, J. Boxberger (França), 35.24; 10.º, T. Kantanen (Finlância), 35.28; 11.º, M. Haro (Espanha), 35.28 e 12.º, V. Merkishin (União Soviética), 35.30.

Ordem de chegada dos demais portugueses: Anacleto Pinto (44.º), Hélder de Jesus (79.º), Fernando Mamede (80.º), José Sena (88.º), Aniceto Simões (102.º), Vasco Pereira (103.º) e Carlos Cabral (140.º). Completaram a corrida 153 concorrentes.

Classificação por países: 1.º, Inglaterra, 90 pontos; 2.º Bélgica, 118; 3.º, França, 187; 4.º, União Soviética, 219; 5.º Itália, 224; 6.º, Estados Unidos 243; 7.º, Alemanha Ocidental 292; 8.º, País de Gales, 304; 9.º, Finlândia, 345; 10.º, Escócia, 348; 11.º, Espanha, 390; 12.º, Portugal, 394; 13.º, Irlanda, 397; 14.º, Marrocos, 482; 15.º Argélia, 498; Tunísia, 574; 17.º, Suécia, 600 e 18.º, Irlanda do Norte, 742. O Brasil não conseguiu classificar-se.

PORTUGAL

Continuação da pág. 16

próximo dia 14. Mais notícias dos **verde-brancos**: extinta a secção de ciclismo, os dirigentes Amílcar Cantarinha e António Coutinho passam a integrar o bloco da secção de andebol, dirigido por Adriano Mesquita. Carlos Lopes é o convidado de honra do almoço do Grupo «Os Cinquentenários», que se efectua no próximo sábado. Quanto à «Onda verde 76»: terá início a 3 de Abril prolongando-se até 10 de Junho. Em futebol, conta-se com a intervenção de perto de 4000 miúdos, actuando um grupo francês (o Roubaix) na fase final do torneio. A ginástica fará um festival, no átrio da Fundação Gulbenkian e sessões de motivação em praias e recintos públicos, além de se deslocar à Alemanha Federal. Estão programadas sessões demonstrativas de «Taekwon-Do», em escolas, universidades e jardins públicos, com um campeonato interno a realizar-se em várias localidades do país (finais em Lisboa, Porto e Setúbal), haverá uma «Grande Noite das Artes Marciais» (com lugar para demonstrações de boxe, esgrima e jogo do pau, além, evidentemente, de artes marciais), com a participação de equipas de combate da Coreia e do Canadá, competições de ténis de mesa (eventualmente em colaboração com atletas chineses), torneios de xadrez em estabelecimentos de ensino, e disputa da taça «Victor Buescu», além de uma simultânea-gigante sob a arquibancada de Alvalade. Ainda por estruturar, outras iniciativas, que visam as secções de andebol, basquetebol, atletismo, tiro ao arco, boxe, hóquei em patins e pesca desportiva.

FESTA

Na festa de inauguração da luz eléctrica no seu estádio, o Barreirense bateu o Belenenses (2-1) fazendo gala de uma óptima exibição.

JUNIORES

Talvez por razões financeiras, o Desportivo da Companhia União Fabril não compareceu em Faro, perante o S. Luis, no jogo que lhe competia para o nacional de futebolistas juniores. Resultados da ronda: V. Guimarães-Sanjoanense, 4-0 SL Nelas-Boavista, 0,3; Académico-Varzim, 2-0; Lourosa-Leixões, 0-1; Amarante-Sp. Braga, 1-2; Marco-F.C. Porto, 1-3; Peniche-Belenenses, 1-0; Sporting-Atlético, 5-9; Sp. Farense-U. Coimbra, 3-0; E. Portalegre-V. Setúbal, 0-6; Benfica-Sesimbra, 11-0 e S. Luis-CUF, V-FC Braga (Norte) e Benfica (Sul) comandam as respectivas classificações.

DAMAS

O guarda-redes sportinguista Damas, a terminar o seu contrato com Alvalade, é futebolista pretendido. Depois do Porto e de mais duas colectividades portuguesas, aparece o interesse do Vasco da Gama (Brasil) pelo concurso do «capitão» verde-branco.

SINDICATO

Mais uma reunião de futebolistas profissionais: hoje, pelas 18 horas, no Sindicato da classe (Av. Visconde Valmor, 34, 1.º D, em Lisboa) para discussão de problemas importantes para a classe.

ESTORIL

Estoril Praia-Salgueiros (Medeiros face a Meirim) é o **prato de resistência** do festival futebolístico que vai ocorrer amanhã, à tarde, no campo «António Coimbra da Mota». Antes (16 horas) jogam os veteranos estorilistas com os colegas do Belenenses.

CICLISMO

Joaquim Agostinho, correndo por uma marca espanhola de esfregões para cozinha, foi 2.º colocado no prólogo da «Volta ao Levante» José Martins foi 19.º e Fernando Mendes ficou em 20.º

MUDANÇA

Manuel de Oliveira deixa o comando técnico dos futebolistas do Sporting de Espinho e parte rumo ao Farense. O seu lugar passa para Mário Morais.

TOTOBOLA

BOLETIM COM 13

Torres Novas - Alba	X
G. Vicente - U. Lamas	X
Salgueiros - S. Simbra	1
Almada - Espinho	1
Vasco Gama - Lamego	X
Oriental - Fanalist	X
Marítimo - Paredes	X
Torres Novas - Alba	1
G. Vicente - U. Lamas	2
Salgueiros - S. Simbra	1
Almada - Espinho	1
Vasco Gama - Lamego	X
Oriental - Fanalist	X

Geral

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

SER OU NÃO SER FERIADO A 3.ª-FEIRA DE CARNAVAL

CAMARADAS:

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, alerta os trabalhadores dos sectores dos Têxteis, dos Lanifícios e o Vestuário, das Tinturarias e das Lavandarias para as manobras que o Governo está a fazer, com nítido intuito de DIVIDIR PARA REINAR.

Assim após a luta desencadeada por melhores condições de trabalho os trabalhadores conseguiram que nos seus contratos (Texteis, Lanifícios, Vestuário, Tinturarias/Lavandarias e outros) houvesse um conjunto de feriados, para o qual lutavam há vários anos. Entre esses feriados está a TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL. É com grande espanto nosso que o Governo, sem consultar os trabalhadores que são os principais interessados, mas dando ouvidos à C.I.P. faz sair um decreto (713/A de 19 de Dezembro de 1975) que revoga — Art.º 3.º

> «Consideram-se nulas e de nenhum efeito as cláusulas dos instrumentos de regulamentação colectiva vigentes ou futuros que estabelecem feriados diferentes dos indicados neste diploma».

No entanto a nossa surpresa é ainda maior quando OS SENHORES MINISTROS em Conselho de Ministros de 24/2/76 deliberaram:

> «Que na terça-feira de carnaval haja tolerância de ponto nos serviços públicos».

COM QUE INTENÇÃO?
DIVIDIR PARA REINAR

Nós já não aceitávamos o Decreto por o considerarmos antioperário, porém agora é que ele perdeu qualquer valor.

Lá diz o povo: «Ou há moralidade ou comem todos...»

CAMARADAS NÃO NOS DEIXEMOS LUDIBRIAR POR TAIS MANOBRAS
TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL, FERIADO PARA TODOS OU PARA NINGUÉM.

PEL' A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

Assembleia Geral Extraordinária

Nos termos estatutários convoco a Assembleia Geral para reunir em sessão extraordinária, no próximo dia 6 de Março, às 15.00 horas, no salão da Voz do Operário, Rua Voz do Operário — em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Congresso dos Trabalhadores Texteis.
2.º — Política salarial e contratação colectiva.
3.º — Horário nacional.
4.º — O papel dos jovens no Movimento Sindical.
5.º — Informações diversas.

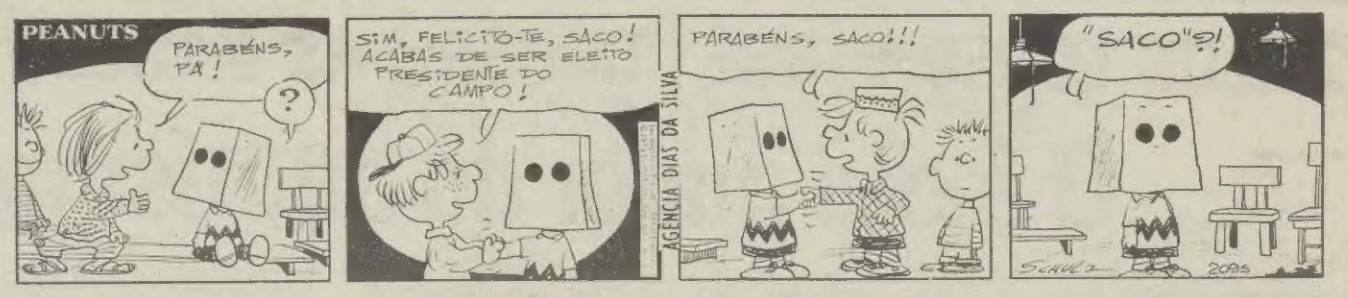
NOTA: Nos termos estatutários se à hora marcada, não estiver presente a maioria dos sócios a Assembleia funcionará meia-hora depois com qualquer número.

TODOS À VOZ DO OPERÁRIO DIA 6!

— Em frente pelo congresso têxtil!
— Contra o aumento do custo de vida!
— Contra o congelamento da contratação!
— A luta continua!
— Unidos e organizados venceremos!

Lisboa, 26 de Fevereiro 1976
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

(António Cunha das Rosas)



C.I.P. quer "Contrato Social"

O presidente da Assembleia Geral da Confederação da Indústria Portuguesa (C. I. P.), Vasco de Melo, propôs o estabelecimento de «um contrato social» entre o Governo, os sindicatos e os empresários em que as regras do jogo fossem bem definidas, acordadas entre os três e rigorosamente mantidas».

A proposta foi feita ontem no decorrer de uma assembleia desta confederação de empresas privadas, destinada à aprovação do «plano de acção para 1976», subordinado ao princípio «reabilitar a imagem da indústria privada em Portugal».

No seu plano, a C.I.P. prevê estudos e definições de políticas sobre o poder na empresa e a democracia industrial, dando prioridade a temas como «a definição concreta do controlo operário» e «situações de conflito (determinação dos custos sociais e económicos)».

Segundo a C.I.P., «numa sociedade em que se reconheça à livre iniciativa um papel fundamental no desenvolvimento», torna-se indispensável «reabilitar a imagem da indústria privada e do papel da livre empresa, garantir-lhe a possibilidade de acompanhamento e participação permanente na política do Governo e institucionalizar mecanismos tripartidos (Governo, sindicatos, patrões) destinados a resolver os problemas sociais».

A presença nesta sessão dos ministros das Finanças, Indústria e Tecnologia, Trabalho e Comércio Externo, que estava prevista, não se verificou devido à realização de uma sessão extraordinária do Conselho de Ministros.

Novo recenseamento para emigrantes

Será efectuado novo recenseamento eleitoral para 1976, no que respeita aos cidadãos portugueses residentes no estrangeiro.

Esta alteração ao Decreto-Lei n.º 93-A, de 26 de Janeiro, foi feita através de novo decreto, em cujo preâmbulo se considera que se mostram insuperáveis a curto prazo as dificuldades que decorreriam da actualização do recenseamento eleitoral anterior.

BARES • BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859/368197. Tina, Strip-tease-seuse.
CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 261461/164526/264596/264621/264946.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado o vento era fraco moderado predominando de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima 19º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 2,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,5º
Atmosfera 8º

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Sueste

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO	12º
COIMBRA	12º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	8º
FARO	13º
FUNCHAL	15º

MARÉS DE HOJE

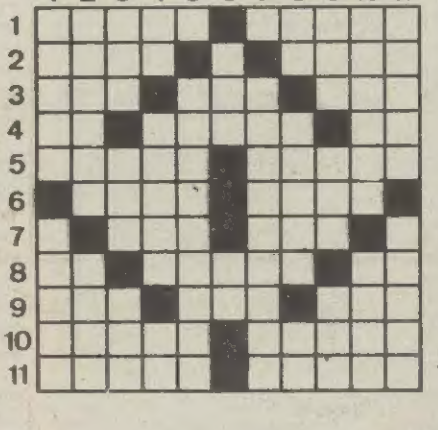
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.29	4,1 m	10.06	0,9 m
16.50	3,9 m	22.17	0,9 m
Dia 2			
5.04	4,1 m	10.37	0,9 m
17.23	4,0 m	22.49	0,9 m
Dia 3			
5.37	4,1 m	11.08	0,9 m
17.54	3,9 m	23.22	0,9 m

AMANHÃ
NASCER ÁS 8.08
OCASO ÁS 19.31
DIA 1 | DIA 9 | DIA 16 | DIA 22

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 309



HORIZONTAIS:

1 Argila. Conclui.
2 Bisnaga. Lavrar.
3 Recusa. Ente. Reune.
4 Preposição latina que designa movimento. Leitos. Tempo do verbo haver.
5 Limpam com água. Enxugar.
6 Tempo do verbo ser. Dar pios.
7 Senhor em inglês. Anel.
8 Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Ave trepadora. Lutécia (s.q).
9 Grande quantidade. Rio da Sibéria. Um dos pontos cardeais.
10 Mova. Perfume.
11 Nome de frutos. Sugues o leite materno.

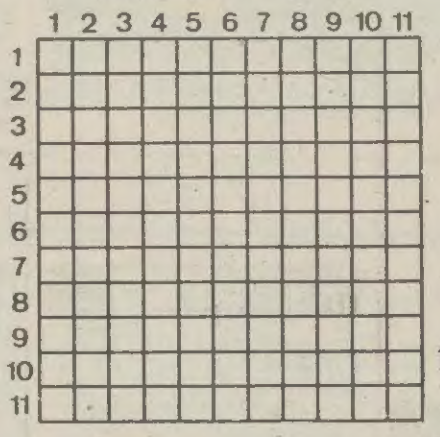
VERTICAIS:

1 Comum. Votar.
2 Queridas. Chaminé.
3 Curso de água natural e abundante. Lês. Víscera dupla.
4 Letra grega. Freguesia do concelho de Belmonte. Basta.
5 Indivíduo muito gordo (pl. e pop).
6 Preposição. Prefixo que designa afastamento.
7 Alisariam.
8 Aqui. Cesto tecido de esparto onde se deita a azeitona para a espremer. Rádio (s.q.).
9 Sapo do Amazonas. Calote (pop). Modo (fig).
10 Molhar. Clarão.
11 Limpar metais. Saltas.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7469



HORIZONTAIS:

1 Recua. Leões da América.
2 Ruins. Nacos.
3 Cidade de Espanha. Lutécio (s.q).
4 Nome de mulher. Fruto da ateira.
5 Artigo definido. Pêlos de certos animais. Gostar muito de.
6 Dite. Saca.
7 Grama. Campos.
8 Adoçar ou untar com mel. Vossa Senhoria.
9 Apreciariam.
10 Medicina. Obra crítica, picante, irónica ou jucosa. (pl.).
11 Anéis. Volumes.

VERTICAIS:

1 Amónio (s.q). Um dos nomes de um rio da África equatorial. Cânhamo de Manila.
2 Cabelos brancos. Ribeira de Portugal. Preposição.
3 Empreguem. Terror.
4 Cartas de jogar.
5 Dança popular brasileira. Pronome pessoal.
6 Riscaram.
7 Garra. Excita.
8 Dá mios. Arara. Suspiros.
9 Antes de Cristo. Estimas. Abreviatura da palavra inglesa mistress.
10 Dispara. Autores.
11 Transpirarias. Abreviatura de Santíssimo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 308

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Copas. Leito.	1 Ca. Pilar. Ás.
2 Amarelasses.	2 Omo. Mau. Cró.
3 Oro. Tau.	3 PARA. Aira.
4 Assacar.	4 Aros. Moer.
5 Im. Ora. Ama.	5 Sé. Soara. Dá.
6 Lasca. Co. El.	6 Luar. Irão.
7 Au. Rias. Sa.	7 La. CAÇAR. No.
8 Amarrar.	8 Esta. Osa. Dá.
9 Cio. Ua.	9 Isara. Ruas.
10 Arredondara.	10 Teu. Mês. Ari.
11 Soara. Oásis.	11 Os. CALAR. Ás.

Provérbio: PARA CAÇAR, CALAR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7468

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Oval. Arnas.	1 Obá. Pai. Mim.
2 Baraça. Ota.	2 Vá. Cerco. Ma.
3 Aramara.	3 Arçar. Adoar.
4 Carlota. Rs.	4 La. Ruaras.
5 Perua. Cás.	5 Cala. Olaia.
6 Ar. Ama. Fo.	6 Aaro. Iça.
7 Ícaro. Om.	7 Atum. Sara.
8 Odalisca.	8 Noma. Arc. Ar.
9 Osaca. Ser.	9 Ata. Asse.
10 Imã. Iaras.	10 Sarrafo.
11 Maria. Áreas.	11 Assomaras.

ÃO GERAL ATÉ
DE AMANHÃ

eralmente pouco nublado
po: vento fraco ou mode-
e Sueste

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.08
OCASO ÁS 19.31

DIA 9 | DIA 16 | DIA 22

TICAIS:

Comum. Voter.
Queridas. Chaminé.
Curso de água natural e abundante. Lês. Víscera dupla.
Letra grega. Freguesia do concelho de Belmonte. Basta.
Indivíduo muito gordo (pl. e pop).
Preposição. Prefixo que designa afastamento.
Alisariam.
Aqui. Cesto tecido de esparto onde se deita a azeitona para a espremer. Rádio (s.q.).
Sapo do Amazonas. Calote (pop). Modo (fig).
Molhar. Clarão.
Limpar metais. Saltas.

RTICAIS:

Amónio (s.q). Um dos nomes de um rio da África equatorial. Cânhamo de Manila.
Cabelos brancos. Ribeira de Portugal. Preposição.
Empreguem. Terror.
Cartas de jogar.
Dança popular brasileira.
Pronome pessoal.
Riscaram.
Garra. Excita.
Dá mios. Arara. Suspiros.
Antes de Cristo. Estimas.
Abreviatura da palavra inglesa mistress.
Dispara. Autores.
Transpirarias. Abreviatura de Santíssimo.

O PROBLEMA N.º 7468

TAIS: VERTICAIS:

Arnas. 1 Obá. Pai. Mim.
. Ota. 2 Vá. Cerco. Ma.
ra. 3 Arçar. Adoar.
a. Rs. 4 La. Ruaras.
Cás. 5 Cala. Olaia.
na. Fo. 6 Aaro. Iça.
Om. 7 Atum. Sara.
ca. 8 Noma. Arc. Ar.
. Ser. 9 Ata. Asse.
eras. 10 Sarrafo.
Áreas. 11 Assomaras.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO M-1

TODA A NOITE

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (Tel. 712682)
AMOREIRAS
D. João V, Rua D.João V, 16 (Tel. 682772)
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46-B (Tel. 821653)
AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Tel. 801478); Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 1 (Tel. 727721).
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (Tel. 41845).
BELÉM
Remísio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Tel. 631699).
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 67-E (Tel. 702532).
CAMPOLIDE
Central de Campolide, Rua General Taborda, 17 (Tel. 680304).
OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Tel. 31109).
PENA
Americana, Calçada de Santana, 3 (Tel. 863984).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef. 720703-728395).
S. BENTO
Confiança, Praça das Flores, 59 (Tel. 690401).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sírius, R. Fialho de Almeida, 38-A, junto da Escola Técnica do Bairro Azul (Tel. 44000).
SETE RIOS
Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035).

TURNO M-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCÂNTARA
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (Tel. 538625).
ALVALADE
Aviz, Av. de Roma, 56-B (Tel. 715370).
AREEIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-B (Tel. 534027)
BAIRRO ALTO
Azevedo, Irmão e Veiga, Rua da Misericórdia, 24 (Tel. 323540).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216).
BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548).
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria, 16, 98-B (Telef. 688807).
CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10 (Tel. 771661).
CONDE REDONDO
David, R. Conde Redondo, 68 (Tel. 54342).
GRAÇA
Renascença, Rua Damasceno Monteiro, 104-A (Tel. 831504).
LAPA
Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105 (Tel. 664414).
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480).
S. VICENTE
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 864351).
XABREGAS
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385204).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R.António Granjo, 2 (T.213161)
PAÇO DE ARCOS
Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Toda a noite
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Loal. Até às 22 horas
CARCAVELOS
Central. Toda a noite
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.das Caixas de Previdência (T.2472948). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Suíça, Cruzeiro (T.260087). Toda a noite
CASCAIS
Misericórdia, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 22 horas; Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P.28 de Maio, 3-A (T.935518); Carmele, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); Helénica, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); S.Jorge, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.938703)
DAMAIA
Lemos, R.de Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
Zeller, R.da República, 83 (T.950045)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, E.de Mem Martins, 173-B (T.2914103)
S PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Marrazes, Vila (T.2930155)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204250)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T.2766498)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E.Nacional, 244-A (T.2040141)
BARREIRO
Cerqueira Afonso, P.5 de Outubro, 18 (T.2750254)
COVA DA PIEDADE
Soares, Av. da República, 1 (T.2073023)
MOITA
Silva Rocha, P.da República, 16 (T.239029)
MONTIJO
Montepio, R.Almirante Reis, 93 (T.2310035)
SESIMBRA
Lopes, R.Cândido dos Reis, 21 (T.2233028)
SETÚBAL
Marques, R.Arronches Junqueiro (T.22783); Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12 (T.24558)
SEIXAL
Godinho, L.da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 11

ATÉ ÀS 22 HORAS

Campos, R.Padre Luís Cabral, 943, Foz; Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 16 Maia, R.do Campo Alegre, 192 Monte dos Burgos, R.do Monte dos Burgos, 802 Aliança, R.da Conceição, 2 Botelho, R.da Alegria, 863 Estácio, R.Sa da Bandeira, 120; Lidador, R.do Lidador, 171

TODA A NOITE

Menezes de Lima, P.Dr. Pedro Teotonio Pereira, 227 Clérigos, R.dos Clérigos, 36 Cruz, R.de Costa Cabral, 1082 Guaraní, R.Pedro Hispano, 367

COIMBRA

CRUZe COSTA — Rua Antonio Vasconcelos, 71 — Tel. 22715; SILVA SOARES — Rua Mouzinho de Albuquerque, 26-Tel. 71454; VILAÇA — Rua Ferreira Borges, 132 — Tel. 22043.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
1.ª Companhia Internacional de Circo 1976
ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«Taran-Tan-Tan não Enche Barriga»
MARIA VITÓRIA
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Força, Força Camarada Zé!»
MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Schweyk na II Guerra Mundial»
CAPITÓLIO
20.30, 22.45 (18 anos)
«Mostra-me a tua Piscina»
ABC
20.30, 22.45 (18 anos)
«Afinal ç como É?»
MONUMENTAL
21.45 (13 anos)
«Família Até Certo Ponto!»
VILLARET
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Godspell»

LISBOA/Cinemas

CINE-BOLSO
21.30 (18 anos)
«Kermesse Erótica»
S.LUIZ
21.15 (13 anos)
«Benilde ou a Virgem Mãe»
SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«Delícias Turcas»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Aventuras e róticos dos 3 Mosquiteiros»
EUROPA
21.30 (13 anos)
«Os Malucos Vão à Guerra»
PROMOTORA
21.00 (13 anos)
«Curva nas Férias»
JARDIM
21.15 (13 anos)
«Voluntários à força»
LUMIAR
21.15 (10 anos)
«Carnaval Brasileiro»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
«O Ás do Volante»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«O Tigre do Karate»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«007 Agente Indecente»

PORTO/Teatros

PAVILHÃO DOS DESPORTOS
22.00 (6 anos)
«Internacional circus»
SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»
COLISEU
21.15 (6 anos)
Grande Companhia Internacional de Circo

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.15 (6 anos)
«Um Dia nas Corridas»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aáina»
RIVOLI
21.15 (6 anos)
«Sim, Sim, Meu Coronel»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«A Linguagem do Amor»
S.JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Estalagem do Prazer»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Histórias de Faca e Alguidar»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«O A.B.C. do AMor»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«A Religiosa»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«Paulo, o Quente»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Vício»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«A Grande Corrida à Volta do Mundo»
OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«Earam todos filhos da mãe»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Os Dois Bombeiros»
S. TEOTONIO
21.15 (13 anos)
«O Grande Ditador»
GIL VICENTE
21.15 (10 anos)
«Nem Visto Nem Achado»
AVENIDA
21.15 (6 anos)
«Os Malucos Vão à Geurra»

cinemas

CASTIL
T.530194 15.30, 18.30 e 21.15
Int. a men. 18 anos
MÓNICA E O AMOR
c/ Glória Guida, Paolo Carlini
Real. Mário Imperoli

IMPÉRIO
T.555134 18.30, 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
67 DIAS Panavision
Para todos
Preços normais
Hoje e amanhã
às 15.15 horas, com o
«FESTIVAL DO OESTE»

ROYAL
T.865037 15.15 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
VOLUNTÁRIOS À FORÇA
Carnaval - cinema e baile

POLITEAMA
T.326305 Às 21.30
Não acons. men. de 18 anos
CAMILLE
Às 15.30 Maiores de 6 anos
DONALD E COMPANHIA

VOX
T.720808 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
O MALUQUINHO DO SEXO
Um filme de Marco Vicário
3.ª semana em delírio

ROMA
T.727778 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A MATULONA
c/Elwège Fenech

D. JOÃO V DAMAIA
Tel. 971794 21.00
Grupo C-M. 14 anos)
CARNAVAL-CINEMA-VARIEDADES-BAILE

S. LUÍS
T. 327172 18.30, 21.30
Class-todos
A CANÇÃO DE LISBOA
c/Vasco Santana e Beatriz Costa

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Para todos
Festival Jerry Lewis
O HERÓI DO REGIMENTO
Um filme de Jerry Lewis

EDEN
T.320768 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
Quanto mais prima...
«PECADOS EM FAMÍLIA»
c/ Simonetta Stefanella, Michele Placido

ODEON
T.326283 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores 18 anos
Extraordinária reaparição da famosa SARA MONTIEL na maliciosa
5 ÀLMOFADAS PARA UMA NOITE
Tinha 5 amantes. Mas logo fugiram quando ela disse estar grávida, quem era o pai?

APOLO 70
T.763319 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA
10.ª semana
Hoje às 24 h (Grupo D - M/18 anos)
A TERRA PROMETIDA

CASINO ESTORIL
T.264621 15.30, 18.15
Para todos (m. 6 anos)
A CAIXINHA DAS SURPRESAS

S. JORGE
T.54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
COM JEITO VAI NA FARRA
c/Elke Sommer e Kenneth Williams

RESTELO
T.610375 21.00
Para todos
A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ
Amanhã o mesmo programa

AVIS
T.47163 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
Para todos (M de 6 anos)
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
15.ª semana
Amanhão mesmo programa

CARLOS MANUEL SINTRA
T.2930394 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
O ÁS DO VOLANTE

ESTÚDIO
T.555135 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
Michel Picolli-Annie Girarchot
DILLINGER MORREU
Um filme de Marco Ferreri

ESTÚDIO 444
T.779095 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
O RALLYE DAS GOZONAS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
10.ª semana

MUNDIAL
T.538743 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
«O MATRIMÓNIO»
Visto por Claude Lelouch

UNIVERSAL
T.774402 15.00, 19.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
DEUS PÁTRIA AUTORIDADE
de Rui Simões
Às 17 e 23 h
Não acons. men. 18 anos
SANGUE CONDOR

CONDES
T.322523 14.00, 16.30, 18.45 e 21.45
Não acons. a men. de 13 anos
Ele aí está — tremendo — Bud Spencer
O INSPECTOR MARTELADA

BERNA
T.776098 14.00,16.30,19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Todos temos necessidade de amar...
TERNURA E VIOLÊNCIA
um filme de Philippe Labro

LONDRES
T.801313 14.15, 18.00 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
CENAS DA VIDA CONJUGAL
com Liv Ulhmann e Bibi Anderson

ROXY
T.48560 14.15,16.30,18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ROMANCE POPULAR
c/Hugo Tognazzi e Osnella Muti
Realização de Mário Monicelli

TIVOLI
T.570596 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Todos temos necessidade de amar...
TERNURA E VIOLÊNCIA
Um filme de Philipe Labro

ALVALADE
T.897480 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a men. 13 anos
Ele aí está — Bud Spencer
O INSPECTOR MARTELADA
com Raymond Pellegrim
2.ª Semana

PATHÉ
T.821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
Quente como fogo, duro como aço
JUSTIÇA DE MULHER
Em 2.ª semana
Hoje às 24.00 Int. a men. 13 anos
JUSTIÇA DE MULHER

NIMAS
T.574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Não acons. a men. de 13 anos
NÃO TOQUES NA MULHER BRANCA
Um filme de Marco Ferri
6.ª semana
Hoje, amanhã,
Matinée infantil às 11.00 P.todos
MELODY

rádio

1.º Programa
15.00 Painel da tarde
18.00 Melbias
18.30 Temas sobre a condição de retornado
19.00 Música variada
20.00 Jornal da noite
21.00 6.º episódio do folhetim «A Noite e a Madrugada», de Fernando Namora, numa adaptação de Judith Navarro — painel da noite
00.00 Último jornal
00.30 Retrospectiva
01.00 Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite
02.00 Música na noite

2.º Programa
16.00 Ópera
16.58 Música de câmara
18.00 Música portuguesa
19.00 Música de cravo
19.18 Música de bailado
20.00 Solos de piano
20.33 Suite para orquestra
21.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
22.00 Música sinfónica
23.00 Mudança do MF 2 de Mono para Estéreo — intercâmbio musical
23.40 Suite para piano, op. 25, de Schönberg
23.59 Música sinfónica
01.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

Emissão contínua — Onda Média (Lisboa), 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência (Lisboa), 93,2 MHz

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

NETO NO REGRESSO A LUANDA

"Não haverá compromisso com Pretória"

«Fomos agredidos. Não nos compete a nós dar garantias» — disse ontem à tarde em Luanda o presidente Agostinho Neto referindo-se à situação no Sul do seu país, de onde se anuncia que as tropas sul-africanas só retirarão depois de obterem garantias do Governo da República Popular de Angola quanto ao futuro do esquema de aproveitamento hidroeléctrico do Cunene.

Dirigindo-se a uma enorme multidão que acorreu a saudá-lo após o seu regresso de Brazaville, onde assinou um acordo de normalização de relações com o Zaire, o dr. Agostinho Neto mostrou-se intransigente quanto à presença das forças de Pretória no território do seu país. «O nosso povo não tolerará a sua presença por muito tempo», disse.

Ainda quanto à questão do esquema de aproveitamento do Cunene, frisou: «Não nos compete a nós formular garantias. As instalações sobre o rio Cunene não servem a África do Sul, mas sim a Namíbia e os sul-africanos não são representantes do povo namibiano. É com este que nós trateremos das questões que dizem respeito à barragem do Cunene».

Numa altura em que as forças populares angolanas se encontram separadas das tropas racistas por um corredor com menos de 200 quilómetros de largura, as declarações do presidente da República Popular de Angola deixam antever a possibilidade de um violento confronto armado, a menos que Pretória opte por uma posição realista. Apesar da intransigência que transparece das afirmações do dr. Agostinho Neto, os observadores consideram que não foram fechadas todas as portas, dado que o M.P.L.A. continua a garantir a segurança do empreendimento do Cunene. «Não está, certamente, no nosso interesse destruir as instalações que se encontram em território angolano. Portanto não faz sentido pedirem-nos garantias», afirmou, nomeadamente, o presidente Neto.

RELAÇÕES COM O ZAIRE

Enquanto a presença sul-africana no Sul continua a contribuir para a manutenção de uma ameaça permanente de guerra naquela área, na zona das fronteiras norte e leste a situação desanuvia-se depois da normalização das relações Luanda-Kinshasa, a qual é acompanhada da garantia da retirada de todo o apoio do Zaire à F.N.L.A. e U.N.I.T.A., com a expulsão dos dois movimentos daquele território.

O reconhecimento da República Popular de Angola pelo Zaire e o estabelecimento de relações entre os dois Estados resultou do encontro havido no sábado em Brazaville entre os presidentes Agostinho Neto e Mobuto Sese Seko, sob os auspícios do líder da República Popular do Congo, Marien N'Gouabi.

O comunicado final indica que a decisão dos dois países foi tomada tendo em consideração os seguintes pontos, sobre os quais chegaram a um acordo:

«As duas partes facilitarão, num prazo razoável, o regresso dos refugiados dos dois países e fazem um apelo ao Alto-Comissário das Nações Unidas para os Refugiados para que coopere nesta operação. Os Governos angolano e zairense garantem a segurança destes refugiados».

«As duas partes comprometem-se a não permitir a organização de nenhuma actividade militar a partir do seu território, contra o país vizinho».

«A parte angolana congratula o Zaire pela sua justa posição quanto à expulsão e ao trânsito dos mercenários».

«A parte angolana confirma a sua contade de cooperar com os países vizinhos em todos os domínios e, em particular, de garantir a utilização das vias de comunicação comuns».

«As duas partes chegaram a um acordo quanto às medidas a tomar ao longo da fronteira comum, tendo em vista garantir a confiança mútua e a segurança de cada Estado».

Guiné-Bissau já tem moeda própria

Continuação da pág. 1

concedidos na Guiné pelo Banco de Fomento Nacional e pela questão das pensões dos antigos funcionários do quadro colonial.

Em todo o território da Guiné-Bissau a actividade do Banco Nacional Ultramarino cessou a partir de ontem, com a passagem do privilégio emissor e do exclusivo das operações bancárias para o Banco Nacional da Guiné. O passivo e o activo do B. N. U. naquela ex-colónia foram transferidos para o seu banco nacional, com excepção de todos os créditos datando da era colonial.

A nova moeda guineense, o peso, tem o mesmo valor do escudo da Guiné, está dividido em centavos e circulará em notas de 50, 100 e 500 escudos.

Entretanto, as moedas actualmente existentes de 50 centavos, 1 escudo, dois escudos e meio, 5, 10 escudos e 20 escudos continuam em circulação.

As operações de transferência principiaram em Bissau às onze horas de ontem com a entrega pelo governador do Banco Nacional da Guiné, de uma carta ao gerente da dependência do B. N. U. informando da decisão. Simultaneamente, em Lisboa, era entregue uma nota idêntica ao B. N. U. pedindo também a nomeação de um liquidatário ao governador do Banco de Portugal. De todas estas operações foi ainda dado conhecimento verbal ao embaixador de Portugal em Bissau, que para o efeito foi chamado, ao fim da tarde de ontem, ao Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros.

Segunda Internacional no Porto

A Social-Democracia Europeia estará reunida no Porto nos próximos dias 13 e 14 de Março, representada pelos secretários-gerais de partidos social-democratas e socialistas da Europa, alguns deles membros de Governos de diversos países.

O encontro é promovido pelo «Comité para a Defesa da Democracia em Portugal» que tem como presidente o secretário-geral do Partido Social-Democrata Alemão, Willy Brandt, e subordinar-se-á ao tema «Portugal e a Europa».

Está prevista a participação do primeiro-ministro sueco Olof Palme, chanceler austríaco Bruno Kreisky, primeiro-ministro dinamarquês Anker Jorgensen, primeiro-ministro holandês Joop Den Uyl, secretário-geral do Partido Socialista Francês, François Mitterrand, secretário-geral do Partido Socialista Italiano, Francesco de Martino, secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol, Felipe Gonzalez, e naturalmente, do secretário-geral do Partido Social Democrata Alemão, Willy Brandt.

O convite para a reunião partiu do secretário-geral do Partido Socialista Português, dr. Mário Soares, que, antecipando-se ao pensamento de diversos observadores políticos, sublinhou em declarações públicas que este encontro, «não obedece a qualquer estratégia eleitoral do P. S. porque a ser assim, representaria uma ingerência nos assuntos internos do país, o que não se pretende.»

De acordo com um matutino de Lisboa, o P. S. possivelmente realizará antes um comício onde serão abordados os pontos a debater na reunião dos sociais-democratas europeus.

CUNHAL À CHEGADA DE MOSCOVO

Evitar o regresso ao fascismo passa por aliança P.S.-P.C.P.

«Pensamos que é necessário unir em Portugal todas as forças interessadas no processo democrático, que queiram evitar um golpe fascista, defender as liberdades e aquelas conquistas da revolução que consideramos essenciais como a Reforma Agrária, as nacionalizações e o controlo operário, e dentro desse processo pensamos ser importante uma aliança entre comunistas, socialistas e o M. F. A., além de outras forças democráticas» afirmou esta madrugada à sua chegada a Lisboa o dr. Álvaro Cunhal, após a visita que fez à Checoslováquia, Roménia, Bulgária, Jugoslávia e União Soviética. Neste último país Álvaro Cunhal participou no 25.º Congresso do Partido Comunista da U. R. S. S., onde foi o primeiro representante dos países ocidentais a usar da palavra logo a seguir a Fidel Castro.

Prosseguindo nas suas declarações à chegada o secretário-geral do P. C. P. referiu que a grande dificuldade para a unidade com os socialistas tem sido a direcção do P. S. «que infelizmente não facilita, nem sequer os contactos e a cooperação a nível de fábricas e de localidades, em que muitas vezes um militante socialista sente necessidade de fazer connosco».

«Os socialistas — salientou — têm que se convencer disso se não quiserem ir para a direita. Se não quiserem facilitar a restauração de uma ditadura fascista e o regresso ao passado, têm de se unir aos comunistas e aos militares pois isso é essencial para defender as liberdades em Portugal e as outras conquistas da Revolução.»

AS RELAÇÕES P. C. P.-U. R. S. S.

Numa entrevista concedida em Moscovo à Agência Novosti, Álvaro Cunhal sublinhou que a Revolução portuguesa é considerada nos mais amplos círculos progressistas como uma valiosa contribuição para a luta dos povos do mundo pela liberdade, a democracia, a paz, a independência nacional e o socialismo». Os acontecimentos comprovaram cada dia esta verdade».

O RECONHECIMENTO DE ANGOLA

A uma pergunta sobre a posição do papel do P. C. P. face à luta dos povos das ex-colónias portuguesas pela sua liberdade, no passado, e qual a posição actual no que se refere às relações desses novos países com Portugal, o dr. Álvaro Cunhal respondeu que o P. C. P. sempre defendeu firmemente o direito dos povos submetidos ao colonialismo português à autodeterminação e à independência e sempre foi activamente solidário para com a luta dos povos de Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e de outros territórios e para com a Frelimo, o M. P. L. A. o P. A. I. G. C. nos quais «sempre reconheceu e reconhecerá os partidos revolucionários que representam legitimamente os povos respectivos. «Mesmo nos momentos mais difíceis — acentuou Álvaro Cunhal — sempre expressamos a nossa inteira confiança na sua vitória. Os factos mostram a justeza da nossa orientação.»

Depois de afirmar que «as forças reaccionárias ressuscitam hoje a noite fascista e colonialista e falam como se estivéssemos na era do império colonial» o secretário-geral do P. C. P. afirmou que o reconhecimento do Governo da R. P. A. «foi a única atitude servindo os interesses nacionais e o que se pode criticar é o atraso desse reconhecimento» e a hostilidade para com a R. P. A., o seu Governo e o M. P. L. A., assim como para com os Estados formados nos países antes submetidos ao colonialismo português «é diametralmente contrária aos interesses portugueses».

Para as eleições de Abril

Conhecidas as primeiras candidaturas

Quatro ministros, sete secretários de Estado e quatro ex-ministros deve apresentar o Partido Socialista nas suas listas de candidatos pelos vinte círculos eleitorais nas próximas eleições para a Assembleia Legislativa. Os mais destes nomes deverão encabeçar as listas de que fazem parte.

Os quatro ministros candidatos são Lopes Cardoso (Agricultura), que deverá encabeçar a lista do P. S. pelo círculo Beja; Jorge Campinos (Comércio Externo), primeiro nome do P. S. pelo círculo do Funchal; Walter Rosa (Indústria e Tecnologia), segundo nome do P. S. pela lista de candidatos de Leiria; e Salgado Zenha (Finanças), segundo nome dos candidatos do P. S. pelo Porto. Os secretários de Estado do VI Governo que o P. S. proporá como candidatos à Legislativa são Armando Bacelar (Justiça) primeiro nome em Braga; Machado Rodrigues (Transportes), primeiro nome de Évora; Luís Madeira (Turismo) e Pedro Coelho (Pescas), primeiro e segundo nomes da lista de Faro; Ferreira Lima (Administração Interna), terceiro nome por Santarém; Tito de Morais (Desemprego), segundo nome por Viana e António Barreto (Comércio Externo), cabeça de lista em Vila Real. Entre os candidatos cujos nomes o P. S. já divulgou figuram nomes que foram membros do Governo: Raul Rego, que teve a pasta da Comunicação Social logo a seguir a 25 de Abril é o primeiro nome por Bragança; Torres Campos (que foi secretário de Estado da Indústria e Energia no III GP e encabeça a lista da Guarda; Emílio Rui Vilar, que foi ministro da Economia e é o terceiro nome que o P. S. propõe no Porto, e naturalmente Mário Soares, que é o primeiro nome entre os candidatos pelo círculo de Lisboa.

Outros nomes que encabeçam as listas do P.S. nos respectivos distritos: Borges Nunes (Angra do Heroísmo), Carlos Candal (Aveiro), Albano Pina e António Gueterres (Castelo Branco), Vasco da Gama Fernandes (Leiria), Jaime Gama (Ponta Delgada), António Macedo (Porto), António Reis (Santarém), Aires Rodrigues (Setúbal), Oliveira e Silva (Viana do Castelo) e Álvaro Monteiro (Viseu). Não se conhece o nome que encabeçará a lista do distrito da Horta.

Relativamente a outros partidos, apurámos que o C.D.S. que ainda não escolheu todos os seus candidatos, tenciona apresentar as listas até ao próximo dia 6. Alguns independentes, nomeadamente o general Galvão de Melo, constarão dos nomes a apresentar pelo C.D.S.

Relativamente ao P.C.P., admite-se também a inclusão de candidatos independentes. Desconhecem-se por enquanto os seus nomes. Entretanto o P.C.P. tenciona apresentar todos os seus candidatos dentro do prazo estabelecido, ou seja, até sábado próximo.

nota nota

MÉTODOS DIVERGENTES EM MATÉRIA SINDICAL

O porta-voz do P.P.D., Furtado Fernandes, recomendou: «Os Sindicatos deverão sair da Intersindical e convocar um Congresso Democrático de Sindicatos, dado ser o método que mais vantajoso se afirma para desmantelar a Inter. Continuar nessa contral, como preconiza o P.S., para a transformar por dentro, é deixar-se enredar na teia que os social-fascistas habilmente montaram».

Ver: «Povo Livre», n.º 84, de 25 de Fevereiro de 1976.

Peniche festejou a "tomada" do forte

PENICHE, 1 — Um ex-preso do forte que durante tantos anos associou o nome desta vila à repressão fascista, José da Costa — conhecido, entre os penichenses, por José Padeiro — entrou no sábado na fortaleza num gesto simbólico da tomada da cadeia pelo povo.

Peniche festejou o encerramento da prisão, diante do portão principal da fortaleza, com uma grande manifestação popular, animada pela banda de Atouguia da Baleia, pelas sirenes das fábricas e dos barcos de pesca.

Falaram representantes dos Sindicatos de Pescadores e Conserveiros, o presidente da Câmara Municipal, e, em nome dos ex-presos do forte, José Vitorino, um homem que lá esteve encerrado durante 14 anos.

A partir do dia 10 a população poderá entrar livremente na ex-cadeia, segundo afirmou o presidente do Município.

Após a concentração, um cortejo percorreu as ruas da vila em ruidosa manifestação de alegria.

«MUSEU DO FASCISMO»?

Durante 46 anos «carrasco dos patriotas portugueses», o Forte de Peniche poderá, de acordo com os desejos da população da vila e de milhões de portugueses ser transformado logo que possível em «Museu do Fascismo». No entanto, há reticências quanto à concretização desse objectivo, uma vez que, neste momento, reclusos de delito comum se ocupam em obras de restauro e reparação, admitindo-se que o forte possa converter-se em presídio militar.

No comício de sábado foi aprovada uma moção que será enviada ao Presidente da República, na qual se requer que o forte deixa de ser prisão (política ou não), seja considerado monumento nacional aberto a toda a gente, e passe a figurar nos «roteiros» turísticos, para que aqueles que nos visitem possam aperceber-se do que a fortaleza foi durante os anos mais negros do fascismo.

Designed in cooperation with imagingetc.com
Linear Gray Scale
Munsell COLOR